

Oswaldo Polidoro
Reencarnação de Allan Kardec

O PENTECOSTE

O PENTECOSTE

OSVALDO POLIDORO
(reencarnação de Allan Kardec)

DEUS

Eu Sou a Essência Absoluta, Sou Arquinatural,
Onisciente e Onipresente, Sou a Mente Universal,
Sou a Causa Originária, Sou o Pai Onipotente,
Sou Distinto e Sou o Todo, Eu Sou Ambivalente.

Estou Fora e Dentro, Estou em Cima e em Baixo,
Eu Sou o Todo e a Parte, Eu é que a tudo enfaixo,
Sendo a Divina Essência, Me Revelo também Criação,
E Respiro na Minha Obra, sendo o Todo e a Fração.

Estou em vossas profundezas, sempre a vos Manter,
Pois Sou a vossa Existência, a vossa Razão de Ser,
E Falo no vosso íntimo, e também no vosso exterior,
Estou no cérebro e no coração, porque Sou o Senhor.

Vinde pois a Meu Templo, retornai portanto a Mim,
Estou em vós e no Infinito, Sou Princípio e Sou Fim,
De Minha Mente sois filhos, vós sereis sempre deuses,
E, marchando para a Verdade, ruireis as vossas cruces.

Não vos entregueis a mistérios, enigmas e rituais,
Eu Quero Verdade e Virtude, nada de “ismos” que tais,
Que de Mim partem as Leis, e, quando nelas crescerdes,
Em Meus Fatos crescereis, para Minhas Glórias terdes.

Eu não Venho e não Vou, Eu sou o Eterno e o Presente,
Sempre Fui e Serei, em vós, a Essência Divina Patente,
A vossa presença é em Mim, e Quero-a plena e crescida,
Acima de simulacros, glorificando em Mim a Eterna Vida.

Abandonando os atrasados e mórbidos encaminhamentos,
Que lembram tempos idólatras e paganismos poeirentos,
Buscai a Mim no Templo Interior, em Virtude e Verdade,
E unidos a Mim tereis, em Mim, a Glória e a Liberdade.

Sempre Fui, Sou e Serei em vós a Fonte de Clemência,
Aguardando a vossa Santidade, na Integral Consciência,
Pois não quero formas e babugens, mas filhos conscientes,
Filhos colaboradores Meus, pela União de Nossas Mentes.

À GUISA DE INTRODUÇÃO
RESUMO BÍBLICO DO BATISMO
DE ESPÍRITO, OU IGREJA VIVA
DE JESUS CRISTO

PROFECIAS:

*“Subiste ao Alto, fizeste escrava a escravidão;
tomaste dons para distribuíres aos homens,
ainda aos que não acreditavam estar Deus entre eles”.*

— Salmos, 67, 19.

*“Enviarás o teu Espírito, e serão criados.
E renovarás a face da Terra”.*

— Salmos, 103, 30.

*“Até que sobre nós se derrame o Espírito lá do alto,
e o deserto se tornará em Carmelo,
e o Carmelo será reputado como um bosque”.*

— Isaías, 32, 15.

*“Porque eu derramarei água sobre a terra sequiosa,
e rios sobre a seca;
derramarei o meu Espírito sobre a tua posteridade,
e a minha bênção sobre a tua descendência”.*

— Isaías, 44, 3.

*“E eu lhes darei um mesmo coração,
e derramarei em suas entranhas um novo Espírito,
e tirarei da sua carne o coração de pedra,
e dar-lhes-ei um coração de carne”.*

— Ezequiel, 11, 19.

*“E porei o meu Espírito no meio de vós,
e farei que vós andeis nos meus preceitos,
e que guardeis as minhas ordenanças*

e que as pratiqueis”.

— *Ezequiel, 36, 27.*

*“Eu derramarei o meu Espírito sobre toda a carne,
e os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão,
e os vossos velhos serão instruídos por sonhos,
e os vossos mancebos terão visões”.*

— *Joel, 2, 28.*

FUNÇÃO MISSIONÁRIA DE JESUS CRISTO:

“... ele vos batizará no Espírito Santo e em fogo”.

— *Mateus, 3, 11.*

*“Mas o Consolador, que é o Espírito Santo,
a quem o Pai enviará em meu nome,
ele vos ensinará todas as coisas,
e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito”.*

— *João, 14, 26.*

*“... porque se eu não for, não virá a vós o Consolador;
mas se for, enviar-vô-lo-ei”.*

— *João, 16, 7.*

O CUMPRIMENTO DA PROMESSA:

*“Mas recebereis a virtude do Espírito Santo,
que descerá sobre vós, e me sereis testemunhas em
Jerusalém, e em toda a Judéia e Samaria,
e até as extremidades da Terra”.*

— *Atos, 1, 8.*

*“E foram todos cheios do Espírito Santo,
e começaram a falar em várias línguas,
conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem”.*

— *Atos, 2, 4.*

A VIGÊNCIA DA IGREJA VIVA:

*“... e recebereis o dom do Espírito Santo,
porque para vós é a promessa, e para vossos filhos,
e para todos os que estão longe,
quantos chamar a si o Senhor nosso Deus”.*

— *Atos, 2, 38 e 39.*

*“E tendo eles assim orado,
tremeu o lugar onde estavam congregados,
e foram todos cheios do Espírito Santo,*

e anunciavam a palavra de Deus confiadamente”.

— Atos, 4, 31.

“... para que recobres a vista e fiques cheio do Espírito Santo”.

— Atos, 9, 17.

“Estando Pedro ainda proferindo estas palavras, desceu o Espírito Santo sobre todos os que ouviam a palavra”.

— Atos, 10, 44.

“E como eu tivesse começado a falar, desceu o Espírito Santo sobre eles, assim como também tinha descido sobre nós no princípio...”

— Atos, 11, 15.

“Entretanto estavam os discípulos cheios de gozo e do Espírito Santo”.

— Atos, 13, 52.

“E havendo-lhes Paulo imposto as mãos, veio sobre eles o Espírito Santo, e falaram em diversas línguas, e profetizaram”.

— Atos, 19, 6.

“Senão que o Espírito Santo me assegura por todas as cidades, dizendo que me esperam em Jerusalém prisões e tribulações”.

— Atos, 20, 23.

“... a caridade de Deus está derramada em nossos corações, pelo Espírito Santo que nos foi dado”.

— Romanos, 5, 5.

“Por eficácia de sinais e de prodígios, em virtude do Espírito Santo, de maneira que, desde Jerusalém e terras comarcãs até ao Ilírico, tenho enchido tudo do Evangelho de Cristo”.

— Romanos, 15, 19.

AS NOVE MANIFESTAÇÕES FUNDAMENTAIS:

“E a cada um é dada a manifestação do Espírito para proveito. Porque a um é dada pelo Espírito a ciência, a outro a sabedoria, a outro a fé, a outro a graça de curar as doenças, a outro a profecia, a outro o discernimento dos espíritos, a outro a variedade de

línguas, e a outro a interpretação das palavras”.
— Primeira Epístola aos Coríntios, cap. 12, em resumo.

ASSIM FAZIAM OS PRIMEIROS CRISTÃOS

AS SUAS REUNIÕES:

“E assim as línguas são para sinal, não aos fiéis, mas aos infiéis; porém as profecias, não aos infiéis, mas aos fiéis. Se pois toda a igreja se congregar em um corpo, todos falarem línguas diversas, e entrarem então incrédulos, ou infiéis, não dirão porventura que estais loucos?

Porém se profetizarem todos, e entrar ali um infiel, ou incrédulo, de todos é convencido, de todos é julgado. As coisas ocultas do seu coração se fazem manifestas, e, assim, prostrado com a face em terra, adorará a Deus, declarando que Deus verdadeiramente está entre vós.

Pois que haveis de fazer, irmãos?

Quando vos congregais, se cada um de vós tem o dom de compor salmos, tem o de doutrina, tem o de revelação, tem o de línguas, tem o de as interpretar, faça-se tudo isto para edificação.

Ou se alguns têm o dom de línguas, não falem senão dois, ou quando muito três, e um depois do outro, e haja algum que interprete o que eles disserem. E se não houver intérprete, estejam calados na igreja, e não falem senão consigo e com Deus.

Pelo que toca porém aos profetas, falem também só dois, ou três, e os mais julguem o que ouvirem. E se neste tempo for feita qualquer revelação a algum outro, dos que se acham assentados, cale-se o que falava primeiro, porque vós podeis profetizar todos, um depois do outro, para assim aprenderem todos...”

— Primeira Epístola aos Coríntios, cap. 14.

Temos aí citados, aqueles textos bíblicos que falam diretamente à inteligência de cada um. Notificamos, entretanto, que somam para cima de setenta os textos que versam a respeito do Espírito Santo, sendo que todos se referem à Revelação, ao intercâmbio entre os dois planos da vida.

A Série do Céu, constituída de mais de quarenta narrativas, comporta elementos informativos da mais variada ordem, pois os indivíduos que falam e tomam parte na mesma, quase todos, foram vultos que viveram os acontecimentos bíblicos, ou tomaram parte na fase restauradora, intervindo na obra grandiosa que culminou na Codificação, feito maravilhoso, porque exclusivamente destinado a orientar o novo surto mediúnico, surto que, por sua vez, não só teve por função neutralizar a obra nefasta do positivismo, como ainda preparar a Humanidade em face da nova Era, do futuro ciclo evolutivo.

Este livro, parte que é da Série, escalona em seu curso de narrativa, referências que remontam à Sabedoria Antiga, obrigando a compreender esta verdade — todos os Grandes Reveladores foram **grandes médiuns**, ou grandes filtros da Verdade, constituindo o Espiritismo a sùmula histórico-fenomênica da caudal revelacionista, desse glorioso instrumento que, desde os mais remotos tempos, tem transmitido à Humanidade as lições necessárias.

Em face da grandiosidade religiosa que o livro encerra, por conter verdades às quais Jesus Cristo se acha diretamente ligado, fiz empenho em buscar os textos e as explicações, considerando graça de Deus ter podido contribuir com este humílmo esforço doutrinário, a fim de apresentar o livro, livro que, a meu ver, a todos distribuirá um pouquinho de suave carícia espiritual, além de remeter o leitor ao glorioso fenômeno do Pentecoste, ponto culminante da função missionária de Jesus Cristo.

M.E.B.

Que pode representar uma centelha, ainda em grau inferior de evolução, que significa inconsciência das origens e das finalidades, no concerto do remoinho cosmogônico e das movimentações anímicas? Qual o valor do Universo, para o espírito destituído de consciência íntima? Conseqüentemente, que importância teria a questão **DETERMINISMO E LIVRE-ARBÍTRIO**, para quem assim tão longe estivesse desse conhecimento?

No entanto, como se vem subindo lentamente, muito lentamente, das camadas inferiores, eis que somos obrigados a enfrentar a inderrogável trilha, concebendo ou não, desejando ou não conceber. Das profundezas ordena o **PODER SUPREMO**, a **DIVINA ESSÊNCIA** ou Deus, e tudo se movimenta, com ou sem consciência, no rumo de um topo culminante.

Consideremos que muito se há dito sobre a Terra, contra um Deus, contra as mais e as menos aceitáveis hipóteses sobre Deus. E quanto se falará ainda, contra e a favor? O pior, convenhamos, não consiste no falar apenas, mas sim no realizar de modo contrário à **ORDEM DIVINA**. Porque, consideremos, uma vez concebida a existência de uma **ENTIDADE BÁSICA**, ponto de partida de tudo e de todos, há que se lobrigar uma **ORDEM** a obedecer, caindo em falta, e conseqüentemente em punição, o faltoso.

Para não termos a criatura como simples autômato, atendamos à Lei de relativa liberdade, assim como o passarinho é livre no âmbito da gaiola... Faz o que pensa e deseja, mas no limite das fronteiras.

E teremos, assim, o Emanador, a Emanação, a Lei Geral e a Liberdade Relativa.

O mais que haja, não passa de elementos inerentes e conseqüentes, aquilo que constitui o rol das necessidades circunstanciais, mera questão mesológica-ecológica. Está visto que, lançando Deus de Si a centelha, em estado de pura simplicidade, mas com os valores em potencial, para serem desabrochados, autodesdobrados, deve conferir-lhe ambientes e meios, recursos e possibilidades para o fazer.

E teremos, então, o espírito entregue ao remoinho das vidas e dos mundos, do jogo das obras e de suas responsabilidades, bitolado entre o **SUPREMO DETERMINISMO** e o **RELATIVO LIVRE-ARBÍTRIO**.

Em verdade, entendamos bem, reside nisto a grande questão a solucionar. Ai de quem vier a transgredir as linhas demarcantes, a bitolagem, quando se trate de ferir a **ORDEM**, aquela disciplina que autoriza e sustenta a vigência da **HARMONIA**. Porque, realmente, ninguém pode ferir frontal e diretamente a **HARMONIA**; só poderá fazê-lo através da **ORDEM**, indispondo-se com a **LEI**.

Favoravelmente, tudo é recomendado; ninguém sofre por realizar o quanto possa no rumo da **HARMONIA**. Mas, também, nunca poderá fazê-lo sem ser através da **LEI**. A **LEI** é, em tudo, fiel da balança. Pelas nossas obras, ou realizações, através da **LEI** erigimos em nós mesmos o Reino do Céu ou o império das trevas.

Fica dito, também, que agora eu sei e entendo um pouco dessas Verdades Imutáveis e de fundamental necessidade para as criaturas. Ninguém poderá jamais ser um espírito forte, bom servidor e frunte da **PAZ**, no **REINO DA HARMONIA**, *sem ter conhecimento dessas Verdades*. Lembremo-nos desta regra — a simplicidade ignorante confere **PAZ**, mas não torna o espírito forte. Um espírito bom, mas ignorante, pode ser de paz, *mas não pode ser forte*. Aliando à paz o conhecimento, então teremos o espírito forte, aumentado em valores íntimos.

Tratemos, portanto, de cultivar a bondade, mas não percamos uma só oportunidade de aprendizado. Verdadeiramente, ninguém tem o direito de perder a mais insignificante oportunidade emancipadora, seja em que sentido for. Isso constitui um grave erro, um autocrime.

Já mencionei o fato de ter compreendido as coisas assim, de uns tempos a esta parte; é que, a falar verdade, andei mergulhado nas ensanchas da revelia ao bom senso, que indica sintonizar com a **LEI**, a fim de ser feliz. Eu achava que tinha o meu direito de opinião, e opinião rebelde, por sofrer umas tantas coisas, das quais julgava serem responsáveis o Emanador e a confraria criada, menos eu.

Como esta questão de nascer e morrer, morrer e nascer, é ponto discutível aos espíritos ignorantes, mas não o é para Deus e os espíritos conscientes, enquanto havia em mim rebeldia e atraso, e rebaixamentos contínuos, essa lei tinha o seu andamento, o seu curso normal, a sua eficiência. Depois de muito resmungar, e apresentar razões a meu crivo, para negar o que por si é inegável, fui obrigado a deixar de resmungar, e a não apresentar minhas razões como ponto final.

Eu estava, nesse tempo, removendo pedras numa prisão, como condenado. Todos os dias, se não quisesse apanhar muito, devia transportar pedras de um lado para outro, pedras que deviam ser quebradas, por outros prisioneiros, a fim de servirem ao conserto de ruas da região, uma das tristes regiões que conheço, uma várzea imensa, onde só existe terra preta e muita água minando por toda parte, sempre a perturbar a vida de seus habitantes. Assim sendo, as pedras vinham de muito longe, em carros próprios, e ali na prisão eram por nós quebradas. Ao cabo de tudo, para encurtar a conversa, todos ali eram rebeldes, em maior ou em menor grau, e o trabalho tinha por fim doutrinar, disciplinando. Em resumo, apenas isso.

Depois de vários anos ali, discutindo sempre, negando Deus e fazendo questão de ignorar leis, mas sem jamais poder vencer aquela circunstância punitiva, fui enviado a outro lugar.

Chegou-se a mim um guarda, dizendo:

— 63, querem-no na sala do diretor. Vá depressa, vamos. Correndo, sim!

Todos ali eram chamados pelo número e tudo se fazia entre depressa e correndo. Podia-se dizer contra Deus o que bem se entendesse, esposar qualquer filosofia, conquanto pacífica; caso contrário, pretendendo avançar aos atos de rebeldia, então as coisas mudavam de figura — havia reclusões e castigos físicos. Enquanto a teoria era conservada pacífica, tudo ia bem, embora ninguém pudesse escapar aos trabalhos e às obrigações disciplinares. Quantas vezes se discutiu, acaloradamente, o princípio das liberdades completas, estando debaixo da mais

intensa ordem disciplinar e produtiva, com guardas truculentos ali ao pé, ouvindo com atenção os arrazoados e as teimas.

Eu, o 63, ouvindo aquilo, fui depressa à sala do diretor. Ele, fitando-me com atenção, disse-me:

— 63! Chegou sua hora de partir... Felicidades...

Tudo enxuto, seco desse jeito, sem mais nada. Veio um guarda, apanhou-me pelo braço, deu-me uma sacudidela e levou-me. Subimos num daqueles carros de transportar pedras e partimos, levando eu na mente as melhores cogitações, embora sem saber dos trâmites e das finalidades.

Quando a zona dos brejos passou, demos com a zona serrana, mas zona seca, árida, onde tudo era mirrado, poeirento, sofrível.

— Vai ficar aqui — disse-me o guarda.

— Eu preferia ficar lá mesmo; isto é muito seco, muito feio, muito...

Fez um meneio negativo de cabeça e disse, meio a tom de remedo:

— E quem disse o contrário, coitadinho? Até os tolinhos podem pensar da mesma forma. Ficar por lá!... Até eu havia de preferir!...

— Então, por que me trazem para este lugar, se lá é melhor? Estou adivinhando... Vou ter que encher os carros de pedras!... Pedras enormes!... Sinto que as coisas vão piorar...

Gargalhou fartamente o guarda, fazendo chacota:

— Pobrezinho! Já adivinha... Vai carregar pedras muito grandes...

Veio um outro, armado de chibata, barbudo e rústico, bradando:

— Toca! Toca!... Não perca tempo, vamos! Ou quer começar levando umas...

Corri para o meio dos outros e comecei a sentir a piora. Quebrar pedras, com um bom martelo, é muito melhor do que transportar pedras grandes, colocá-las num carro, e, sempre, recomeçar a mesma faina, até ficar noite, para ser recolhido e, no dia seguinte, querendo ou não, recomeçar a mesma tarefa infernal. Que havia de fazer, entretanto?

Um dia, achei que devia inquirir alguém, indagando ao guarda:

— Poderia falar ao diretor?

— Depende.

— Depende dele ou de mim?

— De ambos, é claro, pois cada qual está no seu papel.

— Muito bem, disso estou certo. Do contrário, como ficaria ele no meu lugar?

— Cada qual tem o que faz por ter. O que tem é seu.

— Eu queria coisa um pouco melhor...

— Até eu, 63. Eu também gostaria de ter um pouco mais de liberdade... Garanto que vocês falariam bem menos! Isto havia de cantar nas vossas costas...

Comecei a tremer e saí de perto dele, pois pareceu-me ver chispas de fogo a lhe saírem dos olhos esbugalhados, vidrados. Fui carregar pedras, muito contente, por me haver furtado a uma surra, nas garras de um homem dobrado, terrível, com ares de sádico. Carregar pedras grandes era muito melhor do que apanhar uma grande surra, sem dúvida.

Passaram-se quase dois anos, passando também a vontade de criticar a **LEI** de um Deus que sempre fora negado. Comecei a sentir fraqueza, muita fraqueza, até o dia em que caí doente, quase sem poder respirar.

Acordei num leito de hospital. Quem veio a mim, disse-me:

— Trate de melhorar depressa. Faltam carregadores de pedra.

Fraco, muito fraco, interpelei-o:

— De pedra?!...

— Claro! Queria carregar a montanha de uma vez?

— Não. Eu queria, eu daria preferência a quebrar pedras... Estou fraco.

— Os estúpidos são sempre fracos, não sabe?

— Eu?...

— Você é um, compreende? Existem estúpidos de outras marcas e espécies. Mas a Justiça Divina sabe como tratar de todos. Eu, por exemplo...

— Escute, escute... Como estou fraco!... Escute...

Virou-me as costas, foi andando e dizendo:

— Escutar o quê? Não adianta, não adianta.

Era a primeira vez que me falavam em Justiça Divina, desde a minha ida para aquele lugar. E se eu era contra a idéia de Deus, já não era contra o terror que nutria por aquilo tudo. Seria capaz até de crer em Deus, para sair dali e não mais ver gente daquela espécie, nem jamais saber de brejos e de montanhas secas, poeirentas, quentes e enfermiças. Que viesse um Deus, uma **LEI**, qualquer coisa capaz de liquidar com toda aquela amargura, pois o homem, por sua miséria íntima, é capaz de viver bem sem o **TODO**, de onde tudo emana e promana, mas não é capaz de viver sem o mínimo. Miserável de espírito, eu não queria glórias e farturas; eu almejava um pouco de miséria!... Os estúpidos não querem o lugar dos homens, mas preferem o dos

cães!... Eu, portanto, não desejava as glórias destinadas aos espíritos emancipados; pedia os restos, as migalhas, a treva suportável...

Dormi e sonhei com minha filhinha. Eu tinha uma filhinha. Minha esposa morreria com o seu nascimento. Ela era tudo para mim. De incrédulo que era, com aquilo me fiz rebelde, blasfemo, descendo a mais não poder na ordem dos pensamentos e dos sentimentos revoltantes.

Minha filhinha, no sonho, dizia-me:

— Paizinho! Paizinho! Por que o senhor é contra Deus? Por quê? Não vê que o Infinito é sem o conselho dos homens? Volte-se para Deus! Não perca tempo, não perca tempo!...

Acordei assustado, tremendo, gemendo, chorando. Aliava-se o pavor ao meu sentimento de saudade por ela. Há quanto tempo não a via? Um ano? Dois anos? Três anos?... Quantos?...

Vieram socorrer-me. Conte o caso, o sonho.

O enfermeiro disse-me:

— Pois é, 63, *you morreu há muito tempo*... É isso. Não existindo a morte, devia prosseguir vivendo e tendo alguma coisa para fazer. Tem quebrado pedras, carregado pedras, adoecido. Veja lá se dá jeito na vida, 63, que sem Deus é impossível viver... Isto é, não se pode viver bem. Porque a vida, em si, é eterna!

— Eu morri?!... E minha filhinha?!...

— Sua mãe tem cuidado da criança. Não se assuste, Deus sabe o que faz. Trate de si, do seu caso.

— Eu queria ensiná-la, dar-lhe tudo, tudo!...

— Ensiná-la a negar? A ser infiel para com Deus? A ser bruta? Ela é um espírito melhor, não devia correr esse risco, compreende? Faz jus a melhores ensinamentos.

— Deus andou metido nisso?

O enfermeiro, com ar piedoso, resmungou:

— Como é bruto, meu Deus!... Vou-me embora... Pense bem, 63...

Ele se foi e eu fiquei meditando, curtindo penares.

Quando voltou, horas depois, indaguei-lhe:

— Que faria você, se estivesse no meu lugar?

Abanou a cabeça e perguntou-me:

— Que faria Jesus, no meu lugar?

— Francamente, não sei. Que faria Jesus?... Mas Jesus foi muito grande, se de fato há um Deus... Se não há, foi um tolo a mais... Mas se há...

Ele sorriu e disse:

— Eu garanto que há tolos. Mas devem ser outros, não os da marca de Jesus.

Compreendi e confessei:

— Então foi muito grande!... Muito grande!...

O enfermeiro foi andando, foi saindo, embora eu o chamasse. Fiquei muito triste, mas fiquei meditando, meditando, com muita ânsia de choro. Sentia-me doído.

Passei dias sofrendo angústias de espírito. Fraquezas, agonias, saudades, pensamentos, lágrimas. Os pensares e as muitas lágrimas fizeram-me bem; um doce alívio inundava-me o ser, mas não me avantajava o corpo... *Eu tinha o meu corpo*, como o tenho hoje, um corpo de fato, sujeito a todos os fenômenos patológicos possíveis. Eu sentia paz, deliciosa paz, pensando em Jesus, indagando como agiria Ele, se estivesse em meu lugar. Pensar em Jesus era gozar um delicioso estado de paz. Mas o corpo, ao querer levantá-lo, não correspondia... Doía, estava fraco, impossível. Uma tortura em forma de corpo!

Quando o enfermeiro chegou, à tarde, falei-lhe:

— Sabe? Tenho pensado em Jesus... Como Ele pensaria se estivesse...

Interrompeu-me, imediatamente:

— Que patife! Como Jesus pensaria, se estivesse no seu lugar!... Isto é a pior espécie de maluquice!...

— Você mesmo não disse, seu enfermeiro?!... Foi o seu conselho.

Mostrou uma fisionomia debochada e observou-me

— Escute, seu coisa, seu 63. Jesus poderia estar no lugar de um quebra-pedras ou de um fedelho negador de Deus? Onde tem você a cabeça? Antes de pensar no Divino Modelo, pense nas suas patifarias e ponha jeito nelas. Jesus está muito alto... Antes de falar em Jesus, pense nos subalternos, naqueles que Lhe são os imediatos, e que somam graus à vontade na escala hierárquica. Pense como gente, ouviu? Eu, agora, vou-me embora. Você está bem, apenas é muito... Bem, nem quero dizer o que penso.

Caminhou, sumiu. Eu sabia que só viria no dia seguinte. As moças que serviam as refeições, invariavelmente respondiam:

— Pergunte ao enfermeiro. Nós cuidamos da alimentação, nada mais sabemos.

Ora, o enfermeiro era trunfo nessa atitude de virar as costas, de ir-se, não dando trelas. Conversava mais com ele mesmo, do que mesmo com os doentes, pois o seu forte era resmungar, tecer muxoxos, dizer coisas em surdina.

Passaram-se dias, semanas, até que apareceu um senhor, muito magro e muito esquisito, perguntando-me:

— É o 63?

— Sou, sim. Antes chamava-me Antônio...

Fez de conta que não me ouvia, indagando-me:

— Tem chorado muito?

— Tenho. Por quê?

— Tem pensado em sua filhinha?

— Muito... Como está?...

Sem me ouvir, prosseguiu:

— E sobre Jesus?

— Está muito longe... O senhor deve saber... O enfermeiro ralhou-me.

Ignorando minhas palavras, emendou:

— Vai ser transferido. Basta. Até logo.

Lá se foi, com sua feiúra esquisita e sua magreza. Eu fiquei meditando, pensando na morte. Sim, pois *eu havia morrido*, tinha deixado o corpo. Ou seria tudo mentira, engano, doença, demência? Dei-me uns beliscões, falei comigo mesmo, fiz micagens. Com isso, outros doentes, colocados bem ao longe, começaram a rir, a dizer coisas. Envergonhado, calei-me e imaginei as mais possíveis explicações. Ao chegar o enfermeiro, disse-lhe:

— Sabe, estou desconfiado. Não acredito nisto.

O enfermeiro, olhando-me bem, respondeu-me:

— Pode ser; mas sempre se acredita nalguma coisa. Assim faz quem é, vive e pode raciocinar. Quem não acredita nisto, acredita naquilo, porque sempre há que acreditar nalguma coisa, como já disse. Apenas...

Olhou-me desconfiado e não completou o pensamento. Perguntei-lhe, então:

— Apenas o quê?

Com ar zombeteiro, respondeu-me:

— Apenas isto. Algumas criaturas acham mais fácil crer na mentira que levantam em seus pensares, do que nas *verdades simples*. São uma espécie de idiotas ou tontões, nada mais, e pretendem passar por sabidos. Terminam sempre dando com os costados no sofrimento, na miséria, nos lugares tristes. De algum modo, desencarnam sem saber, passam largos tempos quebrando pedra, depois pioram um pouco e lá vão carregar pedras, só assim dobrando um pouco a dura cerviz. Conhece alguém dessa ordem de caráter? Eu conheço muitos...

Eu queria falar, mas ele foi andando, causando-me um terrível sofrimento, pois só voltaria no dia seguinte, talvez para sair correndo outra vez, sem dar-me tempo de pensar e debater algumas idéias, como eu imaginava que podia e devia ser. Um outro enfermeiro passou, falando com dois outros doentes, ou errados como eu, ao qual fiz uma pergunta:

— Pode atender-me?

Sem parar foi seguindo com a resposta:

— Não, claro que não. Pertenço a outros doentes.

Desejava ser transferido; mas, quem viria transferir-me? Estaria eu com muita pressa, para piorar como da outra vez? E assim passei horas a meditar coisas boas, ruins, agradáveis e tristes, numa balbúrdia dos diabos. Depois *dormi, como qualquer mortal*. Ao acordar, desconfiei da morte por via do sono e dos sonhos. Os mortos dormem? Para quê? E sonham? Para que fim? Não seria tudo asneiras, asneiras a granel, verdades próprias de um manicômio? Nesse caso, estava na Terra, doente, enlouquecido pela morte da esposa? Não seria melhor pensar assim?

— Sabe, enfermeiro? Eu creio que estou na Terra, que não morri, porque durmo, sonho, etc. Principalmente o etc., ouviu?...

Constrangido, apiedado, repetiu-me:

— Olhe, 63. *Você morreu faz muitos anos*. Veio parar num lugar de relativo sofrimento, por ser negador de Deus e muito animalizado, muito bruto, embora não seja maldoso. Sim, poderia ser até bondoso... E lucraria muito com isso...

— Então, morri mesmo?

— Desencarnou, homem! Fale como as coisas são!

— Você disse assim, não disse? Por que não posso dizê-lo?

Fez menção de ir, pelo que lhe pedi:

— Por Deus! Não vá!...

— Bravos! Bravos! Até que enfim apelou para Deus!...

— Faltava só isso?

— Não. Falta muito mais, que decorre daí. Mas, como Deus é a **ORIGEM** de tudo, segue-se que convém respeitá-Lo em primeiro lugar. Agora, se firmar pensamento em Deus, poderá ser melhor tratado e logo sair daqui para... Eu não sei do programa, mas creio...

— Que não me toque, agora, carregar montanhas. Estou farto!

Todos riam de mim, ou comigo, no vasto salão. O enfermeiro, por sua vez, os admoestava, dizendo que eram como eu, talvez pior.

Procurei não perder tempo, rogando:

— Quero ser tratado e sair daqui, ouviu? Faça-me o favor de providenciar o necessário. Eu quero...

— Tenha paciência, 63. Devia saber que errados não têm direitos. Espere o que lhe derem e dê-se por feliz. Nada fez, por si ou pelos outros, para merecer o direito de pedir alguma coisa. Não fosse o seu pai, que foi um bom homem, e morreu em bom estado, estar ativando recursos por si, ainda estaria quebrando pedras.

— Meu pai morreu? Minha mãe ficou só, no mundo?!...

— Ficou com o resto da Humanidade. Acha pouco? Com quem devia ficar? Ou é melhor do que os demais filhos de Deus e acima da ordem comum ou do plano geral?

— Pobre de meu pai! Coitado! Onde estará?...

— Não está quebrando pedras, nem carregando-as, nem doente metido num leito e a dizer asneiras. Seu pai é um feliz. Foi um bom homem, um crente fiel, um servidor. Lembra-se? Era esoterista, homem lido, compreensivo e bom.

— Eu sei. Eu lhe dizia que tudo eram forças naturais intrínsecas, sem nenhuma relação com algum Deus, sem nada de sobrenatural. Ele me dizia outras coisas, que eu estava enganado, mas que a vida me ensinaria... A vida me ensinaria... E que me ensinou a vida?

Fez-me um gesto indagador e com dureza interpelou-me:

— Quem lhe está ensinando, afinal de contas? Porque é tão tardo de inteligência?

— É isso mesmo. Sou tardo... Pobre de mim!... Tardo!...

Foi andando, e eu fiquei a chorar, porque uma grande tristeza se apoderou de mim. Logo mais, quando quase adormecia, alguém me chamou:

— 63 ! 63 ! *Vamos tomar uns passes?*

Ao abrir os olhos, vi um preto ao lado de meu leito, sorrindo, mostrando a fileira de alvíssimos dentes. Era um semblante feliz, digno de confiança. Sentia-se a bondade a vazar-lhe da fisionomia, do meio olhar, da voz suave.

— Vamos — respondi-lhe, todo satisfeito.

Foi o início de um tratamento magnético que durou dias, mas que me fez sentir, de novo, a importância da vida. Porque eu estava combalido, mais de alma do que de corpo.

Ao sair do leito, andei pelos jardins do hospital, travando relações com outros convalescentes. Todos vinham dos campos da *negação* e da *dureza* de *caráter*, ou do *abuso de certas regalias animais*. Quem não havia quebrado e carregado pedras,

havia passado por outras **provas amolecedoras**, afrouxadoras, havendo quem passara fome e sede, sendo que outros andaram metidos em desertos tórridos, ali caindo e clamando por socorros, sem ver mais do que céus e areias, noites e dias sem fim, numa agonia terrível, até desfalecer.

O lugar era bonito, mas rústico, *assim como a Terra*, sem nenhuma evidência de Céu, de gloriiosidade espiritual. Nas horas de prece, então sim, havia em nós, e não fora de nós, a manifestação de algo sublime. Havia três salas amplas, onde as reuniões eram feitas, e fiquei sabendo que pertenciam a categorias diferentes. Quem melhorava, passava para o segundo grau, depois para o terceiro. No terceiro havia cânticos próprios, estimulantes, motivadores de atrações vibratórias superiores. E dali se iam, menos alguns, que pediam para trabalhar no local. Mas isto, fica entendido, quando havia conveniência para o local, não como favor ou como regalia. Era um estágio, comportava suas vantagens. Mas os recuperados deviam logo sair, dar lugar para outros e trilhar a senda evolutiva, aprendendo e servindo. Vinham dos círculos da negação, da brutalidade, e alguns de vícios muito feios, devendo enfrentar sérios esforços íntimos, que ali não poderiam ser levados a termo.

Meu dia chegou e parti.

Fui dar com a presença numa *região semi-escura*, onde muitos trabalhos me foram impostos, trabalhos de ordem religiosa, pois devia falar sobre Deus e Suas leis, aos que iam sendo subtraídos às zonas trevosas. Como fosse leigo no assunto, deram-me um catecismo, e tudo quanto eu fazia era repetir-lhes as sentenças radicais.

Um velho, certo dia, perguntou-me:

— Isso é para acreditar?

— Claro. Se está escrito é para acreditar. Demais, é sobre Deus.

Fez uns esgares, ruminou umas risadinhas bobas e troçou:

— Pois eu não creio! Nem em meu pai acreditei, como vou acreditar em você?

— Mas não fui eu quem escreveu isto. Aqui há ordem e disciplina.

— Quem escreveu isso? — perguntou-me, com rompância.

— Isso eu não sei, mas sei que há ordem e disciplina nesta casa, e que saem mal os contraditores.

Tornou a rir, com ares superiores, proferindo:

— É a tal coisa!... Ouviram só? Ordem, disciplina, mas nunca se sabe dos autores das leis. No fundo, assim como na Terra, aqui também os espertos vivem à custa de Deus. Mas, onde está Deus? Quem O viu?

Aqueles vinte e tantos espíritos, a quem eu falava, riam e troçavam, porque também eles tinham vindo das trevas. A ficar comigo, ficavam com o velho, que era da grei. Como havia de fazer? Que havia de fazer? Eu não tinha, ainda, enfrentado situação idêntica. Contudo, arrisquei:

— Cuidado, que o mando quebrar pedras! Ou carregá-las, o que é pior!

O velho disse mil asneiras, enquanto eu fiquei entregue à chacota de todos. E por ser triste a situação, pensei em Deus com algum fervor, reclamando Sua atenção, de vez que era Ele o motivo de tudo aquilo. Enquanto eles diziam troças, não todos, mas a maioria, eu fui sentindo em mim qualquer coisa diferente, um doce torpor, como se fosse a aproximação de alguém.

— Antônio! — disseram ao longe, nos lados do pavilhão central.

Olhei e vi o diretor do estabelecimento, que me chamava. Levantei-me e para o seu encontro me fui, com o propósito de contar-lhe tudo. Era a primeira vez que defrontava aquela situação, não sabendo o que fazer nem como.

Ao aproximar-me, perguntou-me:

— Que se passa?

— Eles não querem aceitar os ensinamentos, dizem que isto é coisa de homens e não de Deus. Altercam, fazem chacota, tudo por causa daquele velhote com ares de sabidão. Olhe para ele... Não parece uma coruja sentada num cupim?

— Mande-o carregar pedras! — sentenciou, seco, o diretor.

Fiquei estupefato, pensando naquilo que havia desejado, pois não sabia ainda ser o departamento muito vasto, comportando vários serviços e muitos chefes.

— Como faço isso, senhor?

— Chame pelo guarda. Não vê aquele homem, aquele irmão, ali?

— Vejo. Está bem.

Fui ao irmão guarda e contei-lhe tudo; ele respondeu-me:

— Não precisa fazer o histórico, basta. Você está aqui para ensinar religião e não para contar histórias. Diga o que fazer e guarde para si os motivos.

Calei-me, um tanto ferido por aquela observação direta e brutal. O guarda, por sua vez, repetiu, com aspereza:

— Que faço com o velhote?

— Meta-o a carregar pedras. O diretor mandou.

Ainda mal satisfeito, observou:

— Quem pediu para citar o diretor? Fale por si mesmo.

Meio atordoado, mal reparei que puxou um cordel e fez funcionar um apito, e que, com isso, movimentou uma vintena de outros guardas, a cuja frente marchava um comandante, homem corpulento e armado de comprida chibata. Aliás, todos eles estavam armados de chibata, sendo que variavam em comprimento, apenas.

O comandante perguntou ao guarda:

— É ele?

O guarda respondeu-lhe:

— Não. Ele sabe quem é ou quem são. Que fale.

Por minha vez, aponte para o grupo e falei:

— É aquele velhote com ares...

— O velhote, sem ares! — emendou o comandante, sem me deixar terminar.

O guarda falou-me, enquanto eles para lá se dirigiam:

— Mande-os todos, não seja tolo. Não se riram à sua custa?

— Tenho pena... Não fosse o velhote e todos aceitariam os ensinamentos.

Abanou a cabeça, negativamente, deplorando:

— Ah! Sim, tem pena? Fosse comigo!...

— Por que pensa assim? Eu não gostei de fazer aquele serviço e suponho que ninguém gostará. Como hei de querê-lo para os outros?

— Não aprendeu sofrendo?

— Eu era duro! Duro! Compreende?

— E são moles aqueles trevosos? Caia você em suas mãos!...

Enquanto nós discutíamos, o velhote saía debaixo de chibatadas do meio da comparsaria terrificada.

O guarda, vendo aquilo, repetia:

— Assim... Assim... Desce a guasca!... Isso!...

O velhote saltitava e as lambadas o pilhavam por todos os lados. Foi um escândalo danado, que pôs o pátio em pânico.

— Bem — disse-me o guarda — vá ensinar. Se não acreditarem nas lições, não de acreditar nas lambadas... Lembre-se de Moisés...

— Desse que está citado aqui no catecismo?

— Sim. Qual havia de ser?

— A Terra está cheia de Moisés... Como se fala? Moiséses?

— Sei lá!... O da Bíblia. Faça como ele...

— Levar essa gente para a Palestina?!... Como?!...

Olhou-me de alto a baixo, resmungando:

— Que estúpido! Vá-se de diante de mim! Estou dizendo para manter a disciplina, custe o que custar, compreendeu? Mate a carne, se for preciso, mas *sustente a disciplina*, que é a verdadeira lógica dos fenômenos. Ou não é?

— Não sei. Eu sou fraco nessas coisas.

— Aqui, nesta casa, todos somos fracos. Isto é um inferninho, somos ainda os diabinhos... Longe estamos da **LEI!** Todavia...

Não sei mais o que terá dito, mas sei que o julguei meio louco, como sei que dessas realidades os planos inferiores estão cheios. *Não há saltos*, e cada um serve como pode, isto quando já pode servir, o que não é pouco.

Fiquei ali alguns meses, ensinando como podia, talvez aprendendo. O que nunca fiz em toda a minha vida, fiz ali, passando aos outros o pouco que ia assimilando. Ao sair, tinha muita coisa na retentiva, estava a par com a História das Religiões, a começar dos fundamentos, que são os Ensinos Védicos, a primeira lição organizada que o Cristo Planetário enviou à Terra dos encarnados. Sentia-me bem, gozava o prazer de tamanha sabedoria teórica.

Certo dia, disse-me o diretor daquela casa de correção voluntária, pois os involuntários eram mandados para outros lugares:

— Acompanhe este irmão. Folgo em passá-lo adiante, sabe?

— Obrigado. Vou mudar de trabalho?

— Vai aprender mais e ensinar aos encarnados alguma coisa. Vai trabalhar como servo do Consolador, do Batismo de Espírito.

— Terei prazer em ser útil, senhor. Muito obrigado. O senhor foi um ótimo irmão e um chefe exemplar. Vou, mas levarei de si a mais grata recordação.

De fato, foi a primeira pessoa, no plano astral, de quem me senti verdadeiramente amigo e ligado profundamente.

Meu pai se me apresentou, no primeiro dia em que defrontei um aparelho revelador, uma espécie de *psicômetra mecânico*. Meu pai era o serviçal que fazia o aparelho funcionar. E o aparelho revelava, *como fazem os objetos aos médiuns psicômetras*, a história e até a formação dos fenômenos e dos elementos.

Meu pai havia feito dessas experiências, durante a vida carnal, estando agora aprendendo outras lições, enquanto ensinava. O aparelho era constituído de um projetor de raios infravermelhos e de uma bola de cristal azul-celeste, em cujo centro uma lâmpada minúscula havia, que dardejava seus raios. Tudo era questão de combinar as emissões, diminuindo e aumentando, como fosse necessário. Para as pessoas, nunca vi ser usado o projetor de raios infravermelhos. Tudo se apagava, exceto a lâmpada que estava no centro da bola de cristal, que devia medir uns dois metros de diâmetro. Quanto ao mais, o paciente era colocado em frente da bola, fazendo o funcionário o que lhe competia. Vi meu pai acionar aquilo várias vezes, obtendo fenômenos profundamente ilustrativos, revelações de vidas e mais vidas, acontecimentos e feitos aparentemente perdidos na poeira dos tempos.

Os objetos, quase sempre, eram colocados debaixo da bola, apagando-se a lâmpada e acendendo-se o projetor. Os raios iam sobre a bola, e lá no centro começava a se fazer uma claridade, e dali partiam imagens, fossem de pessoas, de lugares, de cidades, etc.

Passei pelo aparelho e reconheci-me em muitas vidas e personagens, nos mais diferentes lugares da Terra. Vi-me rico, pobre, faminto, sedento, numa *visão retrospectiva* que avançou pelos tempos e apresentou-me entre os selvagens da América, comprovando que não sou um espírito envelhecido ou cheio de longas experiências. Nasci e renasci, centenas de vezes, no meio dos índios menos civilizados. E um dia nasci entre brancos, mas numa terra polar, iniciando a marcha autocivilizadora.

Numa das últimas vidas é que me incutiram tremenda incredulidade, mesclada dos mais repelentes costumes. Fiz-me matador profissional, enveredei pelos infernos do caráter mal formado, caindo nas trevas mais densas, por ter trevas interiores. Sufoquei a luz da centelha sob o guante negro da negação e da crueldade. Havia de, um dia, derreter o tremendo coscorão? Sim, nem é possível o contrário. *Nenhum espírito será desfeito!* É completamente falsa essa assertiva de uma determinada escola ocultista, ou que tem a pretensão de o ser.

Como nada se fez de um golpe, nada se poderá desfazer de um salto. Apanhado nas garras da LEI, por esgotar o direito do livre-arbítrio, fui metido em lugares de alto teor punitivo, até que de novo meteram-me numa dolorosa encarnação. Depois outra, mais outra, sem a intervenção de minha vontade, pois os grandes errados são como as almas dos animais e as dos selvagens, que não têm direito de escolha.

Chegou o dia de escolher, entretanto. Escolhi uma vida a par da natureza, no meio das selvas, ao sabor do meu passado, mas sem a idéia de agir mal ou recair em graves faltas. Ao ser moço, casei-me com formosa jovem, porém muito mais distante das melhores lições espirituais. Comecei a *comer carnes cruas* e fiz-me um quase animal selvagem. As influências *repercutiam no meu energetismo*, no mundo eletromagnético, estimulando-me o gosto pela brutalidade, etc. Ao deixar o corpo, estava envolto por uma nuvem de *elementais*, sequiosos de sangue, cativos de mim, exigentes, dominadores. Também havia os mais evolvidos, porém decaídos na organização do caráter, a ponto de se fazerem piores do que aqueles, porquanto punham alguma inteligência em sua astúcia. Eram vorazes amigos de tudo quanto se dissesse animalidade desbragada.

Passei tempos ao lado dos encarnados, como brinquete daquelas entidades imundas, açulando nos ditos vivos a sanha das carnes e dos prazeres inferiores. Um dia, em pleno repasto bestial, vi-me presa de treva densa, impenetrável e dolorosa. Foi o início de um novo ciclo ressarcitivo. Foram tempos de dor! Mas, como quem é estúpido não escolhe bem, nem se esforça nos caminhos do bem, cede-se ao sofrimento e nada tem de que se queixar. Pelo menos, mais tarde, como viciado nas fileiras do religiosismo tacanho, ao invés de respeitar o bom senso e as virtudes, comete o engano de *tecer loas à dor*. É triste, mas é assim mesmo, bem o sabeis.

Reencarnei, mais tarde, numa família européia, do centro da Europa, mas campestre. Eram agricultores muito pobres, muito ignorantes, grosseiros e amantes da natureza. Deus, para eles, era a natureza. Se outro houvesse, não tinha mais valor nem fazia falta alguma. A natureza dava tudo, os homens para as mulheres, as mulheres para os homens e tudo para ambos.

Apareceu o clero, falou em Deus, exigiu dinheiro. Meu pai disse em casa:

— Tudo isso eu mesmo posso fazer! Falar num Criador, vestir-me como eles se vestem, apresentar santos feitos de pau e de pedra, queimar aqueles cheiros, fazer certos gestos e *pedir dinheiro*! Se Deus é isso, que dá emprego para essa espécie de gente, e nos obriga a dar-lhes dinheiro, alimentos, tudo o que ganhamos com tanto custo, enfrentando os gelos e as neves, então é melhor que não haja Deus!

E foi dizendo isso, até sumir... Foi chamado à igreja e não mais voltou...

Tomei a dianteira nos cuidados familiares, sem jamais esquecer tudo aquilo, renovando em mim recalcados ódios pelos homens que falavam em Deus, que reclamavam para si obediências a todo custo, homens para quem a vida alheia era um

simples artigo de fé, e para os quais o trabalho alheio devia reverter em benefício próprio. Sem nada compreender, só restava confundir Deus com aqueles homens de vestes negras, cujas almas tanto mais negras eram. Falar em Deus era provocar o ódio. Ver um padre era ver um ladrão, um assassino.

Deixei a Terra, bem velho, mas cheio de ódio e de dores, um traumático, mergulhado na mais intensa inconsciência. Apegado aos familiares, comia e bebia, *tudo fazia, no duplo etérico das coisas e dos corpos...* Não era ouvido, sem ser em determinadas circunstâncias... Mas fui sarando, melhorando, recuperando a saúde e alguma paz. Um dia adormeci... É que vovera ao plano carnal, no seio da mesma família. Fizera-me filho de uma neta, mas sem de nada saber, tangido pela *verdadeira Religião*, que é a *Verdade* em curso perene, que são as leis fundamentais.

Tomei parte numa guerra de clãs e morri varado por uma lança, aos trinta e poucos anos, voltando a fazer parte da guerra dos usos e costumes, pois de nada fiquei sabendo, até voltar a reencarnar, ainda na mesma família.

Dessa vez, deixando a carne, fui remetido para as terras da América do Norte, renascendo no seio de uma família protestante. Quando homem feito, fiz comparações entre o Deus de Israel, tão pródigo em grandes milagres, com o Deus dos protestantes, todo vazio, e passei-me para o catolicismo, onde fui ouvir falar em milagres, mas onde também nada vi, apelando então para o *ceticismo*, para as discussões, e logo mais para o *materialismo*.

Passei a vida acreditando no bem, no respeito ao próximo, mas fazendo tudo a fim de enriquecer, o que consegui. Fui, com isso, uma escola de materialismo, pois muita gente acompanhou-me, vendo-me triunfar. Não fosse esse erro, e mais os tristes lastros do passado, e tudo iria bem. Mas, como tinha o de que me livrar, eis que renasci como escravo. Um escravo rebelde, logo mais fugitivo e assassino, mais adiante comido de bichos. Penetrando nos charcos, apanhei febre e daí a pouco não mais pude andar, caindo e morrendo à beira de grande rio. Meus restos, vi-os sendo em parte comidos pelas feras e em parte rolares rio adentro, quando vieram as primeiras grandes chuvas.

Meu pai interrompeu a seqüência reveladora, para dizer-me:

— Quer descansar um pouco?

— Realmente, sinto-me cansado. Por quê? Estou apenas vendo.

Instruiu-me:

— Não, meu rapaz. Os objetos, ou os seres, radiam normalmente, e a psicometria, individual ou mecanizada, vale-se dessas radiações. Sem saber, diga assim, está sendo *esgotado*. É por isso que sente um cansaço que em parte é fraqueza, e que aparentemente não tem razão de ser.

Opinei:

— Se é assim, custe o que custar, quero prosseguir. Devo ter vivido algumas vidas mais, depois dessa última que terminamos de ver.

Elucidou-me:

— Duas vidas mais, no Brasil. Uma como escravo e a outra como operário numa usina de açúcar. Em ambas morreu muito velho, tirando bons proveitos. Foi o melhor, talvez, de toda a tua carreira evolutiva, depois de penetrar no plano da consciência individual. Porque, nesta última, em que foi meu filho carnal, tudo quanto fez foi amar os parentes, a esposa e a filhinha. O restante, miséria de toda ordem. Negações, vícios, suicídio...

— Suicídio?!

— *Involuntário, mas suicídio.* Os desregramentos são atos de suicídio.

— Não quero ver coisa alguma. Estou farto de me sentir errado. Minha vida espiritual é um roteiro de faltas e tristes cometimentos.

— Salvam-se as experiências, meu rapaz. Nunca se perde tudo, compreende?

— Não vale a pena ver mais nada. Se algo bom há, que Deus me facilite reencarnar em ambiente deveras feliz. Como dizem que vou trabalhar nos círculos do Consolador, ou do Batismo de Espírito, creio que me sairei bem.

— Vai ser filho de sua filha. Helena casar-se-á dentro de um ano. Enquanto isso, trabalhe, estude, conquiste bagagem favorável. Ninguém poderá ser ruim ou bom por acaso, e menos ainda por graça ou desgraça de Deus. Quem chega a ter, seja o que for, bem ou mal, é por ter conquistado através de ações.

— Tenho lido muito. Li tudo, desde os Vedas, compreendendo que *as bases são as mesmas*, para todos os efeitos.

— Deveras, meu rapaz. Depois de ler muito, e diga-se lá que tenho muitas vidas felizes a somar no rol histórico, concluo pela seguinte ordem de fatores básicos: a **ESSÊNCIA DIVINA**; a chamada **CRIAÇÃO**, composta de Espírito e Matéria; a **LEI**, que motiva a **JUSTIÇA** e, como conseqüência, os princípios **DETERMINISMO** e **LIVRE-ARBÍTRIO**, que forçam ao equilíbrio e conduzem à **HARMONIA**. Cumpre dizer, entretanto, ser a **HARMONIA** relativa ao grau evolutivo, podendo haver, para gozar, múltiplas gradações celestiais ou de felicidade.

— Perfeitamente. Em qualquer grau hierárquico pode-se ser feliz, estando em sintonia com a **LEI**, que, por sua vez, força a **JUSTIÇA** a conferir **HARMONIA**. É tudo conseqüente, portanto, das obras praticadas, ou do uso que se haja feito do relativo **LIVRE-ARBÍTRIO**.

— Exato. A criatura é o pêndulo acionante, o *juiz em causa própria*. Se usar bem do **LIVRE-ARBÍTRIO**, aumenta os seus direitos e prerrogativas, forçando o **DETERMINISMO** em seu favor. Se usar mal, perde em **LIVRE-ARBÍTRIO** e se

entrega ao guante do **DETERMINISMO**. Tudo, enfim, se resume em criar bagagem, seja favorável ou não. Porque, em verdade, ninguém poderá deixar de fazê-lo.

— De acordo. Quem vive alguma coisa faz. Quem faz é no plano da **LEI**, devendo ser contra ou a favor. Portanto, cria o carma.

— Quanto é fácil saber!... Meu filho, por assim dizer, tudo fiz para que a sua vida transcorresse em bases de fé. Porque a fé, seja como for, encerra o germe das observâncias fundamentais. Não é pela fé que as criaturas se perdem, mas sim pelas contradições que vivem, a que dão curso. Nunca, porém, quis aceitar os meus conselhos, as minhas instruções, os meus apelos. Deu término criminoso à vida, feriu o carinho dos pais, deixou no mundo a esposa jovem e a filhinha sem pai... Considere tudo isso, sem pensar que me seja grato magoá-lo ou fazer-lhe observações à revelia da **LEI**. Ela está acionando a **JUSTIÇA** e eu quero, como pai que fui, servindo-a, dando-lhe curso, dizer-lhe aquilo que é necessário. Creio dever fazê-lo eu, que sou seu pai... Faça-o com mais intimidade e carinho, porque somos íntimos, porque temos bastante em comum, porque desejo estar ao seu lado nas futuras horas, quando tiver pela frente muitos trabalhos mediúnicos. Irá ao mundo com faculdades regulares, e por si, se não falhar, muitos espíritos sofredores hão de falar e reiniciar uma vida de compreensão. Sofrerá bastante, mas resgatará na razão direta dos serviços prestados ao próximo.

Eu mal podia olhar para a sua figura quase transparente, tão simples e pura, toda envolta em luzes radiantes, luzes que continham o dourado, o azul e o verde, numa combinação encantadora, absorvente.

Findando, disse-me, numa inflexão de voz onde a paternidade se aliava à função executiva:

— Procure servir, meu filho, porque Jesus atendeu-me. Se falhar, não lhe poderei garantir novos esforços em favor. Apelei para tudo quanto podia apelar. Retirei-o das trevas, ainda quando me achava na carne, através de irmãos servidores da **LEI**, lançando-o naqueles rudes serviços... Ganhou a consciência do estado, depois de recuos temerosos e de lutas íntimas cruentas! Meu pensamento estava ao seu lado; sempre que podia, enquanto o corpo descansava, bons amigos auxiliavam-me e eu rondava os seus passos, os seus pensamentos cheios de negação e de contradições. Ao desencarnar, como estivesse bem para com a **LEI**, fui amparado pela **JUSTIÇA** através daqueles bondosos amigos de sempre, que mais não eram senão adoráveis antepassados, amizades construídas na argamassa das lides reencarnacionistas. E aqui estou, servindo-o, para servir a **LEI**, ela que é acima de tudo e de todos, abaixo de Deus! Porque ninguém poderá fazer-se grande, ou pequeno, sem ser no âmbito da **LEI**! Procure compreender a obra de Jesus Cristo, e tudo estará compreendido, no rol das verdades morais e revelacionistas, éticas e científicas.

Eu chorava, comprimido não sabia por que estranho poder. Envolvia-me um halo de calor, de suave ternura, que vinha de fora, que era adventício, mas que me invadia todo e me comovia ao extremo. Ao erguer a cabeça, estava só, meu pai havia se ido. Levantei-me, olhei para o instrumento, agradei a Deus e prometi a mim mesmo, pelo menos merecer aquele pai adorável, cheio de virtudes desdobradas.

Durante aquele ano de espera, fiz muitos estudos e trabalhei o quanto pude. A História Religiosa da Terra foi lida, agora em grau superior, avançando pelos ensinamentos detalhados, aprofundados. Devo dizer, entretanto, e assim penso até o presente momento, que em tudo aquilo havia mais importância postígia do que real. Os mistérios nunca tiveram tanta razão de ser, como regra religiosa, uma vez que tudo se resume nas virtudes individuais, mais ou menos latentes ou patentes. Tudo mais, teimo em dizer, eram tiranias do orgulho, da vaidade, dos anseios sectários. Em matéria de virtudes fundamentais, de valores ingêntos, diremos, um espírito é como todos e todos são como um. Variam os graus evolutivos, os desabrochamentos, os gostos, as tendências.

Se muitos, se legiões de seres não aprenderam mais, isso se deveu ao erro de muitos outros, cícosos, orgulhosos, presumidos, tanto mais errados do que aqueles, tanto mais responsáveis. Usavam desculpas, consideravam o mau uso que poderiam fazer os menos conscientes; entretanto, eles pecavam mais, porque *cerravam portas* a quem poderia entrar e mergulhavam na presunção do conhecimento.

Debaixo do aparente culto das leis, havia sobras de animismo, de superstição, de idolatria! Acreditavam piamente em palavras, em gestos, em pretensos segredos, sem considerar a falta de envolvimento íntimo. Pura idolatria, pura mistificação, exagerada vaidade, grande contato com os planos inferiores do astral. E tudo isso, e todo esse ronçurismo, tomado à guisa de alta teurgia. Milhares de pretensos teurgos, apelando para os fenômenos mais grosseiros, esqueciam os mais elementares deveres de fraternidade! *Debaixo do capuz iniciático, não está a verdadeira sabedoria, mas sim a mal disfarçada arrogância dos fracos de espírito.* Para fazer crer em seus poderes teúrgicos, valiam-se de faculdades mediúnicas em *tom inferior, produzindo fenômenos tangentes*, a par dos sentidos físicos. E os simplórios os adoravam como a semideuses...

Os pouquíssimos verdadeiros Grandes Reveladores nada disso ensinaram nem tampouco pediram ou ordenaram. Em seguida a eles é que se levantaram os cleros, as comunidades sectárias, os papões, deturpando a Verdade. Grande lição exala da sentença de Crisna:

**“ENTRETANTO, IDE, IDE PREGAR AO POVO
A VIA SALVADORA”**

Tal como Jesus Cristo, tal como todos os Grandes Mestres. E qual era a Doutrina de Crisna? Notem bem, dizemos de Crisna, mas Ele e os Seus discípulos sabiam que através Dele falava *Mahadeva*, que quer dizer *Deus*. Neste caso, têm a comprovante de que, se Jesus Cristo não veio muitas vezes ao plano carnal, e é isto o que não quero discutir agora, embora o pudesse e muito bem, dado os saberes de que me fiz senhor, pelo menos podem deduzir de quem falava através de Crisna. É interessante estudar estes textos; eles exalam monismo e verdades simples, não paganismo, não clerezias exploradoras e mentirosas, não teologismos errados e corruptores; eles falam de verdades fundamentais, eles dizem respeito às virtudes que se acham na intimidade da criatura, onde como **FUNDAMENTO** está Deus. Ouçamo-lo:

“Para se chegar à perfeição, é mister conquistar a Ciência da Unidade, que está acima da sabedoria; é mister elevarmo-nos até o Ser Divino, que está acima da alma, mais alto mesmo que a inteligência. Ora, esse Ser Divino, esse Amigo Sublime, existe em nós próprios, está dentro de cada um de nós. Porque Deus reside no interior de cada homem, mas poucas pessoas sabem encontrá-Lo.

Ora, eis aí o verdadeiro caminho da salvação. Uma vez que hajas te apercebido do Ser Supremo, que está acima do mundo e que está em ti mesmo, decide-te a abandonar o inimigo que se disfarça sob a forma do desejo. Dominai as vossas paixões. Os gozos que os sentidos procuram são como que a fonte dos desgostos futuros. Não basta fazer simplesmente o bem; é preciso ser bom. Etc.”

Veja-se, em poucas linhas, toda a síntese deísta e toda a regra evolutiva. A Origem, a Natureza e o Programa. A chave capaz de abrir todas as portas, porque suficiente para mostrar ao espírito que todos os valores lhe estão no íntimo e que apenas devem ser desdobrados. Tudo quanto Crisna fez, tudo o que disse, nessas palavras se resume, inclusive a lei reencarnacionista, à qual tantos foros endereçou, e tão magistralmente considerou, por ser a válvula redentora e evolutiva das criaturas. Apesar de seu Evangelho ser apelidado o Livro das Sete Interpretações, é simples e alegórico, nada mais. Afinal, todas as verdades estão no âmago de cada centelha, e convém saber isto — os conceitos misteriosos fizeram o grande número de recalcados, de traumáticos, de cismáticos que peregrinam pelos aranzéis do religiosismo universal. Tais conceitos fazem os caracteres presumidos, que arrastam os complexos de superioridade, muito piores do que os de inferioridade. Geram orgulhos mal disfarçados, vaidades, apegos a graus e a títulos que se não sustentam em face da Justiça Divina. É conveniente *dar término ao culto dos chamados segredos iniciáticos, dos mistérios*, para que tenham fim falsos apanágios, enganosas ou aparentes virtudes. Essas concepções custaram muito caro à Humanidade, porque

engendraram orgulhos nefastos para poucos e *cegueiras embrutecedoras* para milhões ou bilhões. Concebamos, de uma vez por todas, que **não há mistério algum**, nem em Deus nem em Seus filhos; **tudo é simples**, por mais profundo e divino que seja.

Hermes Trismegisto, o verdadeiro criador do conceito ocultista, de par com as felizes verdades que proclamou, *também trunco* o caminho a muitos, se é que dele partiram certas disposições doutrinárias. Vejamos alguns luminosos textos:

“Ser-me-á um dia permitido ver a Luz de Osíris?”

Respondem-lhe: Isso não depende de nós. A Verdade não se dá. Ou nós a encontramos em nós mesmos, ou nunca a encontramos. Nós não podemos fazer de ti um adepto: é necessário que tu o consigas por ti mesmo. O lótus pousa longo tempo sobre o rio, antes de desabrochar. Não apresses a eclosão da flor divina. Se ela tem de vir, ela virá na hora própria. Trabalha e ora”.

Trabalhar e orar é *desabrochar* a flor divina. É, no dizer do Cristo, acender a Luz interior, fazer brilhar o olho interno, sem o que tudo serão trevas. Não é admissível que Hermes tenha caído em tão vasta contradição. Demais, sabemos muito bem que nenhum espírito será jamais desfeito, como afirma, e sim que todos, mais tarde ou mais cedo, ressarcindo faltas e evoluindo, atingirão a chamada Luz de Osíris — Deus! A irretorquível verdade, essa fica saliente — cada qual deve realizar em si o problema do Reino de Deus, ou da Luz de Osíris.

Notemos a grandeza deste texto; é completo em sua infinita simplicidade; é monismo integral:

“Não existem verdades interiores nem verdades exteriores, porque tudo é UM. O que está em cima é como o que está em baixo, e vice-versa, porque tudo partiu de só UM”.

Vejamos como tratou da lei das reencarnações; por ele fala Ísis ao neófito:

“Eu sou a tua irmã invisível, eu sou a tua alma divina e este é o livro da tua vida. Ele encerra as páginas cheias das tuas vidas pretéritas e as páginas brancas das tuas vidas futuras. Desenrolá-las-ei todas, um dia, diante de ti. Ficas-me, entretanto, conhecendo. Chama-me e eu virei”.

Em dois simples textos a síntese da mais pura e simples verdade — referência ao **CENTRO GERADOR** ou Deus, à centelha emanada e ao processo evolutivo através da lei reencarnacionista! Sem segredos, sem mistérios, sem empalhações tolas e presumidas, que a uns fizeram orgulhosos e a outros ignaros e tardos, acima

de tudo obrigando a julgamentos temerários, pois para se julgar alguém desmerecedor é preciso qualificá-lo indigno. Quantos desses erros foram praticados?

De Deus as verdades *partem simples*. Os homens é que as infestam com as suas tolas presunções. E as tolas presunções vertem da má formação do caráter. Se ninguém tem o direito de impor, também ninguém tem o direito de ocultar a Verdade a quem procura saber. Qualificar alguém de indigno é muito feio erro. Esse erro, entretanto, foi cometido por muito pretense sabichão. Pretense, apenas, porque os verdadeiros sabichões falam como Jesus Cristo!

“Vós podeis fazer o que eu faço e mais ainda”.

Essa é, realmente, a verdade mais respeitável, porque a mais consentânea com a realidade fundamental. Alegar que certos conhecimentos podem prejudicar, pelo mau uso, não significa que a ignorância deixa de ser a mãe de todos os prejuízos, em todos os sentidos. A Humanidade erra por *ignorância*, erra por abuso, erra por capricho e erra acidental e incidentalmente, por outros motivos, também. *Esconder* de alguém o Verdadeiro Conhecimento é o pior dos erros; ninguém tem o direito de se julgar mais e melhor, perante Deus. Digam o que disserem, estamos vendo, aqui, o quanto essa mania de presunção tem prejudicado raças, povos e indivíduos.

Jesus profligou o procedimento daqueles que, ficando na porta, nem entravam eles nem permitiam a entrada dos que poderiam fazê-lo. De fato, quem se julga a si capaz, e a outros incapazes, é precisamente quem fica na porta... Os que estão dentro falam como o Cristo falou.

E não se percebe, perfeitamente, que Jesus veio ao mundo para consertar os erros acumulados de muitas gerações? Suas palavras e Suas obras não ferem de frente o chicanismo clerical, radicado e cristalizado, feito o instrumento de ignorância e atraso das gentes?

Notemos a inteligência destes poucos textos:

“A minha doutrina não é minha, mas é daquele que me enviou”.

“Eu sou o Princípio, o mesmo que vos falo”.

“Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve”.

“Buscai primeiro o Reino de Deus e sua Justiça, e o mais se vos dará por acréscimo”.

“Porque o vosso coração estará, onde estiver o vosso tesouro”.

“Deus é Espírito, e em Espírito e Verdade é que deve ser adorado”.

“Não vos deixarei órfãos; enviar-vos-ei um Consolador, que ficará convosco e estará em vós”.

“Mas o Consolador, que é o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, ele vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito”.

“A vós convém-vos que eu vá; porque se eu não for, não virá a vós o Consolador”.

“Tenho ainda muitas coisas para vos dizer; mas vós não as podeis suportar agora. Quando vier porém aquele Espírito de Verdade, ele vos ensinará todas as verdades, porque ele não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e anunciar-vos-á as coisas que estão para vir”.

Em lugar de acontecer, como aos antigos Grandes Reveladores, que se iam, deixando apenas um amontoado de regras e doutrinas *enigmáticas*, pretensamente ocultistas, ou esotéricas, Jesus retornou, como espírito, instruindo, estimulando e preparando o final de Sua missão, que era derramar o Espírito sobre a carne, tornando-a consciente das verdades fundamentais, sem aqueles atravancamentos anteriores, sem aquelas aparências de muita sabedoria.

Retornando, como espírito, esclarece os Seus discípulos:

“Mas recebereis a virtude do Espírito Santo, que descerá sobre vós, e me sereis testemunhas em Jerusalém, e em toda a Judéia e Samaria, e até às extremidades da Terra”. — Atos, cap. 1.

Verdadeiramente, quem lê o Livro dos Atos, as Epístolas e o Apocalipse, encontra inúmeras vezes a expressão — **EM VIRTUDE DO ESPÍRITO SANTO**. Era o mediunismo em curso, depois da grande eclosão do Pentecoste, tão bem exposta no capítulo dois do Livro dos Atos. O Cristo contínuo, o Cristo eterno, a síntese das Revelações, tal significa o Batismo de Espírito. Sem raças, sem castas, sem mistérios, sem dogmas, sem esoterismos quaisquer, sem títulos e sem presunções repugnantes!

Em face da *precariedade cultural de alguns discípulos*, reclama Jesus a presença do **VASO ESCOLHIDO**, de Paulo de Tarso, ao qual vence através de uma das mais belas manifestações mediúnicas da História. Nem o colóquio Dele mesmo, acompanhado de três discípulos, com Moisés e Elias, rendeu ou *tem rendido tanto* como tem rendido a conversão do grande Apóstolo.

E o grande Apóstolo, como *sistema de culto*, manda repetir o fenômeno do Pentecoste. Não ordena clerezias, não ensina nem recomenda fetiches, não determina o culto de formalismos e explorações idólatras. Manda cultivar os dons espirituais e salienta a necessidade das práticas amoráveis. Três capítulos seus, doze, treze e

quatorze, da Primeira Epístola aos Coríntios, valem pela síntese de todas as verdades proclamadas pelo Divino Mestre, porque constituem o caminho que a tudo mais pode conduzir. Não tivesse Roma, no quarto século, corrompido a doutrina do Consolador, e tudo estaria, hoje, muito diferente. Entretanto, por via do quanto foi adulterado, eis que surge no mundo o Espiritismo, como medida de ordem restauradora. Afinal, Jesus previra tudo isso, indicando os tempos.

Alguns dos Grandes Reveladores, de fato, viveram a realidade teofânica. Mas o Cristo a legou à toda a carne, através do mediunismo consolador. Foi por assim entender que Pedro afirmou, no dia e na hora da grande eclosão mediúnica:

“... e recebereis o dom do Espírito Santo. Porque para vós é a promessa, e para vossos filhos, e para todos os que estão longe, quantos chamar a si, o Senhor nosso Deus”.

De depois de fazer um *curso* desses, como já vos disse, é que fui admitido entre aqueles que iriam passar por umas experiências individuais. A grande **VERDADE** não se compreende bem sem ser através da vivência íntima. Estamos ligados a Deus, é claro, pelo embrião da **ORIGEM SAGRADA**, mas a *visão íntima* é quem prova certo e cabalmente. Na Terra e nos espaços inferiores, legiões vivem e bordejam ao redor dessa realidade simples. Entretanto, como tudo é feito em caráter intelectual, a solvência do fenômeno teofânico paira ao longe, muito ao longe.

Juvêncio, um dos mentores, avisou-me:

— Lembra-se bem da iniciação de Hermes Trismegisto?

— Lembro-me.

— Muito bem. Ele viu tudo fora, não é certo?

— Assim foi que eu li.

— Vocês irão ver dentro. O quanto lhes seja possível, remontarão à ORIGEM e passarão pelos ciclos vividos.

— Tenho disso uma idéia perfeita; embora apenas intelectual, sei que é perfeita. Depois de ler muito sobre as Revelações Antigas, compreendi melhor a visão do aparelho revelador e as palavras de meu pai. Com Jesus, completei a medida.

— Entretanto — repetiu Juvêncio — irá passar pela visão íntima. Depois nos dirá qualquer coisa, se fez diferença ou não.

— Muito bem. Aceito e agradeço. Quando será?

— Breve, muito breve, porém não nesta cidade. Como sabe, aqui temos os *curso*s *teóricos* e as perscrutações através de aparelhagens. Na vizinha cidade há um santuário, chamado o Santuário Azul. É lugar silencioso, de uma quietude parece que absoluta, além de comportar salas de variantes matizes em cores e em iluminação, podendo servir até mesmo a quem não oferece vantagens naturais, aqueles que necessitam de forçamentos. Você, que leu tudo o que temos a respeito, deve compreender o quanto está longe do melhor preparo interior. Vai ficar no santuário uns dias, vai comer o menos possível, vai beber da água que lá lhe darão, vai meditar, enfim, vai preparar-se mentalmente. Isso feito, será encaminhado à sala que lhe couber, onde os operadores magnéticos encarregar-se-ão de tudo. Posso garantir-lhe,

desde já, que vai sentir calafrios estranhos, horrores, temores, arrependimentos e, também, grandes satisfações. Aviso-o, a fim de que seja forte, para que fique em guarda, ciente e consciente de que é necessário, em vista da falta de valores melhormente despertos.

— Pressinto haver nisso alguma graça.

— Há correspondência, apenas, pois revela-se trabalhador e pronto a servir, desde que sabedor das questões. Demais, tudo voltará ao normal, tudo será como dantes, assim que cessar a visão íntima. Restará somente a lembrança, por ora, e para mais tarde restará apenas a noção intuitiva da Divindade e das leis regentes. Quando renascer, logo mais, poderá ser um bom discípulo do Senhor.

— Quando eu renascer... Antes de fazê-lo, quero pedir alguma coisa a Deus e a todos vós. Não quero mais negar, não quero trair! É horrível!... Custa tremendos remorsos!...

— E perde-se muito tempo, que com a vivência da fé poderia ser bem ganho.

— Sim, sim. E como pode um homem negar tanto em abono do nada? Já não digo que afirme o conhecimento das verdades divinizadas; já não quero que saiba e viva o estado teofânico; mas, pelo menos, que conceba um Deus, uma Lei e uma Justiça, pois se assim fizer, concludentemente, passará a reconhecer as virtudes preliminares. É angustiante o problema da *negação*.

— É apenas *autotraição*; mas é por ser possível. O impossível não existe e não acontece, quando se trata de validades legislativas e judiciárias.

— Compreendo perfeitamente, agora, depois de muitos fracassos e muitas penas. Antes tivesse compreendido há mais tempo!

— Você, Antônio, é um entre milhões ou bilhões de iguais. Já imaginou qual a repercussão de sua mentalidade, de seus conceitos, perante a Divindade interior? Tanta queixa parece infantilidade; não lhe diz isso o senso comum? Afinal, quem tem em si mesmo os valores para subir ou descer, e desce por vontade própria, de que se queixa? Dos Grandes Reveladores? Dos cleros subseqüentes? Das teorias e das regras posteriormente criadas e impostas? Eu creio que, para alguém se capacitar de um **CENTRO GERADOR**, e motivador de **LEI** e **JUSTIÇA**, *basta encarar o Universo* e os seus elementos com um *mínimo de senso comum*. Lembre-se disto — pode e deve criticar os outros, ou as instituições, aquele que sabe cumprir com os seus deveres. Devia raciocinar friamente e compreender esta grande verdade — nunca teriam os homens e as suas religiões, certas ou erradas, *construído o Universo*! Logo, seria ele o produto de uma Soberana Vontade e Poder. Se você podia criticar os homens, e as suas concepções, devia poder, também, observar a *imensidade infinita* da chamada Criação, procurando cotejar, conseqüentemente, o Seu Divino Autor e as Suas Virtudes, levantando protestos doutrinários, procurando melhorar a feição religiosa do mundo, conhecendo mais e reformando da melhor forma.

Eu estava aturdido com aquelas observações, para mim inesperadas. E foi com a alma em choque, com a mente em sobressalto, que o ouvi finalizar:

— Entretanto, portou-se como louco, fazendo pior ainda. Das práticas religiosas do mundo, sempre alguma coisa se aproveita; mas de suas atividades, que se aproveitaria? Quando muito, os sofrimentos de ordem pessoal, como testemunhas de que foi um tolo, só capaz de aprender à custa de castigos, de sujeições disciplinares, comprovando com isso a mediocridade do caráter, a pobreza intelecto-moral de que foi ou era portador.

Olhou-me com verdadeira piedade, e antes de me volver as costas, observou:

— Pense bem nisso, Antônio, antes de enfrentar a *visão interior*. Perante o *templo da consciência*, seja como for, cada qual deve comparecer simples e humilde, por ser o verdadeiro templo onde se deve amar a Deus!

Despediu-se e deixou-me ali, no banco do jardim, debaixo de frondosa árvore. E se não chorei muito, é porque outras criaturas passavam e me podiam ver. Por isso, fui para os confins da camparia florida, *valendo-me da volição*, para lá derramar copiosas lágrimas e arrepender-me de algumas coisas. Verdadeiramente, cheguei a uma conclusão — se muitos homens, por interesses subalternos ou não, enganam outros homens, também é certo que, estoutros homens, por *comodismo* ou coisa que por isso valha, *deixam-se enganar* e gostam do engano...

Fomos, num grupo de cinco, transferidos para a cidade vizinha, com o fim de passar pelo fenômeno de visão íntima. Aparentemente significa isso muita importância; mas realmente não a tem, não a encerra.

Por quê? Simplesmente por ser real, simples e rotineiro, como fenômeno mecânico. Não tem tudo por base uma **DIVINA ESSÊNCIA**? Não deriva exclusivamente Dela a Matéria? E não se dá o mesmo com o Espírito? Podem variar os graus de intensidade, densidade, dinamismo, hierarquia, vibração, etc. Mas tudo é um na **UNIDADE BÁSICA**. Se alguém puder, psicometricamente falando, sondar um punhado de terra, há de vê-lo remontar à **UNIDADE LUZ**, à **DIVINDADE**, através de graus múltiplos. E com o Espírito dá-se o mesmo.

A questão é que, para nós, os espíritos, possui o fenômeno de visão íntima a vantagem, não só ilustrativa, mas também discernitiva, e com muito de observação disciplinar. Falando a meu próprio respeito, considero sobremodo este fator. Por meio da visão retrospectiva, e pela profundidade que alcançou, e nalguns casos pela minuciosidade, tenho por obrigação afirmar-lhe os grandes méritos. Fosse apenas para valer como ilustrativo, ou a fim de provar a **ORIGEM DIVINA** de tudo e de todos, e a conseqüente lei evolutiva ou dinâmica, chegaria a ser ociosa e até condenável. Agora posso dizer isso, embora venha dos rincões negativistas, por *falsa educação*; não posso conceber que o simples raciocínio não conduza o homem ao templo da certeza ou da consciência deísta.

Todavia, dirão, se fosse possível fazer passar todas as criaturas por aquelas visões sublimes por que passaram os Grandes Iniciados, não seria maravilhoso? A isso respondemos, consoante a Lei, pelo prisma do mérito individual. Quem teve isso durante a vida carnal, marcando-lhe de maneira profundamente espiritual a passagem terrena, por certo assim o mereceu. Os Grandes Missionários não se fazem de um golpe. É fator indispensável a *maturidade*, embora esta possa vir mais ou menos breve, conforme a capacidade de trabalho íntimo. Procurando saber a respeito dos grandes vultos, fomos descobri-los na esteira das realizações milenares e multimilenares. Sondando a história dos Grandes Mestres da espiritualidade, ficamos sabendo da *prolongada fermentação preparatória*, dos lastros de valores somados e recalçados. Nasceram merecendo, porque haviam conquistado os méritos através de lutas e renúncias. Apesar disso, quem os dispensou dos tremendos sacrifícios? Não

sabemos, porventura, a quantas vicissitudes se viram sujeitos e como largaram no mundo seus corpos?

De um modo geral, podemos afirmá-lo, ninguém jamais foi incumbido de função messiânica, de menor ou maior monta, sem receber a sua devida porção de revelação preparatória. Chamaríamos, a isso, serviço de conscientização psíquico-messiânica. E não significa isenção de trabalhos e dores. Antes, toda e qualquer oferta preparatória constitui o **quantum** de poder embalador, de força projetora ou de instrumento lançador. Todos os Grandes Reveladores tiveram suas visões, tiveram seus sonhos, mantiveram contatos com o Plano Diretor. Rama, os Budas, Crisna, Hermes, Zoroastro, Apolônio, Orfeu, etc. Todos tiveram os seus grandiosos avisos. A Bíblia relata os portentos havidos entre os seus grandes vultos e o Plano Diretor. João Batista e Jesus Cristo passaram pelo crivo da *Seita dos Nazireus*, a primícia dos Essênios, apesar das profecias que lhes diziam respeito. *Foram preparados, como devem sê-lo todos os prepostos do Céu*. Não entro em minúcias, porque outros já o fizeram, mas em nada exorbitaram à regra tradicional.

Literalmente, ninguém é filho do milagre!

Portanto, depois de ver em minha história a história das almas, fiquei ciente do *processo comum* e da rotina histórica. Eu não teria, em vida, ou durante a encarnação, lembrança alguma do pré-visto; mas o germe da imensa e gloriosa verdade simples estaria no recesso de minha estrutura, fazendo o serviço de guarda intuitiva. Seria a minha arma de combate à tendência negativista. Porque, como fora avisado, a embalagem do passado de quando em quando faria o seu aparecimento em minha esfera mental, reclamando atenções, fazendo-me correr certo risco.

E foi assim que me preparei, a fim de volver ao plano das formas densas, como filho de minha filha.

Perguntarão — “Que viu, afinal?”

Responderei — Vi as almas serem lançadas da **LUZ DIVINA**, mergulharem na incomensurável vastidão dos elementos, agitarem-se, promoverem-se, lutarem, irem, de variantes modos, mas sempre nos âmbitos da Lei, de uma Lei, irem subindo, irem ganhando caracteres pronunciadamente inteligentes. Vi a **LUZ DIVINA** projetar de si raios, estes se fazerem multicores, avançarem, tornarem-se densos, fumacentos, aquosos, sólidos; vi-os no nascedouro, a se esparramarem pelos espaços infindos, lucilantes e belos, pequeninos e imensos, variando em colorações e tons. *Presenciei o nascimento dos mundos e das almas!* Vi-os crescer e tornarem-se majestosos, fulgurantes, gloriosos!

Acima de tudo, porém, devo considerar a natureza e a história das almas. Não há nos blocos de matéria, seja em que grau for, substancial ou concreto, o valor psíquico, a flâmula idealista, o poder espiritual. Nos espíritos há, e deve ser reconhecido como superior, o elemento divino individuado, a centelha, o ser íntimo

que aguarda a estruturação da personalidade. O que vi de mais sublime foi Deus como **LUZ DIVINA**, infinita em tudo, absorvente de tudo, tal como nenhuma linguagem humana poderá jamais descrevê-lo. Mas isso, eu tinha a certeza anterior, pelo que havia lido e já visto, e tinha a consciência intuitiva, espiritual, só assim poderia sê-lo. A **DIVINDADE** seria, de qualquer modo, para além dos alcances da psicologia e da racionalidade humana. A **LUZ** não me cegou, não me aniquilou; tudo engrandeceu, porque eu sabia e sentia, e por isso vivia, ser parte dela e estar nela.

O que vi, porém, de mais observável, de mais imediatamente necessário, foi a movimentação das almas, foi o trabalho de autofazimento, foi o burburinho dos jogos biológicos, psíquicos e francamente espirituais. Parece-me ter visto, num golpe de visão sintética, legiões de irmãos em fermentação evolutiva, saindo da **LUZ ESSÊNCIA**, envolvendo-se em auras escuras, caindo no remoinho da natureza, atravessando os graus incontáveis da escala, forçando o caminho ascensional, num arrebatador esforço, caindo e levantando, sulcando as asperezas do mundo interior, vencendo as sanhas da animalidade, surgindo sempre, aqui e ali, em novas e renovadas fases, para novos e mais concretos estados de saber e viver, até irem atingindo, de novo, aquela **LUZ ESSÊNCIA**, mas agora em grau de consciência, em plenitude psíquica, marchando paralelamente à **LEI**, estando no plano da **JUSTIÇA**, tomando parte nos serviços universais, como potências celestiais, colaborando com o **ESTADO BÁSICO**.

Eu vi os dois Universos, o material e o espiritual, e vi-os por dentro e por fora; vi-os saindo de Deus, estando em Deus, sendo em Deus! A LUZ, que é o ESTADO BÁSICO, era tudo em todos, e bem se via que tudo e todos eram parte DELA em diferentes estados e graus de manifestação. E isso tudo muito interessante, por haver em cada ser, em cada mundo, a marca distinta de sua individualidade, como que a ordem superior de ser distinta, desfrutando o direito de ser independente, embora na obrigação de ser parte do TODO, e de manter suas atividades em harmonia com as demais partes, num fenômeno biológico fantástico.

Não sei o que teria sido de mim, na última encarnação, não tivesse reencarnado com esse lastro imenso de atração espiritual! Embora não merecendo a consciência prática dessa fantástica realidade, passei pela nova imersão carnal sustentado por inabalável fé, a ponto de sentir em demasia o auxílio do Céu. *Sofri, é certo, com as obrigações mediúnicas.* Vinham a mim os mais brutos indivíduos, em muitos casos ocasionando males físicos quase insuportáveis. Dos confins de mim mesmo, porém, surgia uma como voz longínqua, surda, grave, repetindo a necessidade, a urgência de esforços em prol da confraria. E quando pedi conselho a guias espirituais, a resposta foi de acordo, vinha em confirmação da voz interior.

Estamos saturados de conhecimentos referentes ao espírito e suas validades. É dos confins da história humana a certeza de que somos portadores de todas as ordens vibratórias, de todos os matizes em potencial e cor. Tudo, porém, em *estado latente*, cumprindo desenvolver, desabrochar, expor. A **LUZ INTERNA**, pela qual confinamos com a **LUZ DIVINA**, que dizemos Deus e é Deus, devia ser o elemento mais em foco pela nossa objetiva racional. Devia ser o motivo primordial de nossas atividades psicológicas, porque tudo se resume, na vida do espírito, em surgir na esfera da **LUZ DIVINA**, em forma consciente, ponto final da escala evolutiva, colimação da vastidão dos trabalhos biológico-psíquicos.

A mediunidade, que nos fundamentos é lei de relação, mas que se impõe sempre conforme o tom vibratório individual, alcançado pelo sujeito até o seu presente histórico, também é lei íntima que espera sortidas em demanda aos píncaros mais elevados da hierarquia espiritual. Esquecer essa lei é embotar os poderes de relacionamento superior, porque significa dormir nas gamas inferiores, é entregar-se ao contato da mediocridade, é agarrar-se ao tabu do animalismo inferior, em detrimento do animismo sublimado.

Todos somos, sem dúvida, portadores de herdades divinas. E quase todos cometemos, indubitavelmente, o crime de lesão evolutiva, de truncamento das liberdades e dos direitos teofânicos da centelha. Eu não falo aqui de abstracionismo algum; eu não menciono a vivência de poupamentos terrenos; refiro-me ao dever de cultivo espiritual, *sem exageros*, sem exorbitâncias, sem o feio lastro dos pernosticismos que aparecem muito nesta época, da parte de criaturas que, por simples influências astrais, *puro mediunismo passivo*, conseguem alguma coisa e se pretendem estimas superlativas. Eu afirmo que a criatura deve ser *normal* no campo das funções biológicas em geral; que *use de tudo e jamais abuse de coisa alguma, nem mesmo da caridade*, porque ninguém pode dar em excesso, sem que logo mais venha a sentir-se vazio, deprimido, necessitado. A **LEI** ordena o *equilíbrio*, e todos podemos compreender em que sentido — na ordem evolutiva, na marcha para a frente e para o alto, isto é, no rumo da LUZ DIVINA, através do templo interior, da sintonização psíquica.

É comum, entretanto, haver disparates. Ao guante absorvente do sensualismo juvenino, sucede o lirismo da decrepitude física. Quem viveu lascivamente, quem tomou a vida pelo prisma das funções biológicas inferiores, com a decrepitude animal,

e mais alguma influência mediúnica, avançando no rumo das questões espirituais, muito facilmente chega a se julgar acima de tudo e de todos, falando bastante de si mesmo, sem ter tempo para tratar dos méritos alheios, pois que todo o tempo é pouco para encher papéis de autolouvaminheiras. Nem mesmo chega a compreender a mais simples questão — que bem pode ser apenas *facultativa* aquela função, a função de manter contato com o plano superior, ou mesmo com as ordens vibratórias mais intensas e, conseqüentemente, de mais proeminência intelectual. E que, portanto, em lugar de ser um atestado de valor individual, um testemunho de alcance hierárquico, *apenas faz o papel* de quem representa, *de quem entrega recado*. O espírito de valor hierárquico incontestado não fala de si mesmo, trata de tudo na ordem geral ou focaliza as questões apresentando o homem universal. Menos do que isso, contam as suas inferioridades, como somos obrigados a fazê-lo, pois os que se acreditam acima de todos, como temos observado, *caem em tremendas contradições, repetem demais e mergulham em confusões graves*.

Dei-me por feliz, *na minha última encarnação*, de haver nascido num ambiente espírita bem formado, conduzido por um dos mais eminentes e proeminentes valores do movimento espírita brasileiro.

Nasci nos fins do século dezenove, no interior paulista. Cresci e aprendi os rudimentos, vindo a ficar órfão aos dezoito anos, tendo então de enfrentar a manutenção da família, auxiliado pelos esforços de minha mãe, que lavava e engomava. Graças a Deus, por esse tempo havia anos que me apareciam pela frente seres monstruosos, horríveis, bramindo, gemendo, blasfemando, alguns rogando preces e ajudas. Todavia, sempre vinha alguém bom, de paz e de trabalho, dizendo:

— Camilo — este fora meu novo nome — ora por esse irmão. Não tenhas medo, eu estarei sempre contigo.

Essa faina começou aos doze anos, poucos meses mais. Aos dezoito, quando meu pai falecera, minha bagagem de instrução espírita era bem grande, para a época, fica bem entendido. Devo salientar a importância que teve, na minha formação doutrinária, a obra **OS GRANDES INICIADOS**. Lendo-a, entrando em contato com aquelas entidades superiores, sentia reviver em mim acontecimentos idos. É que tal livro havia sido estudado, por mim, *antes de reencarnar*. Embora sendo uma obra falha, e nalguns pontos acentuadamente falha, encerra verdades sublimes. A linha geral é inatacável; os erros pairam na esfera dos pormenores. Para o tempo em que viveram aqueles vultos enormes, e para o que deviam fazer, sem dúvida foi bastante. O Cristo foi, talvez, o mais mutilado pela obra de Edouard Schuré. Como quase todos os biógrafos do Cristo, o Autor falhou muito na interpretação messiânica do biografado. Jesus não veio ao mundo para ser um **INICIADO** a mais, apenas, mas sim para legar ao mundo a regra total, por estabelecer o princípio doutrinário no Batismo de Espírito, na Igreja Viva. A Igreja Viva projeta a criatura no rumo da **LUZ DIVINA** e de todas as verdades **DELA** decorrentes.

Um fenômeno marcante, que arrasta consigo o testemunho da Igreja Viva, da Revelação ostensiva, acha-se na seguinte expressão de *Pedro*, o Apóstolo, que não foi bispo universal, nem pai dos bispos e *muito menos ainda papa*. O seguinte texto ilustra integralmente a doutrina do Cristo e a função dos Apóstolos:

“E como eu tivesse começado a falar, desceu o Espírito Santo sobre eles, assim como também tinha descido sobre nós no princípio. E eu me lembrei então das palavras do Senhor, como Ele havia dito — “João na verdade batizou em água, mas vós sereis batizados no Espírito Santo” — Pois se Deus deu àqueles a mesma graça que também a nós, que cremos no Senhor Jesus Cristo, quem era eu, para que me pudesse opor a Deus?”

Essa mesma a missão do Cristo — legar à carne o instrumento, a *ferramenta de capacitação instrutiva*, ferramenta que se apresenta em graus e tonalidades infindas, conforme a evolução do indivíduo. A Revelação é o produto mais avançado, é o fruto do mediunismo psiquizado, é a conseqüência da maturação biológica. Existem tantos graus mediúnicos, e tantos matizes de ordem mediúnica, quantas possam ser as variantes hierárquicas individuais. Em todos os planos e reinos ela se encontra, forçando movimentações necessárias, ativando energias e contatos. Entretanto, cumpre *avançar* em seus domínios, *atingir o mais e o melhor*. Dispensamo-nos de tratar do assunto, porque existem obras de excelente alcance ao vosso dispor. A questão é querer saber, e isso é convosco, não conosco. Nós aqui estamos, graças a Deus, fazendo a nossa parte. Não é justo que cada um faça a sua? E se desejamos merecer o respeito de servo trabalhador, como não devemos prezar o merecimento alheio?

Demais, lembremo-nos disto — quando Hermes viu a **LUZ DIVINA**, e a desejou de fora para dentro, que lhe disse o Mestre? Não mandou procurá-la no íntimo? Sabemos que a grande maioria quer um Espiritismo de favor, de milagres e de mistérios, o que constitui absurdo, talvez mais do que isso, uma vez que tudo é por **LEI**. Sabemos o quanto há de *preguiça* na grande maioria. Mas, sabemos também que a normalidade legislativa não nos permite pretender sequer tais favores. Não podemos impor doutrina nem devemos conceber o mistério e o milagre. Logo, que cada um se arme dos elementos de combate, que normalmente é deles senhor natural, e se proponha a conquistar a vitória final.

Eu fui instruído assim, militei assim e encontrei-me, um dia, digno dos instrutores. Deus dá a seara, as ferramentas e as instruções; o mais nos cumpre.

Com o passar do tempo, isto é, dos vinte anos em diante, a *minha vidência desapareceu*. Restou a mediunidade *falante*, somente ela, nalguns casos dolorosamente ela. Digo assim, porque eu sentia assim, em virtude das contingências que tinha de sofrer. Uma aproximação astral equivalia, em muitos casos, a uma “*débâcle*” patológica. Esgotamento, dores, neurastenias, distúrbios pancreáticos, hepáticos, psicológicos e espirituais. Passei a vida sofrendo do estômago e o meu baço viveu inchado, dolorido, provocando náuseas contínuas.

De longe em longe, como lenitivo, topava um *desdobramento* e era transportado a lugares lindos. Era o orvalho celeste amenizando a secura do clima ordinário. Era o unguento bendito esmaecendo a ferida pertinaz. Em verdade, precisava pagar as instruções recebidas e as oportunidades conferidas.

Alécio, o meu guia, respondeu-me certa vez, quando fiz queixa:

— Não precisa me dizer o que ocorre. Eu sei. E você há de sabê-lo, um dia, ao vir para o nosso lado. É apenas um devedor, um grande devedor, em função ressarcitiva. Cumpra com o seu dever, eis tudo. Se voltar atrás, posso garanti-lo, as trevas o farão pasto de sanhas horripilantes. Enquanto sofrer pelos outros, nós estaremos consigo e você estará em paz de consciência; quando se furtar a isso, nós nos afastaremos e os trevosos continuarão chegando, chegando... Sabe o que é ser presa de alguns espíritos tremendamente inferiores, rebeldes, viciados?

— Sou, então, condenado a estes sofrimentos?

— E às glórias do porvir... Não deve discutir semelhante assunto. Trabalhe, repare que sempre vencemos. São muitos, já, os que vivem em paz pelo seu trabalho. Quanto mais semear, tanto mais colherá. Pense e aja com ânimo forte, que os amigos são muitos, que as alegrias são contínuas, da parte daqueles que lhe querem bem.

— Eu compreendo. Mas sofro muito.

— Se quer experimentar o abandono, faça-o. Não faremos oposição alguma.

— Que sucederá?

— Quem nasce para o que você nasceu, e com as faculdades com que veio, *não é livre*. Ou conserta aqueles que se aproximam ou sofre o desconcerto... Ninguém o livrará das influências daninhas, porque prometeu trabalhar e resgatar assim o

passado delituoso. O que tem é seu, para bem e para mal, queira subir ou descer. Nós, que somos amigos, contamos com a sua fortaleza e consciência dos deveres.

— Se ao menos eu soubesse do meu passado!...

— Ora! E como não o pode entrever? Não percebe a qualidade dos espíritos que lhe são enviados? Acredita que Jesus Cristo seria receptáculo de entidades assim sofredoras?

Fez um breve silêncio e deu por encerrado o assunto, afirmando:

— Bem, faça como quiser. Se quer trabalhar, compareça. Se não quer, fica em casa. Pelas conseqüências saberá dos motivos determinantes. Um bom espírito seria menos queixoso, sem dúvida.

Fiquei amedrontado. Eu não sabia até onde seria um grande devedor; sabia apenas que era devedor. Mas achava que tinha direito a viver em paz, com saúde perfeita, sem tais embaraços. Outros médiuns trabalhavam menos, faltavam às sessões, não eram vítimas, como eu, de assédios astrais horríveis. Eles saíam bem dos trabalhos, sorriam, comentavam assuntos. Eu saía doente, esgotado em extremo, dolorido. Sentia, nas profundezas de mim mesmo, um gozo de espírito. Apenas isso.

Aos quarenta anos, sofri um desastre e guardei o leito por dois meses e tanto. Não trabalhei e nada sofri. Não vi senão coisas boas e bonitas. Comecei, então, a pensar em descanso. Pensei bem e resolvi por o pensamento em ação, transformá-lo em obra vivencial.

Ao deitar, numa daquelas noites, depois de vinte anos de ausência, tive um fenômeno de visão. Um terrificante fenômeno! Um homem alto, vermelho como a brasa, veio entrando casa adentro, bamboleante, gingando qual valentão. Eu pensei em Deus, no Cristo, nos guias, em Alécio. Mas, tudo em vão! Ninguém respondeu ao meu assustadiço apelo. O homem vermelho apanhou-me pela cintura, que ele conseguia abraçar porque sua mão era enorme, e fez-me gritar, estertorar. Os familiares vieram, socorreram como puderam, orando, rogando a Deus e aos guias.

Lá veio um espírito luminoso, como nunca houvera visto igual até então, ordenando a saída do monstro. Fiquei grato, como em minha cintura ficaram as marcas daqueles dedos garrosos. Ficaram, também, pensamentos alertantes. Passei a noite bem, mas acordava de pouco em pouco e era obrigado a pensar mil e uma coisas.

No dia seguinte, procurei o bondoso servidor encarnado, um dos maiores vultos do Espiritismo brasileiro, relatando-lhe o acontecimento.

— Vamos fazer, hoje à noite, uma sessão em casa. Temos um caso de obsessão a tratar. Venha visitar-nos, venha trabalhar, que é hora. Isso não foi mau...

O seu natural era a mansidão, a caridade e o estudo. Eu vi, em seu rosto, a estampa de algum conhecimento que eu não tinha, sobre mim mesmo.

Fui e trabalhei, como tantas centenas de vezes houvera feito. Foi trabalho ótimo, mas tive que enfrentar o espírito, servi-lo, e por isso ganhar os meus inseparáveis sofrimentos, passando por maus bocados, sentindo estrangular-me a cintura. No dia seguinte, pelo meio-dia, ainda sentia o local dolorido. Devia, pensava então, ter resgatado um bom pedaço de minhas faltas pretéritas, somente com esse trabalho, apenas com aquela doutrinação.

Daquele dia em diante, comecei a sentir mais o peso da função doutrinária. Os serviços cansavam-me mais e eu considerava-os superiormente. Entretanto, como mais tarde vim a saber, com a maturidade física e o tempero psíquico, devia sentir fundamente a obra ressarcitiva. Entrava no vórtice da missão reparadora, cada passo à frente era um vinco na minha estrutura sensível. Tinha em mente que estavam canalizando a mim os elementos mais inferiores, e comecei a vê-los, novamente; eram seres embrutecidos ao extremo, deformados, transfigurados, feitos em ossos, desfechando ódios, fedores, repugnâncias! Eu orava, entrava em contato perene com o plano espiritual, buscava alento, colhia na fonte direta.

Relia páginas do Evangelho, lia as obras do grande missionário local, procurava os trechos mais intensos e belos da obra **OS GRANDES INICIADOS**, mentalizando, invadindo mentalmente aquelas gamas superiores, recebendo em troca a penetração de vibrações sublimes. Contudo, durava até a visão de um novo monstro, de uma nova dor por veiculação mediúnica. Foram mais vinte anos de trabalhos, afinal, de graças celestiais, por serem de trabalhos árduos em prol dos mais necessitados irmãos.

Por essa altura, deu-se o meu encontro com um senhor, amante de estudos astrológicos, homem dotado de raras qualidades de caráter, mas em excesso enfronhado na matéria que tanto o fascinava. Pediu-me os dados necessários, ano, mês, dia e hora de nascimento, fez os seus cálculos e pretendeu explicar-me os motivos de tantos sofrimentos, de relações tão fáceis com os mais sofridos elementos do mundo espiritual. De tal modo fez-me pensar, que desconfiando de meu bom guia Alécio, fui bater à porta de um médium de reconhecida idoneidade, a fim de consultar-lhe o esclarecido guia.

Relatei-lhe o que ocorria. Ele sorriu, abanou a cabeça e julgou por si, dizendo ser a *Astrologia passível de muitas falhas*, por ter que agir sempre no plano geral, nada podendo explicar sobre o *carma individual*. Mas que, se eu quisesse, teria muito gosto em servir-me.

Disse-lhe que sim, por cujo motivo entramos para a sala, eu, ele, sua senhora e uma filha jovem, também esta portadora de teor mediúnico apreciável. Quem me falou, em primeiro lugar, foi o guia da jovem, que, tendo sido médico, teceu um longo comentário sobre a ação dos fluidos malsãos, em minha natureza eletromagnética, atingindo por aí o sistema glandular, forçando-o, determinando a emissão de sucos e secreções alteradas. Mas, terminou afirmando a necessidade daqueles sofrimentos,

embora reconhecendo o mérito da busca explicativa, pois ninguém tem obrigação de se entregar a trabalhos custosos, sem saber ao certo por quê. Em meu caso, disse ele, tudo estava lúcido, claro e necessário. Devia confiar no guia, acima de tudo na **LEI**.

Com firmeza extrema sentenciou:

— Seu caso é estritamente de **LEI**. Entre você e a **LEI** há um sério problema a ser solucionado. Prossiga, se não quiser perder tempo e a futura paz.

Quando se fora o médico, e viera o guia do médium, que servia noutra esfera de serviços, contei-lhe o que me havia dito o astrologista, sobre ser errado emprestar o corpo a espíritos, principalmente a espíritos inferiores.

O bom guia sorriu, explicando:

— Há um plano estabelecido, você bem sabe disso. Esse plano verte da Autoridade de Jesus Cristo, que prometeu a *Revelação a todos*. Com isso, aprendem todos, vão todos sabendo a respeito das leis fundamentais. *Rasga-se o véu dos tempos*; a quantos queiram saber é dado penetrar naquilo que antigamente era conceituado secreto e misterioso. Antes de mais nada, cumpre ser discípulo fiel. Infelizmente, porém, *muitos querem ser mestres*, quando ainda não conseguem ser bons discípulos. De tua parte, porém, respeita o programa de Jesus. Nele não há secretismos, nem mistérios, nem ocultismos, precisamente porque a Sua função messiânica foi rasgar o véu dos tempos, tornando acessível a todos o melhor aprendizado possível. Se é certo que temos a lastimar a muita *falta de estudos*, não é menos certo que contamos com a direta orientação do Divino Mestre. Deixe, pois, falar aos que se julgam mestres, mas que ficam em meio do caminho, por não se porem a par do plano estabelecido pela Diretoria Planetária. Trabalhe, e sofra, que assim há de fazer jus ao futuro brilhante que a todos aguarda. Noutros casos, teríamos outras palavras a dizer; mas no seu caso, cumpre apenas dizer o que temos dito. Semeou o mal, espargiu a dor, negando e **ensinando a blasfemar**... A dor testemunha a marca de espírito que é... Tenha paciência consigo mesmo, coloque a razão acima de tudo, que com a ilustração de que é senhor, com pouco se capacitará de que é um grande devedor em serviços ressarcitivos.

Amenizou o tom da voz, considerando:

— Há, porém, que considerar a obra já feita, o merecimento da trabalhadeira levada a termo. Já fez muito por si mesmo... Consulte o seu íntimo, que lhe dará a resposta devida. Amigos, muitos amigos, sentem prazer na sua obra! Não caia na asneira de trair e ser traído. Avante. Prossiga. Já venceu o pior!

Meus olhos encheram-se de lágrimas, porque meu coração fremeu a impulsos de um contentamento íntimo indescritível. Saí da casa amiga, sentindo o Céu na esteira de minhas dores. Compreendi a extensão de minhas faltas, concebendo a

necessidade daquela purgação em trabalhos; mas senti Deus na empreitada, dispondo os compromissos conforme os reclamos de Sua Soberana Justiça.

Eu sentia, em verdade, uma atração fantástica pelos grandes vultos da seara espiritualista. Comumente, vinha-me a necessidade indomável de ler trechos daquela gente, de seus trabalhos, de suas concepções, de suas doutrinas. Naquele dia, ou mais propriamente naquela noite, pesou-me na vontade ler alguma coisa de Orfeu, o iniciado délfico.

Não sei quantas vezes li o seguinte trecho:

“É então bem verdade que assim o queres? Escuta, pois. Na Tessália, no vale encantado do Tempe, eleva-se um templo místico, que está cerrado aos profanos. É lá que Dionisios se manifesta aos mistas e videntes. Convido-te para ali assistires à festa do ano próximo. Então, mergulhando-te num sono mágico, abrir-te-ei os olhos, para que vejas o mundo divino. Que, até lá, a tua vida seja casta e branca a tua alma. Porque é preciso que saibas, que a Luz de Deus apavora os fracos e mata os profanadores”.

Não sei, verdadeiramente, quantas vezes repeti a leitura desse texto; mas sei que me fez bem, que me enveredou a um sono feliz, sublime, propiciando-me sonhar com o Céu. Era um Céu azulino, matizado de cores outras, de ultracores, tênues, cantantes, harmoniosas, deslumbrantes. Havia murmúrios divinos, bem ali a meus pés e nos cimos estelares! Tudo cantava, tudo sorria, tudo glorificava o Emanador. As coisas e os seres eram divinos, partilhavam normalmente de Sua Presença!

Depois, num lance descendente afundei, atingi a treva, senti-lhe o gosto amargo. Partilhei daquilo, sem ver animais, sem ver almas, sem ver a vivente algum.

Uma voz potentíssima estremeceu as trevas:

— Anda! Marcha! Procura ver!

Movido por força estranha, vaguei por sobre as trevas, deslizei, como se eu fosse miraculosa brisa, voluptuosa aragem, misterioso sopro de celestial criatura. Senti-me bailar no espaço, suspenso não sei por que força; a treva não tinha império sobre mim, não mais me prejudicava. Num repente, formidável corrente me arrastou, atirando-me a um vale sombrio, vale que eu via, que eu sentia, que eu vivia, sem

saber como nem por quê. O terror foi surgindo, não de fora e sim de dentro, como se o inferno estivesse nascendo de minhas entranhas espirituais. Foi então que gritei, pelo Emanador e pelos Seus servidores. Chamei por Deus, pelo Divino Mestre, pelos servidores da Verdade. Nada vinha em meu socorro, tudo piorava, o terror crescia e tomava-me por inteiro. Gritei pela voz tonitruante:

— Ó voz! Ó voz! Vem socorrer-me! Pelo amor de Deus!

Minha esposa acordou-me. Eu estava bem, nada estava sofrendo, mas parecia ver tudo aquilo, dentro de mim, no meu campo áurico de visão. Adormeci depois de orar muito, de invocar Alécio, o bom guia. Estava, agora, seguro pela mão. Eu não via Alécio, nem quem fosse, mas tinha a certeza do apoio e estava corajoso, armado de coragem invulgar.

As trevas apareceram, mas não me causaram pavor. Eu apertava aquela mão, não podia imaginar em largá-la. Sentia que, sem ela, tudo seria de novo terror. E a corrente voltou, arrastando-nos, atirando-nos em algum lugar. Agora havia cheiro ruim, cheiro de espíritos malsãos, cheiro de inferno. Eu sabia, agora, que o inferno tinha o seu cheiro característico.

A voz trovejou, ao longe, perdida não sei onde:

— Deus é Pai! O Cristo é Mestre! Mas todos têm necessidade imediata de um guia individual! Avante! Avante! Deus age indiretamente!

Alécio falou, eu lhe ouvi muito bem a voz, mas não pude vê-lo. Eu nunca o vira durante a minha encarnação. Via outros espíritos, mas não via o meu guia, o amigo mais íntimo do plano relativo.

Disse-me ele:

— Este é um lugar de treva. Existem muitos lugares de treva. Nós, porém, lidamos aqui. É daqui, é deste lugar que retiramos os sofredores a quem você dá entrada, ou passagem, a fim de serem encaminhados e libertos, relativamente libertos. Você nada vê, mas aí sofrem miríades de irmãos; foram errados pertinazes, foram cruéis; odiaram, mataram, cresceram para a brutalidade.

— Gostaria de vê-los — opinei.

— Eu o farei enxergar. A treva pode ser vencida. Há ordem para tanto.

Naquele momento comecei a enxergar. Estranho fenômeno, pois eu via a treva e enxergava através dela!

— Vamos descer — disse Alécio, que sempre estava oculto.

Descemos. Comecei a ver alguma coisa. Vi, a seguir, muitas criaturas rolando, xingando, blasfemando, grunhindo, uivando. Uns espancavam a outros, alguns mordiam e das feridas corria sangue, tal como aconteceria na carne.

— São os que pecaram contra a **LEI**? — perguntei.

— *Sim. Mas através do próximo. Verdadeiramente, Camilo, ninguém erra sozinho nem sozinho acerta. Há sempre algum próximo em nossas obras, que sofre ou goza conosco. É por isso que convém nos amarmos. Deus é base, a Lei é base, a Justiça é base. O Amor e a Ciência são meios, são instrumentos de vitória. Temos que nos valer do Amor e da Ciência, para sintonizar com Deus através da Lei e da Justiça. Quem erra está longe, está separado, não sintoniza.* Há erros, entretanto, de vários graus e matizes de graus. A Lei, porém, aciona a Justiça na razão direta. Os que se acham aqui são errados de alta monta... Por isso, custam dores... Mas custam a quem deve, a quem também tem muito por que responder... Agora, vamos embora, que ainda tenho muito a fazer.

Acordei em paz, mas cheio de pensamentos. Acima de tudo, não me saía da mente aquele trecho do profeta Orfeu, um dos precursores do Cristo, uma das mais belas páginas da espiritualidade terrestre.

À noite, encontrando-me com o grande confrade, relatei-lhe o acontecido. Ele, opinando, disse-me:

— Camilo, em Deus não há ocultismo algum. Nunca houve. Quem procura acha e quem despreza se afasta, a menos que razões cármicas forcem em contrário. Você, por intermédio do trecho citado, entrou em consonância com o plano espiritual, e dele recebeu a devida resposta, por ressonância. Qualquer texto, no caso, faria o mesmo, daria resultado, se a ordem de pensamento-desejo fosse a mesma.

Ao deitar daquele dia, sentindo-me cansado, recostei-me a uma espreguiçadeira. O Sol pendia, lento, cor de ouro, por entre nuvens flocosas, muito alvas. Tudo convidava a pensar, a desejar celestes realizações. Meu pensamento vagou, roçou por acontecimentos, reviveu fases, sentiu velhas lições da vida. Sensível que era, meu campo magnético refletia os estados, fazia-me estremecer, e conforme o fato lembrado feria-me com dores agudas. Por fim parou na visão da noite anterior, vagueou por alto, depois penetrou pelos detalhes, esmiuçou as particularidades. Teci cogitações e senti vontade renovadora. Apanhei a obra já citada e busquei reler um trecho. Que profeta? Que trecho?

Achei o que julguei convir; era um trecho de Rama:

“Rama fez o que o seu Gênio lhe ordenava. E, mal o facho passou às mãos do homem e a taça às da mulher, logo aquele se acendeu de si próprio sobre o altar, e os dois, transfigurados sob o seu clarão, resplenderam como o Esposo e a Esposa divina.

Ao mesmo tempo, o templo alarga-se; as suas colunas sobem até ao Céu; a sua abóbada perde-se no firmamento. Então, Rama, arrebatado pelo seu sonho, viu-se

transportado ao cume duma montanha, sob o céu todo estrelado. De pé, junto a si, o seu Gênio explicava-lhe as constelações e fazia-lhe ler, nos sinais acesos do Zodíaco, os destinos da Humanidade.

“Espírito maravilhoso, quem és tu?” — diz Rama ao seu Gênio. E o Gênio responde: — “Chamam-me Deva Náhuxa, a Inteligência Divina. Tu espalharás o meu fulgor por sobre a Terra e eu acudirei sempre ao teu apelo. No entanto, segue o teu caminho. Vai”

E num gesto de sua mão, o Gênio aponta o Oriente.”

Como um dos precursores do Cristo, Rama fez aquilo que talvez seja impossível conceber integralmente. Mas, para mim, no momento, nada fez. Esperei, reli, tornei a ler, mas nada de novo ocorreu. Levantei-me, meio aborrecido, e fui deitar à sombra de frondosa amoreira, onde centenas de pássaros vinham comer e brigar.

Adormeci, sob o impulso de um frêmito gostoso, de uma suave e incorpórea música, que parecia vir de longe, do alto, das nuvens ou mesmo do Céu. Quando me vi livre, envolvido num sentimento de liberdade e paz que nenhuma palavra humana jamais poderia explicar, por superar os restritos sentidos de Espaço e Tempo, a figura bondosa de meu pai apareceu, cheio de felicidade, estuante de felicidade. Foi para mim um gozo extremo. Quis falar, mas não o consegui. A garganta estava truncada, embargada. Meus olhos derramavam lágrimas quentes, minha mente recitava uma prece. Eu sentia, sem querer, estar ali uma graça de Deus.

— Vem comigo — disse-me ele, estendendo-me a mão direita.

Dei-lhe a mão e acompanhei-o. Subimos espaço acima, lentamente a princípio, depois mais ligeiro, a seguir velozmente, como se vento celestial nos estivesse embalando no rumo dos Céus superiores. Onde iríamos parar? Para quê?

Meu pai olhou-me com extrema bondade, respondendo ao meu pensar:

— Não te importes. Acaso Deus não sabe o que faz?

Quis responder, mas ainda não podia falar. Um nó de garganta tolhia-me a fala e fazia-me pensar, pensar e nada mais. Todavia, subíamos, íamos varando fronteiras, atravessando regiões, escalando planos astrais.

Num mundo róseo, feito de fragrantas vibrações, onde a natureza era acima de explicações humanas, porque tudo era por demais celestial, pousamos. Eu estava extasiado, incorpóreo, esquisito, feito música divinal e não como homem, e não como espírito. Meu pai brilhava, eu brilhava, o ambiente fazia-nos brilhar; a fala saiu-me, eu falei algumas palavras, depois fui obrigado a silenciar, porque o Céu se fez mais brilhante, por fim abriu-se, e dele vieram luzes, luzes de todas as cores, de todos os

matizes, simples e compostas, numa festa de brilhos e de sons, como jamais se imaginaria existir.

Nossos olhos queimavam, porque éramos obrigados a semicerrá-los. Mas, queríamos ver, apreciar, sorver aquela majestade celestial. Aos poucos, aquelas luzes se fizeram seres, e divinizados, esplendentes de luz e de som. A caravana estacou no meio do céu-espaço. Formaram filas, dispuseram-se em linha, olharam para as alturas brilhantes, ofuscantes. Trombetas vieram, feitas de luzes, coruscantes, e que pareciam tocar por si mesmas. Todavia, cada ser apanhou a sua e colocou-a na boca. Houve, então, um silêncio profundo. O céu espiritual cessou a sua vida ruidosa. O céu-espaço, idem. A Terra não existia, não se via. Tudo eram quietudes, profundas quietudes, silêncio absoluto!

Houve expectativa. Um segundo valia por um milênio. Os seres divinizados olhavam para as alturas brilhantes, ofuscantes, mas entregues àquele silêncio absoluto, infinitamente silencioso.

Em dado momento, romperam as trombetas os seus toques. Eram sons vivos, coloridos, furta-cores, ultracores. Clarões sobre clarões fizeram-se, nas alturas de si mesmo claras, ofuscantes. Duas estrelas surgiram do centro fulgurante, duas estrelas divinamente majestosas, gloriosamente sublimes, deslumbrantes a mais não se poder avaliar. Vieram descendo, descendo, até pararem no centro dos seres que faziam sonir as trombetas, cujos sonidos se estendiam ao infinito. Ali fizeram parada. Aos poucos, entretanto, as luzes cederam, foram se ofuscando, deprimindo, restringindo. Com isso, as duas estrelas fizeram-se pessoas brilhantes, que aos poucos se tornaram simples, bem assim como toda aquela imensa corte de espíritos superiores.

O Céu era, agora, igual a nós. Apenas, não tínhamos certeza de quem fossem, e principalmente quem seriam as duas estrelas. Senti vontade de avançar, de vê-los de perto. Ato contínuo, um deles falou, estendeu a mão, convidando. Sua voz rompeu pelos espaços em fora, atingiu as profundezas de tudo e de todos. Era feita de luz, era música, era poder.

Meu pai conduziu-me, subindo, subindo, até o meio do céu-espaço, onde ele se achava, onde todos se achavam. Olhei-os. Estremeci. Senti indomável ímpeto de ajoelhar, de adorar através de forma, de gesto. Meu pai susteve-me de pé, não me deixou ajoelhar. Mas eu sentia a minha pequenez. Estava dobrado de alma. Estava contrito. Contudo, minha intimidade sentia o Céu, minha alma gozava a luz de Deus, que deles emanava. Não era mais aquela luz ofuscante, era a Luz Poder, era a Luz Glória, era a Luz Justiça. Acima de tudo, convenhamos, eu sentia a Luz em sua expressão de Justiça. Era tão profunda e intensa a noção de Justiça, tão penetrante, que eu senti a Lei emergir do meu próprio íntimo, ferir-me, fazer-me sentir a integralidade responsável de todos os atos e de todas as conseqüências.

Ele, o Divino Mestre, falou então, com brandura indiscernível:

— Vê? Tudo está em todos. Eu passei à frente o programa redentor, para que cada um realize a sua própria salvação. Não sou, porém, responsável pelas liberdades individuais. Dei-vos o exemplo e, segundo a Vontade do Pai, enviei-vos o Consolador, o Paracleto, a Revelação. A minha Igreja está sobre ela estabelecida. Ninguém a corromperá eternamente, porque *os tempos novos virão e os meus discípulos a farão ressurgir*, cada vez mais ampla, mais profunda, mais intensa.

Ele fez silêncio e o silêncio invadiu o infinito.

A seguir falou, ordenando, num tom de autoridade e amor:

— Vai. Repara as faltas semeando a boa semente da Verdade entre os irmãos.

O Céu fez-se brilho, sons e glórias. Todos passaram a brilhar. Aqueles espíritos superiores começaram a fazer soar as trombetas e o céu-espaço encheu-se de vida, de melodias, de glórias. Os dois fizeram-se estrelas, de novo, e foram subindo, subindo, até sumirem na Luz Plena, parece que em Deus, na Divindade que, embora sendo íntima em tudo e em todos, não pode ser vista nem partilhada pelos que ainda são inferiores.

Fomos descendo. Em caminho, prestes a chegar, indaguei:

— Papai, quem era aquele que Lhe estava ao lado?

— *Rama*. Devo dizer-te, porém, que Rama teve muitas vidas mais, sempre militando na seara espiritualista. Posso avançar, também, que viveu a personalidade de *um dos maiores profetas hebreus*, tendo vindo, também, como *precursor do Senhor*.

— É encantadora a doutrina da Verdade!

— Pelo menos, nada se perde; tudo é contado, seja o bem ou o mal, seja a sabedoria ou a ignorância. Resta-nos é respeitar a Lei, porquanto, em sã verdade, Deus está acima de cogitações, o Cristo faz a vez de Mestre, a Justiça se impõe, e, o espírito, nós, tudo quanto temos é em comum com a Lei. Podemos fazer de conta que nada importa mais do que a Lei, porque ela é quem, em tudo e por tudo, nos garante o que bem entendermos de querer, seja a paz ou a tormenta, seja a sabedoria ou a ignorância.

— Como, porém, tudo é em Deus...

Ele interrompeu-me, para emendar:

— Como, porém, tudo é Deus, *o relativo tende a se integrar no Absoluto*.

— Deveras. Tudo é uma só **UNIDADE**, que se expande ao infinito.

Chegamos. Ali estava meu corpo, estirado, respirando, vivendo a sua vida vegetativa. Meu pai, olhando-o, observou:

— Esse instrumento bendito já não irá muito longe. Trata de fazer o quanto possa, porque vale a pena... Não é mesmo?

Olhei o meu corpo, envelhecido, cansado, esgotado. Senti alguma coisa estranha invadir-me. Era um sentimento de respeito, de gratidão, de amor por ele, pela imensa serventia que me oferecera.

Meu pai disse:

— Vai. Vai e faze o quanto podes. O Gênio de Rama assim ordenou, na primeira hora. Eu te digo vai, na última, porque não sou o teu Gênio, e sim o teu irmão, que no rol das funções terrenas foi o teu pai. Há, porém, muito amor em mim...

Corriam-lhe, pelas faces, uns filetes brilhantes.

Sob aquela influência despertei, sentindo a presença do Céu em mim.

Depois daquela visão do Cristo, e pelo quanto o corpo estava exangue, fisiologicamente a findar, minha vida psicológica mudou muito. Havia tido visões, entrara pelos infernos, investigara as zonas relativamente felizes. Porém, a visão do Cristo marcara de modo estranho o meu caráter. Surtira, em mim, daquele dia em diante, uma nova feição da Verdade, um novo conceito do Bem, e, acima de tudo, a mais vigorosa consciência da divindade interior. Realmente, posso dizer o que vale a vivência de Deus e do Cristo, quando se a tem de tal modo manifesta na própria estrutura psíquica, por tê-la intensamente vivido. O espírito transpõe os umbrais do racionalismo frio, ou quente se é sectário, enveredando pelos rincões ultraclaros da mais sã espiritualidade. Vislumbra o Céu exterior através do interior, fremendo de gozo indefinível, saturado de sentido moral sublime, capaz de, por si só, dispensar todos os argumentos do mais devotado cálculo. É a ultrafania que vive no ser espiritual, por ressonância vibratória. Não há mais que investigar e discutir; apenas, para todos os efeitos, importa ceder ao impulso divino que sustenta e embala a nova característica psicológica, por constituir o grau dinâmico esplendente, ou, como dizem modernamente, ultrafânico.

Vivi, portanto, mais dois anos por entre os embaraços carnis. Isto porque, a ser fiel para comigo mesmo, não existe quem viva na carne o melhor grau ultrafânico, a mais subida expressão espiritual. Pelo contrário, quanto mais a alma se sente em sintonia com o plano superior, a ponto de cair em êxtase, tanto mais se ressentido dos grilhões carnis. Dizer em contrário é criar contradições, é fazer o que há sido feito, dizer e desdizer, numa torrente pernóstica sufocante, através de raciocínios forçados, muito calculados, mas plenos de erros e contradições. Vejam que, apesar de querer esconder, quem isso faz se afirma acima do mundo, enquanto que também se diz sofredor, comprimido pela mesologia grosseira e vítima de incompreensões. A verdade, entretanto, é que realidades são realidades e aparências são aparências.

Quem por verdadeiro dinamismo espiritual alcança sintonizar com o grau aqui chamado crístico, por certo repete com o Cristo:

“O FILHO DO HOMEM VEIO DO CÉU E ESTÁ NO CÉU.”

Mas a carne que precisou de pastos animais intensos, *viveu normalmente a plenitude biológica*, que usou da terra as suas delícias físicas, por certo não é quem pode falar em superações de ordem carnal. Nem mesmo pelo vencimento do ciclo viril, nem mesmo pela decaída fisiológica em geral. Podemos afirmar o que é marcação, o que é vinculação física e perispiritual. Quando muito, é bem o caso, a criatura pode se afirmar como sensitiva, médium ou facultativa, um agente passivo para certas influências positivas.

O meu corpo experimentava esgotamento, cansaço, diminuição em geral e em toda velocidade. O pensamento, entretanto, relembra prazeres antanho realizáveis e muito desejosos. Enquanto isso, o espírito lutava em abono do Cristo interno, cuja antevisão me fora dado saber, sentir e gozar, na vivência do Cristo externo, tão glorioso, tão cheio de esplendor, feito a imagem da própria Autoridade!

Com o decair do corpo, e dos regalos inerentes, não decai o pensamento, ainda que saturado daqueles santos unguentos. E, então, entram em choque múltiplos fatores de ordem biológica, assomando à frente da grei material o estandarte do *sensualismo*. Ao menor descuido, ei-lo apanhando a mente de improviso, assaltando a esfera mental e incutindo desejos impossíveis de realização, e por isso mesmo confrangedores, açuladores de angustiosos estados e deprimentes situações.

Não é tão fácil cristianizar o espírito. Fácil é ser cristão intelectual. Até mesmo *consciencional* é fácil de ser. Mas ser um espírito cristianizado é muito diferente, porque é *vencer o animal*, porque é vencer, de uma vez para sempre, uma metade da realidade biológica. Por isso mesmo, aos que se acreditarem bastante espiritualizados, por se sentirem fortemente relacionados com o plano espiritual, recomendamos fazer a seguinte pergunta — serei mesmo um espírito superior, sublimado, individualmente valorizado, ou será tudo isto mera questão de ordem mediúnica, pura questão funcional facultativa?

Concito a este raciocínio, porquanto sei de quem se julgou muito acima da confraria, por entrar em contato com o plano espiritual superior, legar boas obras doutrinárias à biblioteca espírita e ser muito reverenciado pelos contemporâneos. Entretanto, não passara de um grande devedor, vastamente arrependido, decidido a uma farta recuperação, e, por isso mesmo, aquinhado com o direito de tentar semelhante função mediúnica. Pouco ou nada houve nele de importante, sem ser a vontade recuperadora — *fora apenas um obrigado e não um devotado*. Sim, foi uma questão de *obrigação* e não um caso de *devoção*. Com a desencarnação, não se encontrou como se pré-julgara... Estava mais livre, mas era ainda bastante inferior, muito mais do que poderia julgar-se.

Por que, irmãos, não devo contar tudo como de fato o foi?

Seguindo a trilha da verdade simples, confesso que me julguei, no fim da vida carnal, alguma coisa melhor. Um caso, apenas um caso como milhões de outros. A diferença é que me comprazo em relatá-lo, para que sirva de exemplo a outros. A minha parte, sem dúvida, deve ser essa mesma, para ser fiel a Deus através de mim mesmo. De resto, que grande crime é ser *presunçoso*, num mundo como a Terra, sendo parte de uma demografia tão rudimentar em valores intelecto-morais?

Não era senilidade, fica bem entendido. É que eu tinha visto muitas coisas, na Terra e no Céu, inclusive Jesus Cristo. Num fraquejar de espírito, podia muito bem julgar-me um grande missionário, não podia?

Os últimos quatrocentos dias de vida sobre a Terra, passei-os fazendo alarde dos primores de espírito de que não era detentor. Os maus bocados, e foram tantos, contava-os como atos de sacrifício em prol da humanidade, tal qual como se fora um novo Cristo. E as belezas vistas e vividas, eram apenas testemunhos do Céu em favor de minhas altas validades hierárquicas.

Chegou, porém, a *hora do grande ajuste*. A hora do dá cá, toma lá. E tudo não ia além de quase nada, porque quase tudo fora pura questão de *adiantamento*. O que me dera o Céu por *antecipação*, em instruções e oportunidades, mal estava resgatado. Os juros da obrigação cumprida eram a paz merecida e novas oportunidades no porvir. Nada continha, porém, da auréola dos espíritos cristianizados intimamente! Minha importância era uma autoblague! Caído o véu da aparência, restava o espírito ainda duas vezes falho — uma vez falho por dívidas contraídas e outra vez por involução! Pura e simplesmente isso; cumpria-me resgatar faltas e trabalhar pela iluminação interna. *Estava ainda por me cristianizar*.

É claro que, se fosse meu intento falar em cristianismo exterior, ou formal, de sobejo tinha com que contar, para me apresentar em condições favoráveis perante vocês. Se, porém, fui convidado a testemunhar a Verdade, embora através da feição medíocre em que a consigo deparar, pela fragilidade de minha validade perceptiva, por que devo trair o convite superior, em benefício de minha vaidade? Eu faria, então, pior papel do que fez aquele pobre moço rico, que em função de sua riqueza pobre, traiu a real opulência — tornar-se Apóstolo do Cristo!

Antever o Céu é apenas antevê-lo. E eu havia forçado essa possibilidade, lendo, meditando, atraindo. Diz a Sabedoria Antiga, que quando o discípulo está em condições o Mestre aparece. É um fato consumado, é questão fechada.

Resta dizer, também, que estar ou não em condições é questão de ordem legislativa superior, não humana, não inferior. Não basta achar que sim, que está pronto. Eu, por exemplo, fiz juízos excelentes de mim mesmo. E quem não se vê com muito bons olhos? Até onde poderemos, de fato, contra a lisonja, intrínseca ou extrínseca?

A grande maioria, que se tivesse em conta de discípulo pronto, nem sequer pensaria no programa pré-traçado, para saber ao certo com que faculdades expostas deve contar, aquele que de fato seja um *discípulo pronto*. Essa a dura realidade, e por sinal a mais simples e premente, no caso. Por que, convém saber, é bastante sério o problema do *programa adrede elaborado*. Por mais que o espírito se imponha, force, o muito que pode é melhorar, sublimar até, mas sempre na direção pré-estabelecida, sempre no rumo ou na escala pré-determinada. Portanto, antes de se fazer alguém fábrica de conceitos autolisonjeiros, que trabalhe o quanto lhe seja possível, confiando naquela Justiça que não encerra lesão!

Podem objetar, naturalmente, que eu errei depois de ver, depois de viver a estuância da espiritualidade superior, através de visão invulgar. Acharão isso até ridículo. Não contesto, não lhes negarei tal direito de arrogo. Apenas afirmo que, no momento, não se acha em jogo o meu ato ridículo e sim a minha função esclarecedora. Falo como sei, porque vivi! Jesus Cristo, sendo Mestre, procurou o discípulo humilde, ciente de que a lição não poderia ser dada por quem fosse de hierarquia elevada. Não falo aos sábios, mas sim aos simples e humildes. Eu, que tenho avançado e recuado nos meus preconceitos e conceitos, por ser ainda aluno de

primeiros bancos, falo aos meus iguais. Eu sei que os grandes, terricolamente grandes, cometem asneiras maiores. Mais do que eu, tomam a Nuvem por Juno.

Não há, por aqui, distribuição de graus hierárquicos. Os grandes problemas, as grandes questões, são aqui como são aí. Deus, a Lei, a Justiça, a Ciência, o Amor, que resumem tudo o mais, porque encerram tudo, vivem aqui nas cogitações de todos os bem intencionados. Logo, se há planos astrais, ou Céus, em que tudo isso seja problema de muito equacionado, eu me adianto a dizer que não pertença a esses planos, infelizmente! Acho-me, ainda, em fazimento cristianizador. Sou a massa em processo preliminar de fermentação. As euforias postizas morreram, com o último corpo que aí deixei. Graças a Deus, sinto-me feliz assim. O pouco que tenho é puro, por muito pouco que seja.

Ninguém, portanto, queira se julgar discípulo pronto, menos que venha encontrar, neste lado da Vida, da Vida maior, a contraprova irrevogável, invencível e intransferível. A Terra possui santos e infalíveis... Pelo menos, os institutos humanos rezam assim. Mas... Como seria a Terra um mundo inferior, mentiroso, bárbaro, se os seus habitantes humanos não o fossem?...

Deixado o aviso, vamos avante.

Deixei o mundo das formas através de uma embolia e contornado de preces, creio que envolto numa avalanche de orações. Mas não me encontrei consciente, senão dois dias depois. A embolia física forçou o entorpecimento extrafísico, dormentando o espírito através do perispírito. Também, para tristeza minha, não estava em vias de penetrar aquele mundo esplendente da visão. Estava deitado num leito, em condições convalescentes, tal qual como se estivesse num corpo físico e na Terra.

Tudo o que tinha eram conturbações, angústias, pensamentos contraditórios e muita vontade de ter saúde. Isso mesmo, nem mais nem menos.

Alécio apareceu, mas eu não sabia que era ele; e perguntou-me:

— Como se acha, Camilo?

— Doente. Que hospital é este? Onde está o Dr. Ferreira?

Sorriu, encolheu os ombros e disse, com toda a bonomia:

— Ele continua clinicando lá na Terra...

Senti um arranco no meu íntimo, em que esfera não sei bem certo, se na mental ou na emotiva, ou nas duas de uma vez.

Vendo-me assim, aquele homem de belas feições emendou:

— Mas aqui também temos médicos. Se o que lhe importa é um bom médico, pode estar certo de que o terá. Porém...

Como ele se detivesse a meditar, interpelei-o:

— Porém, o quê? Se desencarnei, como afirma, quero ser tratado como desencarnado. Dê-me o que souber ser melhor.

Como continuasse a me fitar, com atenção penetrante, sem dizer palavra, tornei a falar:

— O senhor é o enfermeiro?

Abanou a cabeça e monologou; mas, muito reticencioso:

— Eu não sou o enfermeiro... Sou o Alécio...

— Alécio! O meu bondoso guia?! Como não o reconheci?! Devo-lhe...

Avançou ele, pressuroso:

— Não! Não! Não! Nada me deve. Deve a si mesmo, o bom e o ruim.

— Devo-lhe um mundo de obrigações amigáveis, como não? Ora! Como você tem feições deveras bondosas. Parece um santo!...

— Claro, um santo em potencial... De resto, um companheiro decidido a ser de bom proveito, apenas.

Estacou, encarou-me com rigoroso olhar e me indagou:

— Vim para lhe dizer umas tantas coisas, Camilo. Quer ouvi-las?

Meio assustado, acenei que sim. Que poderia fazer? E não estava curioso? Afinal, a morte não estava sendo a prolongação das emoções ordinárias? A mente, o grande instrumento, não estava de pé, embora um tanto embaçada?

Após um minuto de silêncio enervante, parece que vindo a propósito, Alécio falou, revelando mágoa na inflexão da voz:

— Camilo, eu vim dizer, de ordem superior, para que se desfaça de *autojuízos lisonjeiros*... Ainda é um espírito devedor, apesar de ter sido fiel aos compromissos, em sua maioria. Os seus últimos dias foram cheios de pensamentos presunçosos... Confundi, entre a graça de uma visão exterior e a realidade do fenômeno ressonante. Por viver um pouco da Glória, julgou-se de gloriosa catadura hierárquica. Fez uma grande confusão, sem dúvida. Peço desculpa, por lhe causar tamanha decepção. Mas... Tinha que lhe dizer. Alguém devia fazê-lo. E como o guiei espiritualmente, foi-me ordenado dizer-lhe.

Ele, para dizer isso, revelou-se imensamente constrangido. Eu, para ouvir tal verdade, tive ímpetos de penetrar o chão e nunca mais voltar à tona. Em mim tudo se comoveu. Senti que ainda tinha tudo, um corpo completo, sem a falta de órgão algum. Tudo se moveu e comoveu, assaltando-me a vontade indomável de morrer, de morrer de fato. Enfrentei, naquela hora, e em poucos segundos, a maior vergonha de minha

vida. Eu, que me julgava um semiCristo, que havia criado em mim psicologia tão favorável, estava a pé, no chão!

Alécio, com ternura paternal, quis consolar-me:

— Não se magoe tanto... Não é o primeiro... Disso acontece muito... Afinal...

Com muito custo levantei a cabeça, para encará-lo. Ele, que sofria comigo, repetiu:

— É isso mesmo, Camilo. Aparecem casos piores... A Terra, por várias razões, aparenta ser um imenso manicômio...

— Compreendo, compreendo... Mas cada louco responde por si... Isso é que faz a gente sofrer...

Condoído, foi andando, sem nada me adiantar. Então, entristecido, perguntei-lhe:

— Já se vai?!... E eu?!...

Olhou para trás e avisou-me:

— Irá tomar um pouco de suco. Mais tarde, bem mais tarde, faremos consigo um bom serviço.

— Que serviço? — quis eu saber.

Nada respondeu, sem ser que fez um sinal com a mão, significando esperar com paciência. Fiquei entregue a pensamentos de toda ordem, alegres e tristes, mas contente por ter sido recolhido a bom lugar. Apesar de tudo, vertia de mim qualquer coisa de bom, de suave, que se convertia em pensamentos de gratidão a Deus e aos bondosos amigos espirituais.

Achava-me entregue à torrente de pensamentos os mais contraditórios, na ocasião em que uma senhora veio vindo, trazendo à mostra um sorriso fraterno, límpido, e uma bandeja sobre a qual estava um copo, cheio de líquido róseo; eu nunca teria tocado naquilo, sim ou não, lembrança não tinha, mas sabia que era bom, de tudo recomendável. Vendo-a, senti-lhe o caráter bom, a tendência favorável; vendo o copo cheio de suco, degustei-o antes de tocá-lo. Foi assim mesmo, pois ao tomar o líquido senti o gosto pré-sentido, a satisfação antegozada.

A senhora falou, revelando conhecer-me:

— Tome isto, Camilo, que lhe fará muito bem.

— Aqui são todos tão bondosos, que eu, para corresponder, tomaria até veneno. Mas, diga-me, de onde me conhece? Sinto a sua alma, a sua radiação, e sei que é um espírito bondoso, bem avançado nos domínios do amor universal.

Ela se entristeceu, fechou-se, murchou. Vendo-a em tal estado, desculpei-me.

— Senhora! Mil perdões, se me julgou mal... Eu sinto a sua alma fraterna, o seu coração sublimado. Não tive...

Ela falou, comovida, explicando:

— Camilo, meu irmão!... Eu sei como pensa e como sente... Eu é que peço mil perdões, por fazê-lo chocar-se dessa forma. É que, como direi, devo-lhe um grande serviço. Eu não sou um espírito assim bondoso... Mas sei agradecer o bem feito. Um dia, não sei quando, hei de lhe contar a minha história. Agora, fiquemos amigos, porque assim convém... Já fomos algozes, um do outro, não faz tanto tempo. Ama-me, com o mais puro e intenso amor, que eu também saberei fazê-lo. Nós necessitamos de muito amor!... De muito amor!... E chamo-me Eugênia.

Fosse por que motivo fosse, ela radiava amor, puro amor. Sua feição era límpida, seu semblante era angélico, em seu olhar refulgia a candura.

Eugênia, tendo aparecido assim, constituiu saudável enigma. Pelo menos, conforme a seguir compreendi, desviou-me a cadeia de pensamentos, fez-me enveredar pelos domínios do passado e das nebulosidades funcionais. Quem seria ela? De onde nos conheceríamos? Que haveríamos feito? Teria sido minha mãe, minha irmã, minha esposa, minha filha, ou quem sabe o quê, onde e como?

Tudo parte de uma **UNIDADE** e encerra uma unidade. Um Deus para tudo e para todos, e cada qual com as suas definidas características individuais, para todos os efeitos. No âmbito da verdade psíquica a vastidão da gama psicológica move-se, evolve e define-se, mas sempre no plano da unidade fundamental, como ser definido que é, como entidade manifesta. Não havendo mistério em Deus, porque é Verdade, porque é Lei, não há mistério na vida dos espíritos, mas sim realidade existencial e dinâmica, vibrante e realizadora.

Depois de pensar muito em Eugênia, e de encará-la do ponto de vista universal, firmei pensamento numa regra de conduta — *amar superiormente é o dever, seja lá quem for*, venha de onde vier, tenha sido o que quer tenha sido, desde que se apresente em condições perante a Lei. E teimei comigo mesmo que não iria ficar à mercê de cogitações apreensivas.

Estava pensando em Alécio, quando ele apareceu, informando-me:

— Camilo, eu vou à crosta. Como sabe, hoje é dia de sessão destinada aos doentes...

— Hoje é dia? Mas, que dia é hoje?

— Quinta-feira. Não sabia?

— Não, claro que não. Andei dormindo muito? Eu sei que há necessidade de sono...

Ele avançou:

— Bem. Você veio para aqui em estado de inconsciência. Dormiu muitas horas. Agora, porém, tenho de ir. Logo falaremos mais, teremos muito a dizer um para o outro. Quero, também, assim que possa, mostrar-lhe a região. É uma bela região, embora muito próxima da crosta. É uma zona de trabalhos, de muita permuta com os encarnados.

— Então, vá, e dê lembranças a todos... Conforte minha esposa e os meus filhos e netos; não olvide meus amigos... Que saudades sinto... Parece que deixei o coração lá na Terra...

Alécio, sorrindo, balbuciou:

— E deixou mesmo. Um espírito educado nunca está apenas consigo mesmo. Está sempre com os outros, um pedacinho em cada parte... E você, pensando como está, *sem pretensas grandezas* e limpo de pernosticismos, *é um espírito educado*.

— Nem tanto, Alécio.

— Um pouco educado.

— Isso, aceito.

— E não é do pouco que se faz muito? Que resta, senão crescer na ordem direta? Mas, até logo. Trarei um conforto. Espere. Quer ler alguma coisa? Temos livros, muitos livros. Quer?

— Queria ver meus parentes já vindos, meus amigos... Mas, quero ler. Dê-me o que julgar conveniente. De matéria religiosa estou saturado, se me é permitido assim expressar.

— Trarei um bom livro... Aguarde um instante.

Ao voltar, trouxe-me um livro interessante, em formato de atlas. De fato, era um *atlas*, mas um atlas total, comportando mapas gerais e específicos, da Terra e das zonas, quer das superiores, quer da subcrosta. Enfim, o *diagrama do planeta*, como jamais eu teria podido conceber que existisse.

Ao sair, havia dito que me daria todas as explicações necessárias. E como os mapas estavam marcados, assinalados, riscados, julguei ser de grande importância um bom mestre. Tudo aquilo devia significar alguma ou muita coisa. Entretanto, começando a ler, observei que havia explicações e observações à vontade. Sabedor, porém, de que outros já me anteciparam a respeito de tais assuntos, deles não farei cogitação. Demais, quem não sabe hoje, sendo leitor, que a **Terra Astral** é o conjunto que se estende do centro da crosta às zonas interestelares, e que embaixo parte das trevas e vai clareando, clareando, melhorando sempre, até atingir as regiões gloriosas ou crísticas? Quem não é conhecedor de que, virtualmente, a importância está na iluminação de cada espírito?

No tempo em que fiz a minha passagem, nem o livro que aí têm, **A VIDA ALÉM DO VÉU**, tinha tradução. Nada eu havia lido sobre os planos espirituais e suas possibilidades ambientes ou mesológicas. Eu sabia, pelos ditos e segundo algumas observações, em torno de assuntos superficialmente ventilados, que havia Céus melhores e Céus piores. E que havia zonas infernais, umas piores do que outras. Mas, nunca poderia saber, então, o que têm hoje ao alcance e com toda a facilidade, sobre as possíveis condições de vida na erraticidade.

Um destes últimos dias, um grupo de servidores do bem, do qual fazia eu parte, foi visitar uma *igreja evangélica*, a convite de um nosso amigo e companheiro de trabalhos, cuja formação espiritual nessa facção teve início e complementação relativa. E, como todos os convencidos da Terra, disse o pastor, entre outras coisas, ou melhor, entre outras asneiras, que Jesus Cristo já havia completado os ensinamentos religiosos em geral, sobre a Terra, o inferno e o Céu, sendo insensatez e obra de satanás tudo quanto anda, mundo afora, com os mais variados títulos, principalmente o que se chama Espiritismo, seita que vem enchendo o mundo de livros e mais livros, numa avalanche sem fim de corrupções.

Ora, nós, os convidados, e ele, o companheiro anfitrião, estávamos observando a sinceridade sectária do pregador, cujo moto era fazer divisionismo tendencioso, obra de exclusivismo, mesmo a despeito de falar repetidamente sobre a Verdade. Os presentes encarnados estavam encantados e entusiasmados, vivendo no plano do paroxismo emotivo, do frenesi sectário. Pareciam hipnotizados pela verve opulenta e gesticulante do pregador, que suava, bramia, rodeado de alguns vultos furibundos, verdadeiros representantes da fauna traumato-religiosa que infestam as regiões inferiores.

Um dos convivas, encarando o bom companheiro, interrogou-o:

— Jesus estaria com isso?

Acanhado, quase sem coragem para dizer palavra, ele murmurou:

— Erros e mais erros!... A Terra continua mergulhada no fanatismo e na *inconsciência* do programa de Jesus. Como poderíamos adverti-los?

Um outro, bastante versado em matéria de controvérsias, avançou:

— Vá dizer-lhes algumas verdades ilustrativas. Sairão com a palavra de Deus em suas costas, pechando-o de Satã e outras belezas mais. São os verdadeiros de conversa, que nada entendem do verdadeirismo das obras inteligentes; são os continuadores da obra de Anás e Caifás; são os crentes em si mesmos, uma vez que *fomentam conceitos completamente errados* e os atribuem ao Cristo.

Um outro, bastante entristecido, disse em tom lastimoso:

— Se ao menos lessem com boa vontade o capítulo dezesseis do Evangelho segundo João!

Neste momento, relatando fases de minha entrada no plano errático, lembro-me do quanto me vi, por vezes embaraçado, apesar de ter sido regularmente instruído nas verdades do Céu. E recordando a capacidade humana, em matéria de convencimentos que não convencem, apelo a todos em benefício da melhor conduta intelecto-moral, em se tratando de opinar sobre os ensinamentos do Cristo, que começaram nos albores da Humanidade, estão em franco desenvolvimento e se prolongarão pelos milênios em fora, sempre avançando, de qualquer modo através da fenomenologia

mediúnica. Falar nos ensinamentos do Cristo é muito fácil, principalmente para quem nada entende do assunto. Porque, em sã razão, embora repousem nos pólos Lei e Revelação, de cuja amplitude nenhum ser humano do presente pode fazer juízo seguro, há que contar com o *infinito dos matizes*. O conjunto desdobra-se em maravilhas de ordem minuciosa, verdades infundas que servem aos espíritos, em cada grau evolutivo, em cada nuance de grau. Para avaliar tamanha amplitude em valores ético-científicos, é mister vá o espírito enfrentando os milênios e as eras, jamais pensando em fazer obra de fanático ou serviço exclusivista.

Relembrando aquele atlas que expunha a Terra total, ou sólida e astral, a começar do seu eixo e avançando até os cimos interestelares, fico ainda absorvido pela idéia que tive, no momento, e que foi a de se arranjar uma cópia fiel para os encarnados. Eu sei que faria um grande bem, pelo menos aos de fato capacitados em matéria de assimilação. Os convencidos de si mesmos, esses que fiquem como gostam de ficar — rodeados de furibundos astrais! Afinal de contas, que mal há em que as almas obtusas permaneçam enrodilhadas no mediocrismo, como presas propositais daqueles desencarnados que vivem à cata de vibrações paralelas? O que achamos ridículo, em muitos pontos, é que negando o contato dos já passados, por julgá-los no Céu, no inferno ou onde quer que seja, e sendo avessos à Revelação, tais crentes não são mais do que beleguins de tais elementos, e dos de pior quilate. Suas casas vivem *repletas de fanáticos invisíveis*, agindo e coagindo na ordem que lhes é ordinária.

Enfim, trombetear a fanfarra da crença teórica ainda é o forte da grande maioria, não sendo de estranhar que muita esquizofrenia mal disfarçada reina pujante, onde só deveria pontificar o máximo gosto pelo verdadeirismo livre, básico, estabelecido sobre a rocha fundamental, argamassada com os valores da Lei e da Revelação, elementos integrais dos quais nem o Cristo se dispensou. Antes, pelo contrário, tornou-os a pedra angular da Doutrina. Porque, se é certo que toda a Escritura Antiga reflete a influência da Lei, não deixa de ser exato que ela foi ministrada pela canaleta mediúnica, apresentando-se o conjunto, de tal modo infuso, de tal maneira unido, que ninguém saberia como separá-los, se disso houvesse mister. Lei e Revelação é que devem ser cultivadas, por aqueles que se queiram ter na conta de cristãos. A Lei, porque é o instrumento de ordem, imanente de Deus, a força que tange ao equilíbrio; e a Revelação, por ser o testemunho do Cristo, Dele que, por função messiânica, devia torná-la ampla, herdade geral, facultativa a toda a carne.

Daquele dia em que manuseamos o atlas, ficamos conscientes de uma verdade simples — sem o concurso da Revelação não é possível o melhor conhecimento da Verdade! E como ponto máximo de observação, cumpre lembrar a sabedoria do atlas.

Qual a sabedoria do atlas?

É que ele, mostrando a Terra total, a parte sólida e a parte astral, demonstra as camadas hierárquicas, revela os planos, fazendo compreender que há espíritos e

espíritos, elementos de todos os graus e matizes de graus, havendo os que podem ensinar e guiar, e não deixando de haver os que, quando muito, o que podem é desviar, perverter, corromper.

E quem não sabe que, apesar dos pesares, se há erro da parte dos inimigos do Batismo de Espírito, ou da Doutrina do Cristo, também se avolumam os erros daqueles que praticam a Revelação, mas que o fazem sem a menor consciência da tremenda responsabilidade a que se votam?

Nos exemplos de Jesus Cristo há medida para todos. *Primeiro enfrentou o preparo e o amadurecimento*, entre as montanhas e as noites silenciosas, os usos e os costumes, tudo aquilo com que, de longos séculos, contavam os Nazireus, a primícia dos Essênios ou da *Escola Profética Hebréia*, às margens do Mar Morto. *Depois*, como de fato deve proceder um *Instrutor de homens*, saiu a movimentar os recursos mediúnicos ou revelacionistas, fazendo-os rodar sobre o mancal irremovível da Soberana Lei! E a Doutrina Cristã é, queiram ou não, a infusão desses dois fatores básicos — a Lei que enobrece e a Revelação que instrui.

Quem é contra não pode ser a favor, afirmâmo-lo com toda a veemência.

Em dado momento, senti adormecimento invadir-me aquele corpo que tinha e a alma que sabia ser. Era um torpor deleitoso, como se ondas amorosas me envolvessem primeiro e começassem a me invadir em seguida, entregando-me a embalador estado de sublimação. Aos poucos, não mais podia mover-me, só a mente estava de pé, e toda a minha personalidade era um deslumbramento!

— Camilo! Camilo! — ouvi chamar, ao longe.

Fiz um grande esforço e consegui voltar a mim.

— Camilo! — chamou-me alguém.

Olhei. Era aquele missionário encarnado, o grande vulto do interior paulista, fundador de jornal, escritor de livros, benfeitor dos pobres, etc. Estava sorridente, feliz, rodeado de muitos outros amigos do plano carnal. Vendo-me em pleno círculo de amizades terrícolas, cheguei a me julgar encarnado, apenas adoecido, guardando o leito à espera de restabelecimento.

Refazendo-me, entretanto, da emoção de que me vira presa, não resisti aos ímpetos da gratidão e derramei fartas lágrimas.

Alécio valeu-se do silêncio havido e avisou-me:

— Trouxe-os para servi-lo. Seja grato a Deus e aos dedicados amigos, mas não queira ficar no leito mais uns dias. Há muito trabalho por aí...

— Que hei de fazer? — redargüi.

Sem responder, dispôs a caravana terrícola ao redor do leito, fazendo os seus elementos darem-se as mãos. A seguir, mandou-me entrar no círculo, tendo-se colocado atrás de mim, a fim de me impor as mãos sobre a cabeça.

Quando tudo pronto, ordenou:

— Agora, pensando em Jesus, queiramos servir a este nosso companheiro de serviços. Vamos forçar a circulação de nossos valores eletromagnéticos, vamos transmitir saúde ao nosso querido Camilo. Que Jesus, o Modelo dos servos de Deus, nos faça dignos da obra almejada.

Houve um silêncio profundo. Depois, lentamente, como que vinda de longínquas paragens, música divinal fomos ouvindo, cujos acordes pareciam graças de Deus a se

derramarem sobre nós. Não me é possível relatar o estado em que ficamos. Nunca poderia, a palavra humana, revelar verdades tão santas, fenômenos tão divinos. Acima de tudo, nunca poderia fazer viver o acontecimento. Tudo ficaria nas palavras, quando muito capazes de fazer cogitar, idealizar. Nada mais.

Terminada a prece, ordenou-me Alécio:

— Levante-se. Vamos fazer uma visita.

Enquanto me dispunha a levantar, apareceu um serventário da casa e guiou-me ao banho, um banho eletrizado, fornecendo-me a seguir roupas apropriadas, isto é, limpas e cômodas. Não sabia como, mas estava com as roupas do leito de enfermo. A realidade é que tudo possui, quando se trata de matéria, variedade imensa de corpos, ou subcorpos, ou corpos em graus refinados, que se destacam, que se separam distintamente e prevalecem no mundo astral. Assim sendo, tudo tem aqui *prolongamento normal*, do mais grosseiro ao mais refinado ou tênue.

Eu saí, portanto, vestido como estava no hospital. Banhei-me, troquei de roupa e lá nos fomos. Era noite, uma noite linda, brilhantemente estrelada; era uma noite cantante, suave, encantadora.

— *Nesta região* — avisou-me Alécio — *que não é superior*, mas que é de paz e trabalhos múltiplos, moram alguns de seus parentes. Está determinado que irá residir com os seus pais, enquanto sua esposa permanecer no mundo. Como deve perceber, pelo que algumas vezes conversamos, neste lado da vida temos de tudo, em graus os mais variáveis, para servir a todo e qualquer espírito, do melhor ao pior, assim como seja merecedor. Aqui, portanto, você estará muito bem instalado, quer seja pelo merecimento que tem, quer seja pelos serviços que irá prestar, assim os possa e queira iniciar...

Fez um breve silêncio, enquanto marchávamos vagarosamente pela ampla e prodigiosamente arborizada avenida; sua voz denotou, entretanto, um certo ressentimento, um tom reticencioso fortemente acentuado. Todos, portanto, ficaram aguardando a complementação do pensamento, sendo que eu, o diretamente interessado, fui assaltado por aquelas observações já recebidas, em virtude dos altos pensamentos que de mim fizera nos últimos dias de vida carnal.

Com o coração saltitante, ouvi-o inteirar a explicação:

— Realmente, devo acrescentar o seguinte — o que fez no mundo foi bom e não foi pouco. Mas foi como *obrigação*, não como *devoção*. Cumpria-lhe resgatar graves faltas e recompensar valiosos ensinamentos e opulentas ofertas em base de oportunidade. Agiu bem, produziu, resgatou-se. É um espírito recuperado em matéria de faltas, mas não é um espírito armazenado de valores adquiridos e aureolado pelas obras de *renúncia*. Não pode merecer, ainda, aquelas plagas ultra-eterizadas, onde vivem os que se fizeram através de complementações laboriosas e sacrificiais *a bem do próximo*.

Ele cessou a fala. Tudo se fez silêncio absorvente. Enquanto havia na amplidão espacial um cântico indefinível, sentido não sei por que íntimas percepções, eu me confrangia todo no exterior, sentia-me ferido, porém devidamente observado.

Alécio avançava na frente da caravana, cujos elementos se mostravam encantados com o panorama à vista. Alguns se detinham a observar os jardins, os parques, os chafarizes; outros sentiam-se atraídos pela paisagem celeste, faiscante, cintilante.

— Vamos, agora, pelos caminhos aéreos — sentenciou Alécio.

Subimos, como que nas asas de invisíveis entidades. Um sopro divinal, de baixo para cima, isso foi o que senti, para ter-me nos ares, sozinho, livre, sem nada temer.

— Eu poderia fazer isto, sem a vossa ajuda? — perguntei.

— Sim, pode. Mas deve compreender, antes de mais nada, que lhe cumpre exercitar os recursos da vontade e do próprio poder. Aqui, onde estamos, e como você está, o pensamento age imediatamente. Cumpre, portanto, conhecer e adestrar tais poderes. Começará fazendo experiências. Há de ver que surgem dificuldades de variada ordem, enquanto não estiver adaptado ao meio e a si próprio, nesta nova modalidade ambiental e funcional.

Deslizávamos, agora, sobre zona serrana majestosa. Tudo encantava; tudo subia a um sentido de infinidade, de profundidade, de apego aos mais íntimos poderes. A beleza exterior fazia regozijar o mundo interior, fazia-o vibrar superiormente, a ponto de forçosamente, sentir Deus no imo e a Ele endereçar os mais ardorosos sentimentos de gratidão.

— É ali que moram — disse Alécio, apontando um planalto belíssimo, onde se via umas luzinhas cintilarem, engastadas no fundo azul, como se fossem acenos amigos.

Senti aumentar a velocidade. E num instante estávamos sobre o local, onde no alto estacamos.

— Estão vindo a nós — avisou Alécio.

— De fato. São três pessoas.

— Seu pai, sua mãe, sua irmã... Aquela que desencarnou em seus braços...

— Romilda?

— Sim, Romilda. Veja como brilham, ao longe.

— Deveras... Mas sinto uma indomável vontade de chorar.

— Não é mau. Mas, controle-se. Tudo por aqui é mais simples, mais sensível, e atinge velozmente os centros de ação, mentais ou emotivos. É necessário manter o melhor equilíbrio possível, pois tudo é natural, seja a morte ou a vida, seja o bem ou o

mal, seja o que for. O que importa, de fato, é *saber ao máximo*, para movimentar com justeza as devidas forças, nos momentos oportunos, sem cair em extremismos, em exageros, o que é próprio de espíritos medíocres e inexperientes.

— Como se demoram! — estranhei.

— Propositalmente. Até nos atingirem, você recuperou o estado mais próximo do normal.

Ao se avizinham, deixaram de brilhar. E, depois de muitas dezenas de anos, revi meu pai, minha mãe e minha irmã, a única que tivera e que morrera em meus braços. Apesar de tudo quanto sabia, experimentei os mais prementes impulsos da emotividade. Graças a Deus, foi assim que aconteceu. Para viver momentos assim, tão felizes, só para isso, já vale a pena viver!

Eu sei que ali fui entregue aos meus familiares. Alécio disse-me apenas o seu até logo, sendo que os amigos encarnados, um por um fizeram suas despedidas. Eu não podia falar, tal a emoção, mas eles também se despediram entre soluços e acenos, porque as gargantas não emitiam som.

Ao longe, eles e nós ainda no ar, houve troca de sinais por meio de projeções individuais. Primeiro foram raios de luz em variantes cores, depois foram mensagens vivas, faladas em voz alta. Terminada a troca de mensagens, descemos. Fui encontrar a casa de meus pais, tal qual como eles a tiveram na Terra. Os mesmos compartimentos, os mesmos móveis, as mesmas disposições, etc. E quando quis conversar, fiquei sabendo que eles estavam a par de tudo quanto havia ocorrido em minha vida, comigo e com os meus familiares, inclusive os trabalhos doutrinários, as obras de solidariedade e todas as movimentações com finalidades dignificantes.

— Têm estado na crosta? — perguntei.

— Sempre que possível e necessário. — respondeu meu pai — Nossas funções são junto aos encarnados, servindo a quem faz jus, como podemos e somos ordenados.

— Onde estão os seus superiores?

— Os nossos... — reparou minha irmã.

— Realmente. Onde estão? Nos Céus superiores?

— Sim, pois a escala vai aos extremos interestelares. Os que nos guiam também são guiados, e assim por diante, até o plano cósmico, de onde a todos nos guia o Divino Mestre, seguido de Seus imediatos diretos.

— Estive manuseando o atlas, Romilda. Sei como é tudo isso, embora em linhas gerais. *É muita ordem em tudo*, graças a Deus. Seja como for, sempre é bom de se saber que há ordem em tudo e para tudo, apesar de haver tanta desordem em alguns lugares... *Sim, há muita falta de ordem nalguns lugares...*

Meu pai, pondo-se em pé, aparteou-me:

— Mas você já sabe o que acontece, não sabe? Cada um se encontra, tal como se procurou através de suas obras. Logo...

Minha mãe, levantando-se, informou-me:

— Nós temos um encontro marcado para as cinco horas, num hospital, onde uma senhora vai ser preparada para sofrer grave operação. Ela não vai desencarnar, o que fatalmente ocorreria sem a ajuda deste lado, porque não é sua hora e também por haver instantes rogos a seu favor. Nós, entretanto, como servos de Deus e de nossos superiores, vamos acionar os recursos necessários. Fique aí, durma um pouco, ou leia o seu relatório dos últimos séculos...

— Dos últimos séculos?!...

— E que há nisso de mais ou de menos, meu filho?

— Faço questão de ler! Quero saber tudo quanto...

— Quando vai aprender a ser comedido? — observou minha irmã — Não sabe que a precipitação é própria dos espíritos involuídos e tardos?

— Compreendo. Eu sei que a *precipitação* e a *prevenção negativa* são próprias de quem não conta ainda com a devida maturidade. Eu, porém, além de não ter a veia filosófica exposta, sou um recém-vindo, um estranho, um...

Minha mãe, que fora buscar o documento, entrava com ele, passando-o a minhas mãos. Era uma pasta alentada, um molho avantajado. Mais do que por simples impressão, eu tremia diante daquele documentário. Sentia um tremor esquisito, como se estivesse à frente de um tribunal acusador. O fragante interesse de pouco antes, converteu-se em quase pavor ao ver a maçuda pasta onde se achavam registrados os eventos de minhas últimas vidas.

— É melhor deixar isso para outro dia. Vá dormir, que nós também temos disso necessidade, pouco evoluídos como ainda somos. Outro dia lerá, quando estiver em melhores condições. Afinal, tudo é comum, simples e natural.

Meu pai também repetiu a mesma opinião, mas eu teimei em ler e o fiz, isto é, comecei a ler, enquanto eles saíram demandando suas obrigações.

Sem dúvida que se pode encarar todo e qualquer problema pelo menos por dois ângulos — o geral e o particular. Fazendo-o pelo prisma da universalidade ou geral, consegue-se manter o equilíbrio mental-emocional, consegue-se a sustentação de um tom psicológico favorável. Mas, quando o assunto é simplesmente íntimo, ou de ordem toda individual, o mundo interior sofre abalos tremendos, convulsiona-se, sobe aos píncaros da comoção. Não é possível encará-lo universalmente, pelo menos eu o sinto assim, eu que ainda sou de pouca evolução, eu que faço reviver as cenas, eu que obrigo meus nervos de espírito a choques tremendos.

Todavia, como a consciência do erro se me foi penetrando, dominando, fiz absoluta questão de ler, de pôr minha estrutura geral em prova. *Eu ainda durmo e ainda sonho*. Não pertencço ainda ao número e rol dos que vivem a *vida plena*. E por essa razão, enquanto durou a leitura, vivi sobressaltado e cheio de sonhos horríveis.

Eu não podia ter cometido grandes crimes, espírito primitivo que era e sou. O grande mal sempre residiu na descrença e nos abusos animais em geral. Se a fé obra maravilhas, como fator que é de acionamento positivo; se o domínio dos instintos importa em vitórias psíquicas; se é assim, que bem sabemos o é, eu fiz tudo pelo avesso, até à última passagem pela carne, quando trabalhei na seara do Consolador, resgatando faltas e amalhando valiosíssimas amizades.

Sem falar das vantagens do *conhecimento superior*, mas apenas para tratar do mais necessário dos atributos, que é de ordem moral, devo recomendar o que posso e sei — faça, cada qual, tudo quanto lhe esteja ao alcance em matéria de fé e de poupanças instintivas inferiores. Eu sei que ninguém é obrigado a dar o que ainda não tem. Eu sei que desejar é uma coisa e poder realizar é outra. Não peço, portanto, aquilo que nem Deus pede; mas concito ao melhor domínio das paixões inferiores, além de afirmar as vantagens da fé, do moto sintonizante.

A *fé viva*, atuante em grau superior, bem assim como o domínio das paixões inferiores, são o produto das longas jornadas, são os efeitos da maturidade psíquica. Ter essas comendas do espírito, sem enfrentar a fermentação biológica, isso é impossível! Nós, no entanto, falamos a linguagem de ordem relativa, pessoal, simples e imediatamente ao alcance da inteligência e das possibilidades. Não fosse para isso, quem nos convocaria para estas confabulações? Teríamos algum proveito, revelando nossos erros, expondo nossas fraquezas, se tudo isto não estivesse no programa instrutivo da confraria humana? Não para o meu, mas para o seu governo, remeto-os

ao verso treze, do capítulo dezesseis, do Evangelho de Jesus, segundo João, o Evangelista.

Embora servos de última hora, e sem melhores méritos, estamos servindo Aquele mesmo Divino Mestre. Damos pouco, mas damos tudo de alma aberta. Fazemos encarar um Céu ainda pobre em vigores divinais, e apontamos com justeza os infernos procelosos, tudo consoante a medida ordenada. A Terra pouco oferece, ainda, em matéria de subidos exemplares espirituais. Sem ser alguns vultos missionários, a maioria paira nos albores hierárquicos, nos primeiros graus da escala hominal, onde se patenteiam fortemente os instintos inferiores, onde o homem vegetativo pode mais do que o homem espiritual.

Nada há que estranhar, portanto, no fato de virmos nós tratar dos panoramas erráticos, em lugar daqueles que, sendo mais vividos, poderiam dizer de mundos melhores, de esferas mais avançadas. O Plano Diretor sabe o que faz. De que valeria tratar de opulentas glórias, junto a quem não pode realizá-las de um golpe? Assim agindo, o Céu faz-se compreensivo e ao alcance de todos. E se alguém revela, em seus pensares, tendências a pretensões mais elevadas, esteja certo esse alguém, não estar aqui elemento prejudicial algum, oposição qualquer, para os seus esforços conquistadores. Faça a renovação interior de ordem intelecto-moral, projete-se às obras crísticas, lavre em seu íntimo a consumação ideal. Nós ficaremos na estacada, prontos a bendizer, louvar e respeitar a grande conquista.

Apenas, como experimentados na tarimba das *faltas por presunção*, avisamos sobre os perigos do exercício autolisonjeiro. Tanto quanto se pode errar por *negação*, pode-se também errar por *excesso de otimismo*. Já assinalamos, no início, com letras maiúsculas, como agem as Virtudes Básicas — sem preferências e sem prevenções de ordem particular! Não seja, pois, criatura alguma, nem quente nem fria em extremo, procurando manter o equilíbrio, o meio-termo, por constituir a chave dos melhores êxitos. Repetimos — *precipitações* e *extremismos* valem como provas de ignorância das leis fundamentais e dos recursos normais. Quando o espírito é de formação psicológica normal, equilibrada, o meio-termo oferece-lhe elementos de função evolutiva, também simples, também normal. Ao espírito embotado, encruado, petrificado ou dogmatizado, faz-se mister o choque, a dor, porque só a violência o demoverá, o fá-lo-á avançar. Este é o que sofre por estupidez, sendo aquele mesmo que, por estupidez, a seguir bajula a dor! Nem se poderia querer mais, é claro, de quem, por recalcitrância no erro, desprezando as vantagens divinais do Amor e da Sabedoria, encravou-se na involução, estatelou-se na cristalização, vindo mais tarde a sofrer as conseqüências de tamanhos absurdos.

Pela boca excelsa de Jesus Cristo, o Céu pede, como instrumento de ingresso, apenas isto — **Amor e Ciência**.

Aquele mesmo Divino Mestre que proclamou a necessidade imperiosa de amar a Deus com toda a força do coração, e de toda a inteligência, bradou também aos homens de todos os tempos, que o Céu *não quer sacrifícios e sim caridade*.

É muito natural que não consideramos, aqui, aqueles que valorizam em excesso *alguns sofrimentos*, fazendo alardeamentos pernósticos, ao mesmo tempo que desprezam e se esquecem dos múltiplos gozos da vida, das inúmeras horas de paz e de alegrias sadias, de todas as ofertas que lhes fazem, de todas as oportunidades que Deus, o Cristo e os irmãos lhes preparam. Sem dúvida alguma, ninguém deve atender aos manejos doentios de tais cassandras agourentas, de espíritos assim traumatizados, que, enquanto se pretendem muito evoluídos, nada mais fazem do que choramingar honras e piedades, eles mesmos se apresentando como vítimas do mundo. O que fazem, o que dizem, o que escrevem, dão mostras do que são e valem. Quando muito, apresentam teorias rebuscadas, dão-lhes a seu modo interpretações unguidas de *misticismos doentios*, e pretendem-se ultramissionários, anjos entre demônios, e demônios que só deixariam de ser ao lhes ouvirem as lamúrias, ao lhes comprarem os livros, ao lhes dobrarem o próprio espinhaço.

Há que contar, também, com aqueles que começando bem terminam mal, por se julgarem mestres e não servos da Verdade. Tornam-se pernósticos, contraditórios, repetições, maldizentes. Quase sempre apelam aos rebuscamentos científicos, enquanto falam mal da ciência, numa demonstração patente de muita vaidade e pouca espiritualidade. Jamais movimento algum se viu dispensado de tais espécimes.

De depois de ler com atenção o meu próprio relatório, e de me compenetrar de todos os valores e desvalores acumulados, passei uns dias, ainda, em franca vilegiatura. Fiz, por entre aquelas serras e aqueles vales, os meus primeiros ensaios individuais de *volição*. Por mais que pareça tudo muito simples, porque afinal se constitui o fenômeno de acionar pela vontade o poder e a autoridade para executá-lo, a verdade é que há necessidade premente de muito controle sobre a mente e a disposição realizadora. É preciso distinguir entre o pensamento passivo e a vontade determinadora, para imaginar à vontade, sem acionar o poder volitivo, sem embaralhar a mente e a força locomotora, criando um estado de temor e de inação. Com o tempo, entretanto, tudo se faz sem o mínimo emprego de preocupações, e com a máxima presteza e satisfação. É como se faz com a luz própria, que deve ser controlada, e cujo controle se aprende a fazer e aplicar com o tempo. Outrotanto se passa com a faculdade sonora ou musical. Para chegar a produzir boa música, pela emissão de vibrações ondulatórias, faz-se mister conhecer alguma ou muita coisa em matéria de música, bem assim como aprender a técnica do uso emissivo.

Entretanto, como já foi dito, temos de tudo em matéria de preparativos. Os que possuem aptidões e querem cursar, desde que estejam em situação favorável e apresentem condições e proposituras concordantes, podem fazê-lo. É de salientar, entretanto, que, não fazendo a morte milagre algum, como nem a vida o faz, também aqui não sobram os gênios. Os que estão altamente situados, galgaram tais alturas trabalhando, burilando suas tendências, seus pendores. Para todos os efeitos é assim, na Terra, aqui ou onde quer que seja. Em tudo e para tudo há que contar com o fazimento próprio. Quem não se desdobra, quem *não desabrocha os valores intrínsecos*, é como quem tem tudo e ao mesmo tempo nada tem.

Depois de algum tempo, quando estava bem traquejado no uso de alguns poderes, fui visitado pela irmã Eugênia, aquela que me visitara no hospital e com tanto carinho maternal me tratara. Era sempre a mesma, cândida, meiga, radiante, em si a expressão de algo mais sublime do que o comum. Ela era mais e melhor do que os demais habitantes da região que até então eu conhecia.

— Tenho, Camilo, grande necessidade de sua influência — disse, como quem só tem de direito pedir, nada mais.

Estranhei:

— A mim, pede a senhora, que sou a expressão dos débitos, que me sinto distante de sua posição hierárquica todo um infinito?

Olhando-me com aquela maternal ternura, avançou:

— Entretanto, estamos irmanados em muitas faltas e nalguns méritos. Não fosse assim, eu bateria em outra porta, pois reconheço que ainda tem direitos a valer, em matéria de aprendizados e descansos. Eu sei que é cedo... Mas, alguém há que pode ser feliz, contando com o seu beneplácito...

— Eu, senhora, conto com essas validades? Onde? Como?

— Na Terra. Entre amigos encarnados. Lá também está alguém a quem muito devemos, isto é, eu devo, mas você também deve, de algum modo...

Querendo confortá-la, intervim:

— Bem, toda a Humanidade ainda deve alguma coisa... Pelo menos a inferior. E se estiver em mim poder servir, conte comigo, que terei muito prazer em servir.

Ela sorriu, levantou-se, galgou uma certa altura, fez-se um foco de luz intensa e nunca mais me apareceu. Relatando eu o acontecido aos meus parentes, e depois a Alécio, disseram-me ser ela um agente de plano muito superior, que com essas manifestações concita ao trabalho fraterno, fazendo compreender que a intervenção do Plano Diretor é um fato, na vida de todos aqueles que já puderam sentir o amor do próximo.

Depois disso, lembrando a imensa candura expressa em seu semblante, e principalmente irradiante de seus olhos, compreendi que ela, de fato, devia trazer ou constituir uma mensagem do Senhor. Desde então, nos momentos de alta tensão, nas horas de expectativa dolorosa, por me achar em luta contra os beleguins do mal, ou quando sinto que os meus recursos amoráveis não bastam para fazer o devido bem, é a ela que me dirijo, invocando aquele amor imenso, que dela se irradiava, e que eu ainda não possuo.

— Quem será aquele alguém de que ela falou? — perguntei ao bondoso guia.

Alécio explicou-me:

— Todos aqueles que contam com os nossos serviços de amor. A Humanidade.

— Mas ela referiu-se à Terra. A alguém que se acha na Terra.

— Significou a sua incumbência. Deve trabalhar nos círculos do Consolador.

— Tanto melhor. Já tenho alguma prática.

— Então, Camilo, quando quiser começar é só falar.

— Só falar?

— Sim, só falar. Ainda ontem, falando aos amigos da Terra, durante os trabalhos, tive que falar a seu respeito. Querem a sua presença entre os serviçais do nosso plano.

Neste lado da vida, sabe-o, é muito difícil receber uma demonstração de amizade, sem que os centros emotivos não se comovam em extremo.

Com os olhos rasos, prometi:

— Está falado, Alécio. Aquela gente merece o que possa oferecer e muito mais. Na primeira ida, também farei a minha parte, assim como a minha pobreza espiritual mo permitir.

Abraçando-me, segredou-me o bom guia e amigo:

— Quanto você é sublime, quando se tem na conta do que é! Mal andaria, se aquele estado psico-mental avançasse para estes lados.

Lembrei-me daqueles pensamentos que urdia nos últimos dias de minha peregrinação carnal, quando me julgava um semiCristo. Envergonhado, pedi as devidas desculpas, pelo que me respondeu ele:

— Lutaríamos a valer, para recuperá-lo, caso isso acontecesse. Julga, então, que iríamos perder, assim à toa, um trabalhador como você? Vá lá que as trevas tenham os seus soldados, aqueles nossos infelizes irmãos, que ainda não se convenceram do poder da Verdade; vá lá que ela arme os seus laços e procure prender alguns elementos. Mas nós lutamos, e sempre vencemos, quando se trata de algum irmão, de algum trabalhador de fato amoroso, que emprega tempo e recursos na obra de assistência aos órfãos e aos necessitados em geral. Porque, de tudo quanto se faz, a título de ação confraternizadora, o mais importante é aquilo que se faz pelos que nada possuem nem podem devolver. Você foi, de fato, atingido pelas mentalizações de alguns inimigos do Cristo. Como o seu passado favorecia a intromissão de tais idéias, cedeu algum tanto, chegando a nos causar espanto, pelo que pedimos a sua desencarnação imediata. Assim que de mais alto veio a ordem, fizemo-lo deixar a carne. Mas, também nisso há o mérito de suas obras, o trabalho levado a cabo pelos deserdados do mundo.

— Que hei de fazer? Como vos posso agradecer?

— Nós não queremos agradecimentos; auguramos o prosseguimento da obra. Lembre-se de Eugênia e faça o quanto lhe esteja ao alcance. Nada mais. O Céu, de fato, quer *caridade e não sacrifício*.

— Já vo-lo disse; aqui estou, pronto a servir, como possa.

Ao despedir-se, deixou combinado:

— Amanhã estará em ação. Virei buscá-lo.

Em casa, quando relatei isso, muito se alegraram. Minha irmã, comentando, fez-me referência elogiosa:

— Você, quando se dá a ser simples e trabalhador, pode muito.

Estranhando um pouco, atalhei:

— Mas, afinal, ser simples e trabalhador não é a medida mais fácil de se pôr em prática?

Ela tornou, fazendo um gesto significativo:

— Parece que é. Vá visitar a Humanidade e constate por si mesmo. Passe, também, uma vista de olhos pelas zonas trevosas. São milhões de seres infernados, dolorosamente infernados, só porque acham que não convém ser simples nem trabalhar na Seara do Mestre, que quer dizer no Plano da Lei. Empregam os produtos da evolução, os recursos da inteligência, os melhores esforços de que são capazes, tudo para mal, tudo para mais se entrevarem. É assim, queiramos ou não. Por isso, apesar de ser fácil agir bem, é bastante grato saber de quem gosta de sê-lo, de quem procura cimentar em obras edificantes a função de viver.

Não sei por que motivo, naquela hora, sem que eu o desejasse, do mais íntimo de mim aflorou um estado conturbante, aflitivo, fazendo-me sofrer lembranças dolorosas; eu vi, dentro de mim, as imagens vivas e pungentes daqueles dias de negror, daquelas vidas criminosas. Francamente, parece que o inferno estava brotando no meu imo, como brotam na época certa as plantas, observando o trâmite das leis, o determinismo das forças telúricas.

— Que tem? — indagou-me ela, apreensiva.

— Não sei ao certo. Tremenda crueza me surte do íntimo. Que amargor!

Meu pai veio, aconselhando:

— Não pense em questões menos interessantes, meu filho. O pensamento, aqui, aciona velozmente o campo eletromagnético, e provoca ação imediata, precipitada, na razão direta. Deve pensar no que é bom, saudável, feliz...

— Eu sei, papai. Mas eu não quis pensar de outro modo. Aconteceu sem o beneplácito de minha vontade. Não sei de onde surgiu tanta amargura... É um afogamento...

Chegou-se minha mãe, concitando:

— Firme o seu pensamento em Jesus Cristo; Ele representa, na vastidão das gamas inteligentes e curativas, tudo o que há de melhor na Terra, em matéria vibratória. Procure, pela concentração poderosa, entrar em contato com as Suas ondulações...

Qualquer rajada potente passou por mim, fez-me perder os sentidos, embora por alguns segundos. A seguir, volvendo a mim, senti-me outro, como se tivesse passado por vigorosa *ducha eletrizada*.

— Que terá sido isso? — interpelei.

Fazendo um gesto de dúvida, ventilou meu pai:

— Talvez algum pedido... Alguém, lá da Terra, ou dalguma zona inferior, pensou em si com todo o vigor possível. Nós estamos muito próximos da crosta e muito mais próximos ainda de certas zonas ensombradas. Quando os pensamentos repousam em virtuosos propósitos, em rogos felizes, em desejos de recuperação, podem nos atingir e fazer sentir fortemente. Nesse caso, ou se foi por isso, dê-se por feliz, pois já é de se agradecer a *lembrança intercessora* de algum irmão, de alguém que nos julga suficiente para ajudar e capaz de realizá-lo.

Relembrando as palavras de Alécio, disse-lhes:

— Alécio falou-me de certos serviços por encetar.

Romilda, minha irmã, opinou:

— A estas horas ele está em função na crosta. Um grupo de senhoras piedosas, e por isso mesmo bem assistidas, reúne-se todas as quintas-feiras, procurando sarar dementados, pelo menos aqueles cujo mal principal seja por atuação de infelizes irmãos. É bem provável que tenha sido ele o causador de semelhante fenômeno. Se falou em si, ou se deu o seu nome a alguém, a fim de pedir auxílio espiritual, e se esse alguém o fez com inteira vontade e ardorosa força mental, tudo faz crer na realidade do fenômeno. Todavia, é melhor consultá-lo, para melhores esclarecimentos e disposições. Caso isso se positive, deve andar prevenido, nunca permitindo que o apanhem desprevenido.

— Compreendo. Mas como devo agir? Saber o que é, porque é, e gostar de servir, não significa poder executar, resolver a questão.

Minha mãe interferiu:

— Tudo virá a seu tempo. De modo geral, como de modo particular, nenhum valor psíquico, nenhuma virtude poderá ser conseguida *repentinamente*. Faz-se mister a ingerência do fator chamado *maturação*. Caso contrário, seria necessário intervirem o **milagre** e o **mistério**... Mas nós sabemos que disso não há na Ordem Divina, onde tudo é segundo *leis fundamentais* e *dinâmicas*, que harmoniosamente se coordenam, projetando os elementos aos gloriosos fins. Todavia, convém lembrar, esteja alerta sempre. Quem trabalha nestas esferas, nunca deve andar desprevenido. A Terra e os lugares de dor, com facilidade, atingem-nos. E se os bons aliam seus pedidos de auxílio aos impérios da Lei, por desejarem de nós algum benefício segundo a Vontade de Deus, não é menos certo que existem aqueles maldosos, esclarecidos a respeito de certas leis, que de longe nos procuram atingir com seus dardos mentais

venenosos. Sabem que somos trabalhadores do bem, que lhes estamos sempre neutralizando a obra nefanda, e procuram fracionar nossas validades mentais e emotivas, diminuindo assim nossas possibilidades de êxito. Se fôssemos de melhor hierarquia, contaríamos com outros recursos. Mas, como sabe, somos trabalhadores de escala inferior, por sermos ainda involuídos e algum tanto endividados. O lugar que nos serve é este, e o serviço de que carecemos não é outro. Está tudo certo, rigorosamente certo. Repare que, quando ligados fortemente ao *Cristo*, somos fortes, ninguém nos impõe vontades inferiores. Um Cristo é um Cristo, é Alguém que caracteriza o poder da Lei e a força do bem em geral. É sinônimo de intensíssimo poder vibratório, de Luz Divina. Alcançar Sua escala é sintonizar com a Luz Divina, é *neutralizar a treva*.

Fazendo ligeira pausa, para atender a um irmão que se lhe chegara para reclamar informação, a seguir completou o seu discurso:

— Pessoalmente estamos longe do grau crístico. Mas mentalmente podemos atingi-lo na vastidão das gamas vibratórias. Se de nós mesmos temos pouco para dar, não é menos certo que, como funcionários da Lei, podemos apelar para Quem a representa, neste planeta. Com o tempo, que quer dizer com exercício, há de ver o quanto é real e imediata a presença do Cristo em nossas atividades, e como nalguns casos se faz repentinamente vigente, *inspirando a tomada de ação ou de não ação*, conforme as disposições da Lei, ou segundo os merecimentos da pessoa visada.

— Reparo que estou sendo, de pouco em pouco, muito bem instruído. Também nisto quero dizer que esteja havendo a ingerência do Cristo.

Minha mãe sorriu, satisfeita, e convidou meu pai e minha irmã para determinado serviço. Eu fiquei em casa, aproveitando o tempo de folga em leitura deleitosa e instrutiva. Eu me sentia no Céu. Um Céu reduzido, proporcional ao meu grau evolutivo e de merecimento, mas na Glória do Céu! Estava ao lado dos mais queridos entes, com trabalho pela frente e cheio de possibilidades de contato com os da Terra, aqueles pedacinhos de coração que aí haviam permanecido. Que mais poderia desejar?

Minha primeira viagem à crosta não foi no rumo previsto; Alécio havia preparado campo a fim de serviço urgente, inadiável, onde o meu passado estava reflexo, e assim me explicou o desvio de tão suspirada visita e comunicação:

— Não se empenhe muito em visitar os seus parentes e amigos carnis. Lembre-se, antes, de ganhar alguns foros experimentais. E por que não defrontar francamente o problema das injunções emotivas? Quase sempre, Camilo, os parentes e amigos *prendem em demasia os recém-desencarnados*, atrofiando-lhes as melhores possibilidades. Como sabe, porque deve reconhecer em si o fenômeno, ainda paira em estado incerto, ainda vacila, sustentando um tom psicológico assaz frágil, incapaz de vencer um meio fortemente agitado para encadeamentos mentais, onde o eletromagnetismo atua coercivelmente. Naquele meio, por ora, nada poderia fazer, porquanto as *emissões potentes dos encarnados o prejudicariam*. Estudei o seu caso, a sua natureza ainda frágil, concluindo em que é necessário dar um pouco mais de tempo ao seu preparo. Necessita muita têmpera, muito autocontrole, a fim de não se conturbar naquele meio poderosamente atrativo, onde laços potentes o prendem. Seria perder muito tempo, ir e vir em estado confrangedor, abalar-se, abater-se, quebrantar-se dolorosamente.

— Reconheço o fato. Sei que irei passar, pelas primeiras vezes, por momentos confrangedores... A saudade comprime-me o coração... Estando perto, pelos anelos do mais vivo sentir, entretanto, sinto a tremenda separação! A morte é a ressurreição, sem dúvida alguma, não deixando de ser, também, a imensa incentivadora dos centros emotivos, tornando-nos intensamente sensíveis. Fico, portanto, ao inteiro dispor de sua criteriosa escolha.

— Serão apenas dois serviços a prestar. Depois, verá os parentes e amigos. E o fará em boas condições de ânimo, altamente temperado para tanto.

— Com apenas dois serviços?

— Com apenas dois serviços, por serem dois serviços longos e cansativos. Você irá sentir a presença dos infernos em sua própria estrutura... Mas, vamos ao serviço, conscientes do Supremo Poder, em virtude do qual venceremos.

Alécio foi ao encalço de cinco outros irmãos, dos quais eu a nenhum conhecia, mas em quem reconhecia muita superioridade sobre mim, assim como Alécio, que era marcadamente elevado sobre meu pai, minha mãe e minha irmã, ou sobre todos os

habitantes ordinários da região. Cumpre dizer, que muitos elementos das esferas superiores têm morada em regiões inferiores, onde *servem* e aguardam futuros acontecimentos, bem assim como outros que, embora residindo em esferas melhores, trabalham nas inferiores e têm articulação com os seus elementos. Enfim, como se dá *na crosta*, onde elementos representativos de todos os graus e matizes hierárquicos *se misturam e encontram*, trocando valores e contribuições, assim é que se dá aqui, embora sem tanta promiscuidade e choque, pois os mal propositados aqui não se acham. Nós os trabalhamos, os coagimos, os truncamos, como servidores da Lei e da Justiça; mas isso em seus próprios redutos, onde estão e lidam, até que se façam dignos de melhor sorte e ambiente. Nas esferas de paz, mesmo nas inferiores, embora haja nas criaturas quase tudo por fazer, em matéria de pureza e de sabedoria, não se admite, é claro, o propósito malsão. Casos há de queda, de rompimento, de fracasso; dão-se os acontecimentos julgados até impossíveis, as fragorosas derrocadas; mas, então, há queda em todos os sentidos, pois o elemento que se julga autorizado à rebeldia, aos rancores e vinganças, que, enfim, se permite assaltar e dominar pelos vulcões ou pelas chagas interiores, *esse desce*, barafusta celeremente pelos rincões trevosos, indo aprender com a dor o que não fez por adquirir através do amor e da sabedoria, da renúncia de suas vaidades e orgulhos, e do apego aos melhores conselhos e amparos.

Aqueles cinco irmãos, portanto, eram e são servidores mais potentes do que eu. Foi em companhia deles que eu e Alécio fomos atingir certa residência onde se achava um homem acamado, magérrimo, tão branco que causava medo.

— Temos que curá-lo? — perguntei.

— Já foi seu irmão carnal. Esta é a sua quarta encarnação expiatória. Nas outras desencarnou pela tremenda ação de elementos malévolos, vingativos, atrozmente insanos. Contudo, como a Lei é perfeita e a Justiça completa, apenas está resgatando faltas de um passado não remoto. Por volta do século quinze, esteve encarnado na Espanha, onde aprendeu feitiçaria. Dali mudou-se para a Palestina, a fim de escapar à Inquisição. Suas articulações com o plano astral foram simplesmente infernais. E, como é concludente, faz-se necessário o ressarcimento.

— E agora? Que lhe vai suceder?

— Vai ser curado e vai iniciar outra fase ressarcitiva. Até aqui sofreu horrores, sem esperança e sem trabalhos eficientes. Agora vai sarar, vai trabalhar nas fileiras do Consolador, vai ter a oportunidade que você teve... E você é que o vai guiar...

— Mas está quase moribundo!

— Mas não é defunto nem vai sê-lo tão breve. Servirá uns vinte e cinco anos, pelo menos. Para você, Camilo, é uma ferramenta e tanto! Note bem, é uma ferramenta e tanto!

— Muito bem. Considero uma graça de Deus e prometo servir com todo o amor de que seja capaz. Como deverei começar? Eu não sei como agir...

— Começaremos e agiremos em conjunto. Depois, quando tudo esteja pronto, lhe entregaremos a medida e a função, os deveres e os direitos. Em cinco minutos estarão aqui alguns irmãos encarnados, a fim de prestarem serviço assistencial ao enfermo. Através deles, como verá, começaremos a dar rumo certo aos serviços. Havemos de esclarecer, confortar, fazer brotar a esperança nessa alma entevada e nesta casa vinculada aos mais inenarráveis sofrimentos.

Naquela hora entrou para o quarto uma senhora, feita a imagem do sofrimento e da miséria. Atrás dela veio um menino, raquítico, aparentando ter uns doze anos.

— Esposa e filho? — consultei.

— Comparsas de crime, no passado. Agora, esposa e filho. Têm sofrido encarnações dolorosas, também. Mas, chegou-lhes a hora de melhorar alguma coisa.

A irmã encarnada, pousando a mão na testa do marido, disse ao filho:

— Graças a Deus! Não tem febre alguma...

O rapazinho, desconfiado, atalhou:

— Será que desta vez sararão mesmo o papai?... Às vezes começa bem...

Num tom muito triste, balbuciou a mãe:

— Onze anos de martírio... Quantas tentativas fracassadas!...

O menino aparteou:

— Papai sempre diz que nasceu infeliz; que jamais conheceu um tempo de paz e de saúde, um pouco de sorte. Tomara que chegue esse dia... Eu gostaria de trabalhar nalgum serviço melhor pago. A senhora não precisaria lavar tanta roupa nem aceitar essas esmolas...

— Fique quieto, meu filho! Muito devemos aos que nos assistem. Roupas velhas também cobrem e comida alheia também mata a fome... Eu sei como pensa. Está ficando mocinho, quer ter o que é seu direito ter; mas, pense bem, quando você era pequenino, e seu pai piorou, muitas vezes adoeci... Gente boa trouxe de tudo...

Bateram à porta, indo o menino abri-la. Um grupo de sete pessoas entrou, sendo imediatamente introduzido no quarto. Depois de algumas palavras, e enquanto a gente deste lado fez apresentações e tratou da ordem de coisas a seguir; sentaram-se os elementos do grupo ao redor do leito, iniciando suas preces.

O ambiente estava ultra-saudável, iluminado e potente. Os encarnados forneciam energias a valer, porque oravam com a alma, com todo o vigor de que eram capazes. Eles, bem se via, estavam amando o próximo!

Alécio falou a um dos mentores daquele grupo coeso e amavelmente superior:

— Diga, então, que dias melhores estão se avizinhando. Que Prieto vai desenvolver faculdades e que Deus é o mandatário de tudo. A seguir, faremos a primeira experiência, convidando-os a formar uma *cadeia de mãos*, à custa do que passaremos ao enfermo energias recuperadoras, a fim de suportar a atuação de Camilo.

Aquele servidor da Lei tomou uma senhora, falou, alegrou o semblante daquela gente recalcada de sofrimentos. Quando os do grupo fizeram a cadeia de mãos, começou a rodar, *da esquerda para a direita*, uma luz verde-azulada, que foi ganhando intensidade e poder, chegando a fazer vibrar todo o aposento, naquilo que eu podia ver.

Ouvi a ordem de Alécio:

— Suba no leito e ponha a sua mão direita sobre a cabeça do enfermo.

Saí da cadeia de mãos e subi ao leito, pousando a mão direita sobre a cabeça do enfermo. Agora, envolvido por aquele teor vigoroso de energias, eu não sentia a má impressão daquele rosto cadavérico. E, aos poucos, fui sentindo penetrar algo de meu naquele corpo enfraquecidíssimo.

— Ore com todo o poder de sua mente e com todo o ardor do seu coração — observou Alécio.

Foi a primeira vez em que, sentindo minha fraqueza, pensei em Eugênia e recordei-lhe a doçura do olhar. Quanto mais nela pensava, quanto mais parecia penetrar na profundidade de seu luminoso e meigo olhar, tanto mais sentia-me invadir o corpo daquele homem. Cerrei os olhos, para não ver, mas continuei vendo... Isso me causou uma gloriosa impressão.

Alécio, então, ordenou-me:

— Fale algumas palavras.

— Que palavras?

Assustei-me, porque o enfermo é que falou. Compreendi, então, que estava comunicado, ligado ao homem pela sua organização mediúnica. Parei, tive medo. Não sabia o que dizer, ao certo, embora tivesse vontade de fazer alguma coisa por aquela gente infeliz.

— Saúde os irmãos da carne. Diga palavras de amor e carinho — observou o servidor que estava comunicando por aquela senhora.

Falei, então, como se estivesse falando de igual para igual, sentindo alguma dificuldade, uma lerdeza, um pesado embaraço. Desejei paz, prometi, segundo a Soberana Vontade de Deus, auxiliar como fosse possível. E quando a esposa daquele

infeliz irmão caiu em convulsivo pranto, fui obrigado a derramar lágrimas. Dela me vinham ondas de luz roseada, porque ela estava vibrando com extrema gratidão.

Fui convidado a deixar o lado de Prieto. Retirei a mão de sobre a sua cabeça e descí do leito. Ele transpirava por todos os poros e sua dedicada esposa enxugava-lhe o suor.

— Hoje — disse aquele servidor — começou para vocês todos um tempo diferente. Nova ordem de coisas, novos trabalhos, mais felizes realizações. Modifiquem os seus pensamentos, melhorem as suas auras, procurem ser *alegres, sadios de mente e corpo*.

Fez silêncio para os encarnados, ouviu Alécio falar e a seguir advertiu:

— Quando cessarem de trabalhar mediunicamente, e de modo o mais evangélico, a paz e a saúde cessarão também. Lembrem-se disto que lhes mandam dizer. Têm necessidade premente de servir. A muitos irmãozinhos servirão, e neles serão servidos. Quem não dá não recebe; e vocês outros têm muita necessidade disso.

A senhora do enfermo, que se chamava Antônia, perguntou:

— Não precisará tomar algum remédio?

Alécio mandou dizer-lhe:

— Comer bem e tomar água fluida. Que haja prece em família todas as noites, ao deitar. O restante nós faremos.

Ao nos despedirmos, deixamos a alegria naquelas almas irmãs. Eu não sabia para onde iríamos. Alécio, entretanto, despedindo-se daqueles servidores que trabalhavam junto aos confrades encarnados, transportou-nos a uma *região semi-escura*, onde fomos deparar com alguns elementos acorrentados e metidos em calabouço. Eram rebelados terríveis, elementos muito degradados, que iniciaram berros e xingamentos, assim que nos viram.

— Esses é que estavam ao lado daquele pobre irmão — disse-me Alécio.

— São muito rebeldes, são infernais.

— São apenas nossos irmãos menos conscientes de Deus, da Lei e da Justiça. O programa de autofazimento não lhes está no plano de cogitações. Estão cegos perante a Verdade, e, sendo assim, estão em sofrimento. O Céu quer *caridade e não sacrifício, amor e inteligência, não sofrimentos...*

Alécio falava alto, para ser ouvido por eles. Por isso, fazendo breve pausa, prosseguiu:

— Entretanto, em face da recalcitrância, faz valer a Lei. Esta gente está em fase de licença. Ao cabo de alguns dias, serão cambiados para lugar bem mais difícil de ser

suportado. E assim por diante, de etapa em etapa, até chegar ao insuportável. Então, haverá o quebrantamento, o terror, o fracasso total da *teima e da má propositura*. Contra Deus ninguém pode lutar e vencer, porque o Seu desígnio é a glorificação total, o triunfo do amor e da sabedoria.

Dali nos fomos, sem fazer deles questão alguma.

— São muito endurecidos — comentei.

— São bastante tolos, apenas — volveu um daqueles servidores.

— Não agüentarão a metade da jornada disciplinar. Basta separá-los para que se revelem covardes. São mais orgulhosos do que valentes.

Dito isso, Alécio trasladou-nos para outro lugar, na crosta. Era um Centro Espírita e um irmão ali se achava, amarrado e caído a um canto, gemendo e lastimando a sorte.

— É um deles. — disse-me Alécio, apontando-o — Vê como está diferente daqueles?

Chegando-se ao gemente irmão, perguntou-lhe:

— Por que não se apega a Jesus? O seu programa é paz, é liberdade nos círculos do trabalho edificante.

O infeliz irmão lhe indagou:

— Onde estão meus companheiros?

Pausadamente, respondeu-lhe Alécio:

— No âmbito da Lei e da Justiça, onde todos nos achamos, uns para gozar nos serviços de harmonia, outros para sofrer à custa de suas próprias discordâncias. Não sabe que o Reino do Céu é problema de *ordem íntima*? Não sabe que todos somos iguais perante as leis fundamentais? Não sabe que carregamos deveres intransferíveis?

Soluçando, confessou ele:

— Nada sei disso... Há quanto tempo faço outras coisas... Ele também fez as piores malvadezas... Foi terrível... Malvado... Cruel...

— Cuide de si. Deixa-o, que a Lei é para com todos igual.

— É tarde... É tarde... — soluçava o pobre homem, o infeliz irmão, escondendo o rosto.

Alécio assegurou-lhe:

— Apegue-se ao Cristo e far-lhe-emos ver como a vida é o eterno presente. Não se faça tardo, não perca tempo. Hoje teremos nesta casa reunião, mais uma

oportunidade. Não se perca em choramingos, que nada resolvem e muito fazem retardar o espírito.

Ficou a chorar, enquanto fomos embora. Longe dele, Alécio comentou:

— Hoje à noite, será submetido ao cadinho mediúnico; depois, havemos de transferi-lo para lugar conveniente, onde irá *tomando gosto pela Verdade*.

Saídos dali, fomos parar noutra residência, onde um *espírito de padre* estava agarrado a uma senhora, causando-lhe males físico-mentais, acima de tudo de ordem sexual. Ele não nos viu, enceguecido que estava, completamente entregue ao seu nefando propósito.

— Também isso? — perguntei ao bondoso guia.

— Até pior do que isso há. Podemos dizer que há o inimaginável.

Depois de um curto silêncio, emendou:

— E não julguemos o próximo. Procuremos compreender as situações e façamos o possível para consertar algumas. Estes dois irmãos vêm errando de muitos séculos, caindo e tornando a cair, ora de um modo, ora de outro. Sempre que se reencontram, sentem uma terrível atração mútua, apegam-se e a derrocada aparece, em virtude das injunções pretéritas. Há desarranjo, neles, que começa na moral, invade as gamas etéricas mais próximas da centelha, penetra os elementos mais tênues do perispírito, domina-o por completo e atua no corpo somático, a começar dos gases, dos líquidos, impondo verdadeira corrupção patológica. É assim que, de um abalo psíquico surge um mal de ordem patológica e tristes conseqüências metabólicas. São dois pervertidos, mas agora tudo muda de figura, porque ele age no plano oculto. Devemos, portanto, intervir, porque não podem continuar assim. Além do mais, afora isso, são elementos de algum merecimento.

Alécio disse o que fazer e eles foram separados. O padre, quando reconheceu a situação, caiu em si de pavor e vergonha. A irmã, apesar dos pesares, parecia sentir falta do companheiro. Não se deu por satisfeita.

Dali nos fomos, entregando o padre numa casa hospitalar, em certa região bem próxima da crosta. Seriam separados por muito tempo, até se consertarem.

A noite veio e fomos ao Centro Espírita tratar daquele irmão. Ao seu redor estavam alguns irmãos, de *ínfima postura* na escala hierárquica; *não ruins*, porém carecentes de melhores encaminhamentos. Um guarda estava ao lado, ordenando não o tocassem. Ele gemia, pedia a Deus perdão, lastimava-se.

— Vamos desatá-lo — disse Alécio.

E foi imediatamente desatado. Com isso alegrou-se, criou ânimo, agradeceu.

O bondoso guia considerou:

— Se por apenas isso você sabe agradecer, como não ficará satisfeito, e como não glorificará a Deus, se fizer questão de observar a Lei. Porque, convém lembrar, ninguém vai a Deus sem ser pela Lei. Entenda bem — ninguém vai a Deus *sem ser pela Lei*. E o Cristo a simboliza, porque Cristo quer dizer Perfeição, quer dizer síntese geral. *Sem Lei e sem Justiça*, portanto, não há valor a considerar. Peço que se não esqueça disso.

Demonstrando gratidão, o enfarruscado homem prometeu:

— Farei o possível... Quero ser digno de vós outros, pelo menos. Deus está acima de cogitações.

Sorrindo, Alécio aparteou-o:

— Você conhece os quatro pontos cardeais da sabedoria bíblica?

— Bem... Sou fraco nessas coisas...

Paciente, mas gravemente, ensinou o mentor:

— Olhe. *Para Crisna*, que viveu mil e quinhentos anos antes de Cristo, a *súmula da sabedoria* residia na consciência da **UNIDADE**. Para o Cristo, a **UNIDADE**, que é Deus, ou a **ESSÊNCIA DIVINA**, manifesta-se em três manifestações principais, que são:

a — A Emanação,

b — A Lei,

c — As Virtudes.

Sendo assim, portanto, o Emanador, a Emanação, as Leis e as Virtudes ou qualidades, são inseparáveis entre si. Tudo é **UM** e **UM** é tudo. Logo, amigo, não

separe o que é uno por natureza. Porque a **ESSÊNCIA PRIMEIRA** é, a um tempo, Causa e Efeito. Quem despreza a Causa despreza o Efeito, e quem despreza o Efeito despreza a Causa.

— Isso é complicado — murmurou, de novo, o infeliz irmão.

Alécio fez sinal de não e concitou-o:

— Pois aprenda a ver tudo pela consciência da **UNIDADE**. Quando tenha conhecido essa realidade, conhecerá conseqüentemente as leis evolutivas e compreenderá as relativas liberdades e as absolutas finalidades. Nada deixa de ser **FILHO** e tudo encerra as marcas do **PAI**. Do íntimo de tudo emana o **DIVINO**, em leis, justiça, virtudes e necessidades de movimentação. Cumpre não fazer confusão entretanto, entre a **ORIGEM DIVINA**, as virtudes por desenvolver, as relativas liberdades e as diretrizes fundamentais, que impelem à Sagrada Finalidade.

— E quem fizer confusão? — indagou o pobre irmão.

— Quem cair em confusão, por certo descambará pelas sendas do erro e far-se-á presa da Justiça através da Lei. E a Lei, quando exigida a fim de reparar, fá-lo com rigor. Então surgem as dores, e os longos programas ressarcitivos.

Alécio fitou-o bem e fê-lo objeto de exemplo:

— Você é testemunho típico. Abandonou a Lei e caiu nas garras da Justiça. Agora lhe cumpre trabalhar pela *rearmonia*, pelo *reequilíbrio*, porque sem Lei ninguém pode estar bem. Não falo da Lei escrita, falo da Lei implícita ou ingênita, do poder diretriz que há no âmago de tudo e de todos.

— Por que não me tolheram logo de início? Por que consentiram ir tão longe nos caminhos do erro?

Deu-lhe o mentor a devida explicação:

— Oferece Deus, aos Seus filhos, a relativa liberdade, tornando-os semideuses. Quer Ele sejamos *espontâneos* no bem e na sabedoria. Entretanto, quando não sabemos usar de tal regalia, faz cessar a relativa liberdade e impele ao respeito da Ordem Geral. Por isso é que lhe disse — importa respeitar a Lei, porque ninguém vai a Deus sem ser por ela. O Cristo deu o exemplo total, pois veio para executar a Lei e não para ser contra a Lei.

— Tudo isso vem tão tarde! Tão tarde! — gemeu o infeliz.

— Não repita isso. A *eternidade* é presente sempre, não tem ontem nem terá amanhã. As divisões, que aliás são necessárias, estão no plano relativo. Como, porém, estamos tratando de realidades espirituais, ou básicas, deixemos as divisões e aferremo-nos ao Eterno. Avante! Levante-se! Vamos para a mesa, que os servos do amor e da ciência estão a postos. Vamos! Venha conosco...

Meu coração de espírito pulsava intensamente. Eu me sentia naquele irmão, que vinha de subir os mesmos degraus antanho subidos por mim. Fraco que era, derramei lágrimas cálidas, rendendo graças a Deus. E lá nas intimidades de minha alma sedenta de melhores postos, desejei muito fazer aquilo, trabalhar pelos que descambaram, subindo por fazer subir, melhorando por fazer melhorar.

Coutinho, tal era o seu nome, foi encostado a um médium e por ele falou. Recebeu cargas fortes de valores de variada ordem e atingiu um bom estado de *saúde* e de paz. Saiu dando graças e prometendo servir muito, a fim de recuperar o perdido.

— Sim — afirmou-lhe o mentor — muito terá que trabalhar. No entanto, se lhe foi dado recuperar o perdido à custa de trabalho, faça-o, porque importa nalgum merecimento. Não será tão mau assim... Terá feito algo de bom, nalguma parte, nalgum tempo. Tenha confiança em Deus, tenha confiança em si. Acima de tudo, nunca se esqueça da Lei... Para premiar ou para punir, mas está sempre presente, por ser íntima a tudo e a todos. Negá-la é possível, mas superá-la não.

Coutinho desfazia-se em pranto de reconhecimento. O amor havia suplantado a barbárie. Depois da morte, pela primeira vez, eu aprendia uma grande lição. A luta contra a besta interna tem que ser feita, seja onde for, mais tarde ou mais cedo. E para quem deseja lutar, sempre há quem venha em auxílio. Mas, por isso mesmo, ali estava eu defrontando os serviços consoladores... Lembrei-me do Pentecoste, da grande eclosão mediúnica, compreendendo a extensão da função messiânica de Jesus Cristo. O produto estava ali, sem dúvida.

Feito aquele serviço, fomos conduzidos por Alécio, a princípio sem saber para onde. Ao darmos com aqueles comparsas de Coutinho, que estavam *amarrados*, ficamos sabendo alguma coisa.

— Vamos levar este — determinou o mentor, depois de estudá-lo um pouco.

Os outros fizeram alarde, mas calaram imediatamente, porque os guardas do *presídio* intervieram a modo próprio. O escolhido emudeceu, por ignorar, talvez, o que lhe iria suceder. Todavia, nada lhe foi dito, a não ser no Centro, quando ali de novo chegamos.

— Fique aí e não faça escândalo. Caso contrário, muito irá sofrer, porque o tempo de liberdade relativa está findo.

— Ficarei sempre aqui, se ficar quieto? — perguntou, cheio de medo.

Alécio não lhe deu atenção, de pronto. Ao sair, disse-lhe apenas:

— Repare nos serviços... E, se puder, tire algum proveito...

Dito isso, partimos, indo visitar Prieto, a vítima de tudo aquilo, ou, para dizer melhor a vítima de seus próprios erros de antanho.

Prieto dormia. Mas seu espírito estava na carne, dormia juntamente. Alécio chamou-o e apanhou-o pela mão.

— Vamos levá-lo ao Centro. Dêem-lhe algum apoio.

Foi coisa de segundos. Estávamos de novo no ambiente de trabalhos. E o que eu não esperava, aconteceu; o elemento amarrado, ao ver a sua vítima, prorrompeu em gemidos profundos, surdos, agonizantes. Causava pena vê-lo daquele jeito.

— Conhece aquele irmão? — perguntou Alécio a Prieto.

— Não, senhor — respondeu Prieto.

— É um de seus algozes... Mas foi vítima dos mesmos erros, compreende? Deve-lhe desculpas e alguns préstimos. Quando estiver bom e trabalhando, hei de levá-lo, para que o sirva e seja servido. Afinal, no Reino de Deus não há lugar para ódios e malquerenças. Todos nos devemos tolerância, amparo e bons serviços.

— Está bem. Farei o que puder.

— Venha agora a mim.

Prieto acompanhou-o e foi colocado ao lado de um senhor que estava sentado na platéia, bem longe da mesa. Este senhor, luzente que estava, deve ter sentido a presença de Prieto, porque imediatamente deixou de irradiar em geral, para focalizar o enfraquecido irmão, que agora lhe estava ao lado e com a mão direita apoiada em seu ombro esquerdo.

Chegando-se a mim, disse Alécio:

— Dentro de oito dias Prieto estará bom para trabalhar em mesa. E você terá o seu instrumento de trabalho.

Findos os trabalhos, fomos devolver Prieto ao seu corpo. Estava alegre, esperançoso, acentuadamente recuperado. *A medicina dos fluidos* percutia no corpo físico e todo ele demonstrava recuperação evidente.

— Vamos para nossas bandas, que as obrigações de hoje estão cumpridas — convidou Alécio, muito satisfeito.

Lembrando-me, fiz a pergunta desejada:

— E aquela senhora de quem retiramos o padre? Como estará?

O mentor respondeu:

— Está sendo tratada por alguns irmãos da carne. E como não há que se esperar dali muitas vantagens, porque é um espírito fraco e viciado, não convém empatarmos tempo inútil. O que fizemos foi o bastante; ela, agora, que dê a parte de que é devedora. Recupere-se, evangelize-se, compenetre-se de que *o espírito é mais do que o corpo e a virtude mais do que os prazeres animais*.

— Eu não sabia que estava sendo tratada espiritualmente.

— Se alguém não tivesse feito por ela algumas preces, e não tivesse pedido para ela num ambiente espírita, nós não a teríamos auxiliado, porquanto nada sabíamos a seu respeito. Afinal, se nós somos dos serviços socorristas, e temos de atender, não é menos certo que *os encarnados devem nos procurar*, através de preces e outros contatos. A promessa do Consolador diz respeito ao esforço do Céu pelos homens, mas reclama dos homens a devida correspondência. *Quem se afasta será afastado...* E não nos esqueçamos de que o afastamento da conduta certa, quando não implica em outros erros, implica no culto de erros religiosos, de corrupções doutrinárias, de fraudes, de idolatrias, etc. Exageros e desmandos, fanatismos e descambos, são sempre filhos da má compreensão; e a má compreensão surge da *falta de análise fria*, surge das fermentações inferiores, quase sempre dos interesses subalternos.

Um dos presentes emendou:

— E o resultado é aquilo — a criatura desencarna e permanece escrava do mundo inferior, das garras animais, envolvendo outros tantos errados. Por fim, tantas são as relações de faltas e agravos, entre os de cá e os de lá, que com dificuldade ficamos sabendo quem tem mais culpa, quem mais deve, *quem mais obseda*.

Um outro interveio:

— Tudo por falta de *iluminação interna*.

Alécio observou:

— Como focalizar o problema da iluminação interna, sem ser pelos canais do *conhecimento e do esforço individual*? Desde os Vedas a lição do Cristo é justa; mas há muita falta de esforço individual, embora haja *fatalório em excesso*, gestos pagãos a valer, clerezias pomposas e santidade postiça à vontade. O mercado das especulações rendeiras funciona febrilmente; mas pouca gente faz como deve o *culto da sabedoria espiritual*. Conhecer leis fundamentais e viver decentemente, isso não faz parecer importante... E os homens gostam de ser ou parecer importantes. Não é crime pretender ser; mas não fica bem, apenas pensar que é.

Era hora e nos despedimos. Teríamos algumas horas de lazer, e eu queria terminar a leitura de um livro. Demais, ainda necessitava, como *necessito, dormir*.

Fator de ordem ponderosa, imensamente ponderosa, é o corpo que temos, ou que fatalmente devemos ter. Dizer a um encarnado o que seja o nosso corpo, ou perguntar-lhe, demanda sempre uma cogitação superficial, distante, imprecisa.

*Nunca deixamos de possuir um corpo; e este será, na vastidão das gamas hierárquicas, segundo como o espírito for, ou se tenha feito, em perfeição geral. Nada reflete mais o grau de elevação, ou o matiz evolutivo, do que o *corpo astral*, do que o *perispírito*.*

*O corpo astral é a figura de vanguarda do espírito. Tudo quanto lhe mitigue a interioridade reflete nele, fala por ele, vaza-se através dele. Se a centelha se faz preciosa, sublime, ele se faz *rarefeito*, glorioso, divinal... Mas se a centelha se enfronhar de novo em borrasqueiras carnis, ele ficará *grosseiro*, pesado, chumbado ao solo e aos sofrimentos.*

Permitam-me dizer, senhores, que é **vago** o seu conhecimento sobre tal elemento. Os nossos planos variam de grau e de matizes de grau, sendo natural que seus habitantes comportem corpos relativamente específicos. E tão longe vai a *variedade*, na ordem de escala, que tentar dizer representa trabalho quase inútil. De um momento para outro, em função de uma determinada injunção mental-emotiva, já aparece a mutação, a variação, o adensamento, a contração e a menor liberdade em gozo e mobilidade. Para haver *elevação dinâmica* faz-se preciso *pertinácia*; mas a descida pode ser precipitada, pode ser violenta e imediata. Cair sempre é muito mais fácil do que levantar. Entretanto, os elementos motores estão no próprio espírito, pertencem à posse da individualidade. Não lhe pertence a lei com a qual joga, ativa e faz variar; essa é, pertence do Plano Divino; mas lhe pertence o direito de acioná-la, de movimentá-la. Tanto assim, que fica herdeiro, sempre, do direito de acioná-la e dos efeitos produzidos.

Pensar, sentir e agir, tais são os instrumentos de uso e forçamento. Os resultados nunca falham e são sempre intransferíveis.

Está evidenciado, portanto, que a criatura tem nas mãos a chave da vitória ou dos fracassos. Nas mãos, quer dizer, no direito de uso e ativação.

Tudo se transforma, portanto, em simples e puro caso de emprego. Quem se faz conhecedor e diligente, tanto melhor; quem vacila, e por isso tende aos caprichos inferiores, seja por que motivo o for, tanto pior. Se pela casca se conhece o cerne,

sem dúvida que pelo *corpo astral*, em seu *natural*, se conhece o *grau de evolução da centelha*, em sua caracterização.

Digo em seu natural, porque os *fortes* dominam e dão ordens aos elementos constituintes de seus corpos, apresentando-os como bem entenderem. Todavia, a forma não é que faz a paz e o gozo, ou o estado de glória. A questão é de ordem *íntima* e de *liberdade*. Quem se restringe, por vontade própria, para servir, ou por motivo que julgue interessante, não é como quem é restrito por imposição superior ou judiciária. Importa estar no uso dos direitos de livre escolha; importa ser como melhor convenha. O que não serve, o que não convém, é ser obrigado, mesmo que a obrigação parta de movimentações internas, mas irrefreáveis.

Isto vem a propósito, é claro. *E o caso foi o seguinte*: dias depois daquela primeira sortida, quando todos aqueles amarrados irmãos já estavam encaminhados, e quando Prieto dava início aos serviços de vazador mediúnico, fomos convocados a servir uma família, em cujo seio lavrava tremenda discórdia, por se haver uma filha decidido a infeliz casamento.

— Temos ordem de intervir — anunciou Alécio.

E para lá nos baldeamos, qual repentino pensamento.

— Esse, o infeliz irmão — disse o mentor, apontando um espírito, afinal um homem, que, debruçado sobre a mesa da sala de jantar, sofria algum mal.

Ouvindo-nos, levantou aquele irmão a cabeça, pondo-se a nos ouvir, com vago olhar e dolorosa prostração. O seu semblante era turvo, revelava imensa dor íntima.

— Amaral, vamos embora — convidou-o Alécio, com extrema bondade.

— Eu?!

— Sim, você.

Assustado, aparteou o infeliz:

— Mas se tenho aqui tanto por fazer!

Alécio procurou instruí-lo:

— Engana-se. Tudo quanto conseguiu foi reduzir-se psiquicamente. Perdeu em dinamismo espiritual e ganhou em peso material; *atrofiou-se, prendeu-se ao mundo*, está chumbado ao solo. Nem mais consegue orar... Seu pensamento está preso e sua vontade é escrava de cogitações que lhe não cumprem mais.

— Deveras... Deveras...

— Vamo-nos, então. Há ordem superior para afastá-lo desse meio.

Olhou-nos com bondade, indagando:

— Para onde vão me levar?

Sorrindo, o bondoso mentor informou-o:

— Para onde nada saberá das ocorrências terrenas e familiares. Necessita recuperar o estado anterior de paz e liberdade, trabalhos e regalias. Afinal, Amaral, se temos alguma coisa em comum com os encarnados, familiares ou não, essa alguma coisa não quer dizer tomar a cargo suas questões e obrigações, necessidades de luta e conseqüências deliberativas. Há uma *fronteira* entre os dois lados e as responsabilidades individuais. Não podemos fazer o mundo a nosso gosto, nem devemos pretender inibir as liberdades alheias, ou assumir as responsabilidades de terceiros, sejam parentes ou não.

Amaral baixou a cabeça e chorou amargamente. Alécio deu-lhe a mão, fez-nos apanhá-lo pela outra e convidou-o:

— Não perca tempo. Vamo-nos daqui.

Pôs-se de pé, concordando:

— Têm razão. Nem sequer pude evitar esse malfadado casamento... Eu já me achava bem. Livremente quis vir e aturdiu-me o corpo e a alma...

— Enfarruscados os centros emotivo-mentais, tudo se embrutece e se torna *pesado*. Não lhe deram os devidos conselhos?

— Deram... Mas eu quis vir e agir. Perdi tempo e regalias... Quando pensei em voltar, um dia, não mais pude. Estava chumbado ao solo. Comecei, então, por intervir com afinco. Mas tudo foi inútil. Minha filha casou-se com aquele canalha... Um patife!...

— Os patifes também são nossos irmãos. Devemos-lhes algumas oportunidades de recuperação. Com apenas desprezos, quem se emendaria? Todos nós temos tido as nossas falhas, os nossos deslizes, e de algum modo nos temos recuperado. Faça, por isso mesmo, alguma coisa pelos outros.

— Nada espero dele...

— Mesmo assim, sua filha o quis. Quando nada, tem ela direito à experiência. E que poderia fazer agora, sem ser piorar e piorá-los? Não compreende que a sua atuação é apenas contrária ao bem geral, agora que são casados e têm os seus problemas a resolver? Quer transformar-se no algoz de sua filha e de seus netos?

Alécio assim falava, quando apareceu no ambiente, vindo qual um raio de luz, um vulto de bem alta postura hierárquica. Sua altitude evolutiva obrigava a elevado respeito. Ele excedia em muito a hierarquia de Alécio.

— **Paz!** — disse ele, fazendo um sinal de mão.

— Paz! — respondemos nós, com imenso prazer de alma.

Olhando para Amaral, disse-lhe:

— Quero fazer-lhe uma pergunta.

— Terei prazer em dar-lhe a resposta, se puder, meu senhor.

— Que direito tem de querer tanto à filha de hoje, a ponto de odiar tanto o filho de ontem?

O silêncio envolveu-nos, assaltou-nos. Amaral ficou estático. O sinistro de seus olhos fez-se arrependimento e pelas faces corriam-lhe filetes cristalinos. A resposta não apareceu.

O belo e majestoso vulto, fazendo novo sinal, despediu-se:

— Que a paz de Deus fique convosco!

Amaral foi saindo e nós fomos atrás dele, para o quintal. Seu genro ali estava, pintando a parede traseira da casa, estando sua filha ocupada em lavar roupas. O arrependido homem fitou-os muito tempo, pensou e repensou mil coisas, talvez, para objetar:

— Agora, meus irmãos, eu poderia ficar... Poderia ficar, sim senhores.

Alécio redargüiu:

— Cumpra-se a ordem. Vamos embora. Quando quiser voltar, para outros fins, o Céu tomará suas deliberações.

Estendeu comprido olhar aos seus familiares, dizendo:

— Estou pronto. Vamos, então.

E transportamo-lo para o lugar indicado. Eu, de minha parte, aproveitei muito da lição, além de folgar deslumbrantemente com a presença de tão elevado irmão. Apesar dos pesares, sabendo perfeitamente que somos todos, em natureza, portadores de tão gloriosos poderes, só mesmo vendo e sentindo alguém assim é que sentimos e certificamo-nos de que também podemos ser iguais. *Iguais e muito mais, pois somos Cristos em fazimento!* Aquele irmão, afinal de contas, está, *apenas um pouco mais perto*, ou muito mais perto do Cristo, do Grau Ideal, do que nós. Nada mais. Entretanto, quanta graça há em tais criaturas!

Prieto desenvolveu a contento as suas faculdades mediúnicas; e não era apenas capaz de ser um bom médium falante, com marcada tendência a servir espíritos de calado vibratório assaz inferior; servia, também, nos serviços que para estas regiões se prolongavam, quando havia necessidade de alguns elementos fluido-eletromagnéticos. Era primorosa fonte de ectoplasma e com os seus fornecimentos pudemos, em variantes casos, atender a muitos necessitados, daí e daqui.

Trabalhamos, portanto, vinte e dois anos em conúbios consoladores. A previsão de Alécio cumpriu-se integralmente, porque ele lhes *conhecia o programa*. Deviam passar por tudo aquilo e passaram. Foi realmente agradável tê-lo como comparsa de serviços. Mais do que isso, pois a sua companhia é, agora, motivo de reconhecida importância executiva e penhoroso testemunho de aplicação fraterna.

Quanto ao contato que cheguei a ter com os meus familiares, dias depois do nosso primeiro serviço em mesa doutrinária, devo dizer que muito me fez defrontar contraditórias vicissitudes. Foi um não saber como agir; foi uma verdadeira balbúrdia emotivo-mental; alegrias e tristezas fizeram-se irmãs, saudades e satisfações chocavam-se, situando o estado de alma num torvelinho de altos e baixos incontroláveis. Em meio a sofridas lágrimas, pude sorrir ao Céu e render graças pelo encaminhamento deixado. A semente não era aquela de antes, da vida anterior, quando edificara nas mentes a muralha negra da negação e do erro; semeara agora a boa semente, levantara nos cérebros e nos corações o templo da fé e o pedestal do amor aos semelhantes. Se me angustiava a separação, alegrava-me a comunhão de propósitos celestiais e o emalo oferecido. Lacrimando, embora, pela distância formal que o meu desencarne impusera, colhia os frutos do exemplo imortal e no imo de mim mesmo rendia graças a Deus.

Estavam todos aureolados; ninguém apresentava aura menos recomendável em coloração. Ao vê-los, senti o prazer da trilha que vinham seguindo, em minha companhia e sob a minha orientação. Por isso, depois de Alécio avisar que meus parentes teriam a satisfação de minha primeira palavra, e os amigos e confrades a oferta de meus humildes préstimos, tudo quanto pude fazer foi encostar no médium e dominá-lo, para derramar penhorosas lágrimas de gratidão ao Céu.

Depois, passado o transe de funda emoção, falei-lhes com alguma veemência, em grande parte sob a influência de Alécio. De tudo quanto disse, resumindo, a linha mestra apontada foi o culto da fé científica e produtiva em obras de amor. No meu

campo áurico, naquele momento, apresentou-se *a visão gloriosa do Pentecoste*, do Batismo de Espírito; vi o Cristo redivivo, no alto, enviando Seus mensageiros, primeiro fazendo-os proclamar Suas verdades através dos Apóstolos reunidos, depois a se estenderem por toda a face da Terra, atingindo os seus extremos. Eu havia, em vista dessa visão, feito pausa em meu discurso; não seria possível a continuação, preso que me senti, e absolutamente absorvido por aquela gloriosa manifestação. Quando quis prosseguir, já não era senhor de mim, já algum outro poder se me impusera, obrigando-me a ceder. Agi, então, como se estivesse na Terra, servindo qual médium — e aquele poder que me tangia fez o relato da gloriosa visão, entrando depois a dissertar sobre a significação do memorável acontecimento bíblico, do mais exemplar de todos os ensinamentos de ordem religiosa de que a História se faz registro.

Aquela noite foi um tempo de ceifadura inolvidável! Sofri angústias pela separação sentida; regozijei-me com a lavradura feita e pelo encaminhamento dado aos mais queridos entes; e vinculei meu caráter religioso, de uma vez para sempre, à trilha reta que o Senhor Planetário abriu, a fim de que todos possam cultivar os valores fundamentais do espírito, sem os embaraços da idolatria em geral. Foi um dia memorável, foi um tempo feliz!

A sessão findou e nós rumamos aos nossos *domicílios astrais*. Eu viajava nas asas do éter e dos mais lindos pensares. Minha alma rendia graças, meu cérebro estava iluminado. Tinha a impressão que milhões de anos poderiam passar, sem que eu tivesse necessidade de alguma outra atenção ou atividade. O eterno presente, assim vivido, empolgava-me e seduzia-me completamente. Como era deleitoso viver aquela situação! Eu desejaria jamais sair daquele deslumbrante estado, tal a infusão celestial que me fornecia!

— Camilo! Camilo! — ouvi Alécio exclamar, ao atingirmos certa região.

Senti, então, que algo me abandonava, de mim se desprendia, deixando-me ao natural, que era e é feliz estado, mas que está muito longe daquele vivido em tal circunstância.

— Que foi? Onde estamos? — respondi, assim que pude falar.

— Olhe para o local...

— Maravilhoso!... E bem melhor do que...

Avançou ele, sentenciando:

— Aqui será tua *nova morada*, embora deva continuar muito tempo naquele mesmo serviço. Os seus também virão, não se preocupe.

Encantado com as dádivas do Céu, exclamei:

— Senhor! Hoje foi um dia de maravilhas sobre maravilhas! Que eu jamais te desmereça, meu Senhor! Recebe em teu divino seio o meu preito de gratidão!

Alécio colocou-me a mão direita sobre o ombro, indagando:

— Pode esperar tudo isso da parte do Senhor. Mas, sabe o que foi dito a Orfeu, o que em verdade aconteceu ao Grande Místico, durante a sua preparação terreno-doutrinária?

— Eu sei, meu grande amigo, que estando em transe mediúnico, mostraram-lhe a **LUZ DIVINA**, e que ele desejou nela penetrar e fazer morada eterna. Sei, também, que o Glorioso Instrutor lhe dissera:

“AGORA QUE SABES, VOLTA E TRABALHA. ENSINA AOS HOMENS TUDO QUANTO PUDES, PARA TE FAZERES DIGNO DA LUZ QUE NOS GERA, SUSTENTA E DESTINA.”

— E daí? — perguntou-me Alécio, com viva inteligência.

— Orfeu, diz a obra que eu li antes de reencarnar pela última vez, fazendo minha preparação histórico-religiosa, voltou e foi cumprir sua missão entre os homens, foi tratar de merecer a **LUZ DIVINA**.

Com significada entonação, comentou ele:

— Compreendamos bem. Estando em nós como **FUNDAMENTO**, devemos trabalhar com todo o amor possível e com toda a inteligência para fazê-la esplender. E é isso que devemos fazer. Portanto, voltemos agora para as nossas devidas atividades, e façamos tudo quanto nos esteja ao alcance, em obras de *sabedoria* e de *amor*, a fim de brilharmos como estamos destinados a brilhar.

Abraçamo-nos, entre clarinadas espirituais, e fomos a seguir *repousar um pouco*, a fim de estarmos a postos na hora das obrigações. Sem preparação e sem trabalho, que se poderia conseguir?

F I M